

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Gilberto Rodrigues de Campos

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE EM
SOROCABA

Sorocaba/SP
2007

Gilberto Rodrigues de Campos

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE EM SOROCABA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Vania Regina Boschetti.
Universidade de Sorocaba – UNISO.

1º Examinador: Profa. Dra. Maria Lúcia de Amorim Soares. Universidade de Sorocaba UNISO.

2º Examinador: Prof. Dr. Marcos Garcia Neira.
Universidade de São Paulo – USP.

Sorocaba/SP

2007

AGRADECIMENTOS

Meu carinho especial à todos aqueles que de algum modo, estiveram comigo, nesta etapa da vida acadêmica.

Agradeço a Prof^a. Dr^a. Vânia Regina Boschetti, minha orientadora, pelas valiosas contribuições e pelo apoio no momento mais difícil da construção desta dissertação.

À Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia de Amorim Soares e ao Prof. Dr. Marcos Garcia Neira, integrantes da banca avaliadora, pela sensibilidade e pelo apoio.

Aos professores e alunos do Programa de Pós-Graduação da UNISO, por não me deixarem desanimar quando as coisas pareciam não ter mais sentido. Também agradeço de modo especial aos funcionários da Pós-Graduação, representados na pessoa da Charleny Francine Lagoa.

Aos meus pais, Pedro e Irani, agradeço o afeto incondicional; ao meu irmão Carlos, também profissional de educação física, pela troca de informações e à minha irmã Kelly pela torcida e incentivo.

A minha esposa Keila, que durante três anos foi tolerante com o tempo roubado por este trabalho quando acumulou funções para que fosse possível a realização do mesmo.

Também sou grato aos funcionários, professores e alunos da E.E. João Rodrigues Bueno, especialmente ao pessoal da secretária pelo incentivo e pelas orações pelo sucesso deste trabalho.

Ao meu filho Gilberto, agradeço pelo amor traduzido em gestos e olhares, pela benção do sorriso, apesar das longas esperas pelo computador. Muito obrigado Gilberto Filho e perdão pelo tempo roubado da nossa convivência.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da institucionalização da educação física e do esporte em Sorocaba, resgatando e analisando a memória documental e oral relacionada à educação física escolar e ao esporte, a partir do acervo disponível, bem como sua reconstituição em função da memória viva dos protagonistas. Portanto o texto percorre, em forma de narrativa, parte da história da cidade no que se refere aos sujeitos de estudo. Também, são abordadas as relações estabelecidas entre o esporte e a educação física escolar, sua situação a partir da realidade enfrentada pelos professores. Entrevistas com profissionais da área, muito enriqueceram o trabalho. Nesse estudo percebe-se uma forte influência do esporte na educação física, levando a reflexão das diversas possibilidades educativas atribuídas à ele.

Palavras-chave: História; Educação Física; Esporte.

ABSTRACT

This work aims at investigating the institucionalization of the Physical Education and sports in Sorocaba. It rescues and analyzes the documental and oral memory related to school physical education and to sports starting from the available collection, as well as, the rebuilding of its function considering the live memory of the protagonists. Therefore, the text presents in a narrative form, parts of the history of the city in what refers to the subject of the study. This study is also concerned with the established relationships between sports and the school physical education and its reality in the teachers' view. This work was quite enriched with the interviews taken with the professionals of the area. In this study, it is noticed a strong influence of sports in the physical education, what brings a possible reflection about the several educational possibilities in the area.

Key-words: History; Physical Education; Sports.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 – Esporte e Educação Física.....	14
1.1 - Concepções de Educação Física.....	14
1.2 – Aspectos da Educação Física e do Esporte.....	18
1.3 - Educação Física no Brasil.....	19
2 - Institucionalização da Educação Física e Esportes em Sorocaba.....	24
2.1 – Os primeiros tempos.....	24
2.2 – O esporte e a educação física escolar.....	33
2.3 – A formação dos profissionais de educação física.....	49
3 – Diálogo com a realidade.....	54
3-1 – Análise das entrevistas.....	57
4 – Considerações finais.....	60
5- Referências Bibliográficas.....	66
6 – Anexos	
Anexo 1 - Entrevista com professor 1 em 07/10/2006.....	70
Anexo 2. Entrevista com professor 2 em 13/10/2006.....	84
Anexo 3. Entrevista com professor 3 em 19/12/2006.....	101

INTRODUÇÃO.

O interesse pelo esporte e Educação Física em Sorocaba se deve à longa experiência que possuo com ambos: posso dizer que estou em contato com a disciplina Educação Física, desde criança com o início das atividades escolares; já o meu início no esporte aconteceu quando eu tinha nove anos, com a prática de judô no SESI de Sorocaba, com o professor Antonio Rizzardo Rodrigues. Uma história de aproximadamente 31 anos.

Minha lembrança mais precisa em Educação Física se deu a partir da quarta série na Escola Municipal de 1º e 2º Graus Prof. Achilles de Almeida, com a professora Bernadete Stecca Moreira, que iniciou minha afinidade com a Educação Física. No ano seguinte, já na 5ª série com o professor Ataliba Ferraz, comecei a participar das turmas de treinamento de basquete da escola.

No ano seguinte começaram as competições estudantis, que tinham grande destaque na escola e na cidade, com os jogos sendo realizados no Ginásio Municipal de Esportes Dr. Gualberto Moreira, sempre com grande público.

A E.M.P.S.G. Prof. Achilles de Almeida era uma potência esportiva, em termos de competições escolares, e juntamente com a E.M.P.S.G. Getulio Vargas, Escola Estadual de 1º e 2º Graus Julio Prestes de Albuquerque e algumas escolas particulares, formavam o rol das escolas tidas como favoritas nessas competições, envolvendo, portanto boa parcela dos estudantes da cidade.

Meu empenho no esporte proporcionou momentos significativos. Em 1980, cursando a oitava série, recebi o prêmio de destaque do ano, em uma cerimônia na escola. As premiações para entrega de prêmios e divulgação das conquistas esportivas evidenciavam o valor dado ao esporte pela escola em que eu estudava. Era um momento aguardado pelos jogadores e para os demais alunos – a torcida da escola. O diretor pronunciava-se destacando a

dedicação dos professores, o empenho dos atletas e o resultado dos jogos. Cada um se sentia vencedor de alguma maneira. As fotos a seguir ilustram, em parte, esse espírito.



1980 - Cerimônia de entrega de medalhas, pelo Prof^o. Ataliba Ferraz (arquivo particular).



1980 - Cerimônia de entrega de medalhas, na foto com o Diretor Milton Marinho Martins (arquivo particular).

No ano seguinte, mudei para E.T.E. Rubens e Faria, e tive contato com outro grande profissional da área da Educação Física, o saudoso Prof^o. Amaral. “Seu” Amaral, como era chamado, possuía um modo todo característico de

ministrar as aulas, cantando as ordens em vez de falá-las. A convite do professor passei a fazer parte das turmas de treinamento de basquete da escola.

Nessa época aconteceu minha convocação para integrar a seleção sorocabana de basquete, sobre o comando do Prof^o. Nilton Correa da Costa Junior, o Campineiro, uns dos expoentes do basquete sorocabano como jogador e como técnico. Campineiro foi idealizador dos I Jogos Esportivos dos Grupos escolares em 1959 e também do Torneio Aberto de Salão Cruzeiro do Sul que viria a se tornar um dos maiores do Brasil em número de participantes, fato que se manteve até os dias de hoje. Com isso fui tendo contato com a “velha guarda” do esporte sorocabano e conhecendo na prática todos os seus personagens e suas histórias.

● Somente ontem é que o Departamento Técnico da Federação Paulista de Basquetebol divulgou a lista dos jogadores convocados para a Seleção Paulista que participará do Campeonato Brasileiro Infanto-Juvenil, em lugar a ser designado pela CBB. 45 jogadores foram convocados, sendo que as apresentações foram divididas em duas partes: nos dias 11 e 12, a primeira parte e nos dias 18 e 19, a segunda parte. No dia 23, a comissão técnica convoca os 18 melhores jogadores que disputarão as 10 vagas.

● Os convocados para os dias 11 e 12, às 16 horas, no ginásio do EC Sirio: Pirelli — Xoxó; Sirio — Betinho e Fábio; Francana — Guilherme, Fernando e Nunes; Corinthians — Paulinho; Continental — Carlinhos, Aldo, Antônio Carlos e Paulinho; Santo Américo; Helder; Monte Líbano — Jorge; Paulistano — Nardif; Saldanha — Marcelo; Estoril — Marcelo; São Bernardo — Boim; Tietê — Laerte; Pinheiros — Carlão e Arareense — Pinton.

● Convocados para se apresentarem nos dias 18 e 19, às 16 horas, no ginásio do Monte Líbano: Sirio — Teddy e Cláudio; São Bernardo — Paulinho; Pinheiros — Ladislau e Wladimir; Continental — Marcelinho, Gim e Alexandre; Espéria — Wilson e Ronaldo; Pirelli — Foguinho e Reginaldo; Campineiro — Dácio, Passarinho e Perinha; Minercal — Renato e Gilberto; Corinthians — Luizão; M. Zacharias — Marcel; Paulistano — Duca; Santo Américo — Adriano; América-RP — Márcio e Laércio; Juventus — Paulo Sérgio.

● A Comissão Técnica do Infanto-Juvenil será formada pelos técnicos Paulo Siviero (Espéria), Márcio Cesar Caviglia (Campineiro) e Carlos Alberto Teixeira (Corinthians), sendo que o diretor responsável será Roberto Bucharelli (do Espéria).

Convocação para seleção paulista infanto-juvenil, Jornal Gazeta Esportiva em 08/06/1983.

Em 1983, nova mudança de escola: fui convidado a estudar no Colégio Anglo, que por meio de um sistema de bolsa de estudos, reuniu a maior parte das revelações esportivas de Sorocaba, para formar equipes representativas, com o intuito de disputar as competições escolares.

Nesse mesmo ano fui convocado para a seleção paulista para disputar o Campeonato Brasileiro Infanto-juvenil. Como há muito tempo nenhum jogador sorocabano era convocado para uma seleção, o fato teve grande repercussão levando inclusive a convites, não aceitos, para jogar em outras equipes do estado de São Paulo.

Em 1984, dois acontecimentos fizeram com que aumentasse e muito, meu interesse pela Educação Física: um deles foi o ingresso na Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba (FEFISO). A instalação da faculdade muito contribuiu para a ampliação do papel da Educação Física na educação, pela expansão da formação de professores específicos na área e, o outro foi uma grande contusão, que me afastou por um bom tempo da prática esportiva.

Com a instalação do SESI de Votorantim, vários profissionais da Educação Física foram trabalhar nesse centro esportivo, como o Prof^o. Sérgio Antunes de Oliveira, que por isso, afastou-se das aulas no Colégio Salesiano São José me indicando para substituí-lo. No Colégio ministrei aulas desde a primeira série primária até o terceiro colegial. Eu havia acabado de concluir o curso de graduação na FEFISO.

O colégio determinava que houvesse ordem unida e marcha, necessárias para os desfiles cívicos da época. O trabalho previa ainda as turmas de treinamento de futebol e basquetebol. Cumpridos esses requisitos havia liberdade para diversificar as aulas.

À experiência escolar associaram-se as práticas esportivas vivenciadas como técnico de basquete das equipes que disputavam Jogos Regionais, Jogos Abertos do Interior, Campeonatos Paulistas, Seletiva para o Brasileiro Adulto de Basquete. Toda essa experiência me permitiu um contato com diversas práticas cotidianas da Educação Física.

Toda essa trajetória me levou a elaborar este trabalho que tem por objetivo o estudo da institucionalização da educação física e do esporte em Sorocaba. As fontes que possibilitaram a execução deste trabalho foram variadas. Além

da consulta bibliográfica contei com dados de trabalhos acadêmicos, fontes primárias e entrevistas com profissionais da área.

Uma preocupação deste trabalho é constatar que juntamente com a institucionalização da educação física em Sorocaba, se deu também sua esportivização. A reflexão provocada pelo uso das fontes, permitiu perceber uma tensão entre a educação física e o esporte, o que veio a se tornar outra hipótese desse trabalho, pois há momentos que o esporte era a Educação Física e momentos em que a Educação Física se afastava o esporte para ser “apenas” Educação Física.

O esporte em Sorocaba teve início praticamente junto com as atividades de Educação Física. Segundo Sevckenko (1998), nos anos de 1902 e 1903, vários clubes foram formados na cidade com o objetivo de ampliar as práticas esportivas. A educação física, por sua vez, se institucionalizava a partir da criação da primeira escola de Sorocaba, o Grupo Escolar Antonio Padilha, em 28 de março de 1896. Em 1897, o jornal “O 15 de Novembro”, nº. 483, de 12/12/1897, publicava matéria sobre os exames aos quais os alunos do grupo escolar eram submetidos para conseguir aprovação no ano letivo. Nela constava: “Gymnastica escolar ensinada pelo cidadão Inspector Litterario José Manuel de França Junior”.

Dados da imprensa local identificaram a prática da educação física com o nome de “gymnastica escolar”, como demonstra o jornal “O 15 de Novembro”, de 24/01/1897, nº. 411, em um ofício que o Diretor do Grupo Escolar Antonio Padilha, Amaro Egidio de Oliveira dirige ao Dr. Antonio Dino Bueno, Secretário do Interior, solicitando materiais para equipar o grupo aqui existente, aos outros grupos já instalados. Entre os itens solicitados, o pedido de “300 carabinas para exercícios militares”.

A metodologia do trabalho caminha da pesquisa bibliográfica às fontes primárias e na própria história de vida do autor, seguindo uma cronologia ascendente. O referencial teórico fundamenta-se em textos de especialistas com grande produção no campo de atuação da Educação Física, como: Castellani Filho (1994), Guiraldelli Jr. (1988), Marinho ([S.N.]), Betti (1991). São referenciadas também, enquanto caminhada historiográfica, obras e orientações que conduziram a um melhor aproveitamento das fontes primárias

e dos dados preservados na memória viva e nos arquivos e acervos consultados.

Além disso, nessa pesquisa serão analisadas as entrevistas com três professores de Educação Física e os depoimentos de destaques do esporte sorocabano. Também foram coletados dados do Projeto História do Esporte de Sorocaba, que é uma parceria da UNISO com Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Sorocaba e o Panathlon Club de Sorocaba. Os relatos são analisados à luz dos pressupostos da história oral, como referência para melhor aproveitamento das manifestações e experiências dos entrevistados.

A história oral, de acordo com Meihy (2005), parte da idéia do passado em movimento, cujo processo histórico não está acabado, percebendo-o como algo que tem continuidade, num constante refazer-se no presente. Para o autor, a razão de ser da história oral está em considerar a presença do passado no presente imediato das pessoas. Parte do que se procurou abstrair nas três entrevistas, se baseia nessa consideração.

Também foram observadas as aulas de Educação Física da 5ª série do ensino fundamental até a terceira série do ensino médio, procurando identificar a distribuição das atividades escolares entre o desenvolvimento físico e prática esportiva.

O trabalho se apresenta estruturado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo são apresentadas as concepções de educação física e seus aspectos, abordando diversas visões sobre a educação física no Brasil.

O segundo capítulo aponta para a institucionalização da educação física e dos esportes em Sorocaba, por meio de três aspectos: esporte, a educação física e a esportivização da educação física.

No terceiro capítulo é feita a análise das entrevistas dos três professores, que denominaremos professor 1, professor 2 e professor 3, por questões éticas e para preservar a identidades dos entrevistados. São identificadas as unidades de codificação para sentir os pontos em comum e divergentes na experiência profissional de cada um, tendo como base os procedimentos utilizados em uma pesquisa qualitativa, caracterizados no começo do capítulo.

As considerações finais, no quarto capítulo, procuram trazer à tona a prática da disciplina educação física e seu desenrolar na maioria das escolas,

procurando estabelecer as conexões entre o que ocorreu e ocorre na educação física em Sorocaba e o discurso existente no mundo acadêmico.

1 - ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA:

1.1 - Concepções de Educação Física.

É muito grande a dificuldade em delimitar a Educação Física, pois sobre essa denominação estão incluídos muitos conceitos que variam de acordo com a ótica sob a qual ela é analisada. Os conceitos tendem a ser diferentes sob a ótica educacional, esportiva, recreativa, como são diferentes as concepções: educacional, esportiva ou alguma outra.

O homem ao contrário dos animais, não está submetido apenas às leis biológicas, mas também as leis estabelecidas pela sociedade da qual faz parte.

A origem da atividade física concorre com a origem da humanidade: diante da luta pela sobrevivência e das dificuldades naturais que eram cotidianas na vida do homem primitivo, ele, que não dispunha de grandes recursos, nem da tecnologia atual, recorria às habilidades físicas para superar as adversidades e atender às necessidades essenciais.

Marinho (1980, p. 29) descreve as atividades físicas desenvolvidas pelo homem primitivo:

“As longas caminhadas, pois o único meio de transporte que possuíam eram seus pés, davam-lhe resistência nas marchas; as necessidades de perseguir a caça ou de fugir do inimigo emprestavam-lhe velocidade nas corridas; a imposição de acertar o alvo, quase sempre móvel, adestravam-no nos arremessos; as valas, os precipícios, o terreno acidentado exercitavam-no constantemente nos saltos; o refúgio ou busca dos frutos em altas árvores ensinaram-lhe os movimentos de trepar, só com os braços ou com estes e as pernas; o transporte da caça e de objetos pesados (principalmente paus e pedras) mantinham seu vigor físico e sua fabulosa força muscular; lutas contínuas, em terríveis corpo a corpo, deram-lhe destreza. Além disso, os lagos e os rios forçaram-nos a aprender como atravessá-los, usando pedaços de paus, que os auxiliavam a flutuar, ensinaram-lhe a mergulhar para recolher a pesca”.

Provavelmente é por isso que Marinho (1980, p. 29), assim se expressa reforçando a citação anterior: “Um dia vivido pelo homem primitivo nada mais é que uma longa lição de Educação Física”.

Séculos mais tarde, as atividades como saltar, correr, trepar, lançar, entre outras, influenciaram um oficial da Marinha Francesa chamado Georges Hébert (1857-1957), que em contato com tribos nativas dos países colonizados pela França, criou o Método Natural de Hébert.

Segundo Carmem Soares (2003), Hébert acentuava, em suas propostas de educação, a necessidade de ser forte, definindo que “ser forte” significava se desenvolver não só de maneira completa, mas útil, sistematizando assim objetivamente essas práticas.

Nessa linha de raciocínio Marinho (1980) delimitou as atividades físicas do homem em quatro causas:

a) a luta pela existência: a que se liga a origem da Educação Física Natural e Utilitária.

b) os ritos e os cultos: âmbito religioso que veio dar origem a diversas manifestações de dança, jogos e lutas; na própria Grécia os Jogos Olímpicos da antigüidade, tiveram sua origem nos Jogos Fúnebres, que eram de cunho religioso. Homero, grande poeta grego (MARINHO, 1980, p. 19), em seu poema *Ilíada*, descreve a origem dos Jogos Fúnebres, ao explicar que Aquiles organiza a celebração em honra de seu amigo Pátroclo, que foi morto em combate. Estes jogos se tornaram os Jogos Olímpicos da antigüidade. A influência religiosa levava os povos à praticarem os *Jogos e Práticas Atléticoas*.

O autor em suas explicações das atividades físicas do homem ainda relata sobre os *Ritos e Cultos*:

“Vemos assim que todos os jogos tinha caráter de festas religiosas e não poucos eram os sacrifícios que então se realizavam ao deus homenageado. De todos êsses, os mais importantes eram os jogos olímpicos que se tornaram memoráveis até os nossos dias”.(1980, p. 53).

c) a preparação guerreira: foi talvez a maior preocupação do homem: defender-se e atacar, usando para isso práticas físicas que mantinham, entre outras, sua sobrevivência.

O momento em que o homem se volta para a *Preparação Guerreira*, acontece quando o homem deixa de ser nômade para se tornar sedentário, organizando-se em tribos, necessitando assim, proteger suas terras ou conquistar outras. Acredita-se que essa atividade física é que dá o teor militar característico da Educação Física na história.

d) os jogos e práticas atléticas: desenvolvido após a Revolução Industrial com forte influência de aspectos como o político e o econômico. O esporte conhecido como é hoje, ou o esporte moderno, tomou forma nas escolas da Inglaterra do século XVIII (Public Schools).

Do ponto de vista econômico o esporte foi utilizado como instrumento de disciplina e fortalecimento do trabalhador visando evitar faltas e aumentar a produção das fábricas. Recurso bastante compreensível num país que ao se industrializar vai tornando nascente também o sistema capitalista.

Já do ponto de vista político, a idéia de nação poderosa constituída por cidadãos fortes e saudáveis fez com que os governos utilizassem o esporte como propaganda de seus regimes políticos, como foi o caso dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, usado para divulgar a propalada superioridade da raça ariana, um dos pressupostos da ideologia nazista.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo se dividiu em dois blocos políticos e econômicos. De um lado o bloco socialista liderado pela União Soviética, do outro lado o bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos. Essa divisão interferiu no campo esportivo culminando com o boicote nos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 e nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984. Nas duas edições das olimpíadas, atletas soviéticos não estiveram presentes nos EUA e os americanos não foram a Moscou.

As concepções de Educação Física que foram sistematizadas através dos tempos, não necessariamente, foram sendo substituídas por novas concepções; o que ocorre muitas vezes é uma sobreposição de uma nova concepção sobre outra já existente. Por exemplo: até hoje a Educação Física possui um caráter utilitário ou guerreiro, dentre muitos outros. O que ocorre é apenas a mudança na ênfase que é dada a determinada característica em certos períodos históricos.

O caráter guerreiro presente em práticas de educação física, objetivava sua utilidade na guerra, atendendo ao nômadismo guerreiro dos povos: por ele

cada cidadão era um soldado fisicamente treinado, hábil no manejo e emprego das armas.

Ainda na linha das concepções históricas, Soares (2002) afirma ser o coronel espanhol Francisco Amoros y Odeano, deportado para França pelo apoio que deu ao exército de Napoleão I na invasão espanhola, o “pai da Ginástica Francesa”.

Marinho (1980, p.102) complementa ainda que outras concepções são reconhecidas como a de Amoros que identificava quatro tipos de ginásticas: ginástica civil e industrial; ginástica médica; ginástica cênica ou funambulesca e ginástica militar (destinada a melhorar a capacidade dos soldados e marinheiros franceses).

Além disso o canto e a música ocupavam um lugar de destaque na aplicação dos exercícios físicos. A citação a seguir, bem o demonstra:

“A música e o canto servem ainda para equilibrar os efeitos dos exercícios do corpo que poderiam dar ao espírito e ao caráter uma aspereza e uma rudeza excessivas. Sua poderosa influência suaviza e modera o excesso de força muscular que designamos com o nome de temperamento atlético e mantém a sensibilidade numa medida adequada”. (SOARES, 2002, p. 49).

Ainda segundo Soares (2002) o método francês, teve na sua elaboração a participação dos principais pedagogos da época, como Démeny, Hébert, entre outros. O método francês é composto por regulamentos pedagógicos da Escola de Joinville-le-Pont, fundada em 15 de julho de 1852, como por exemplo: instruções para o ensino da ginástica nos corpos da tropa e nos estabelecimentos militares. O Regulamento Geral de Educação Física, foi introduzido no Brasil em 1931, pela missão militar francesa, dominando na educação Física até os fins dos anos 40.

O esporte moderno derivou dos jogos atléticos ou jogos realizados com bola praticados pelo povos antigos. É atribuído a Grã-Bretanha o mérito da criação do esporte moderno, de modo organizado e sistematizado com regras definidas como é o caso do futebol que passou por uma fase de expansão na Inglaterra e de lá para os outros países, propiciando a formação de clubes e associações e se constituindo hoje numa prática generalizada que vai das “peladas” e do esporte amador, até as mais bem montadas equipes, que são

grande sucesso na mídia, gerando um grande número de empregos, de grande projeção social e grandes transações econômicas.

1.2 - Aspectos da Educação Física e do Esporte.

O aspecto competitivo do Desporto, difundiu-se na sociedade, facilmente afinado ao Capitalismo, onde o melhor vence e recebe as glórias, característica singular de uma ideologia competitiva e de superação de marcas e resultados.

A expansão do desporto, sua evolução, a busca pela vitória, os interesses econômicos envolvidos nas competições esportivas, proporcionaram a criação de uma nova ciência, a Ciência do Esporte, que objetiva a preparação física, técnica e psicológica para os atletas melhorarem suas performances. Esse desenvolvimento da ciência esportiva veio contribuir para o avanço na área da medicina esportiva, aqui apresentada por meio de seus aspectos variados:

a) O aspecto médico-higiênico já despertava o interesse dos povos antigos que sofriam com epidemias decorrentes das condições precárias em que viviam. Na China antiga, os exercícios físicos com finalidades médicas e higiênicas, eram usados para combater endemias, originárias da umidade da atmosfera e das águas estagnadas (MARINHO, 1980, p. 33).

A Educação Física voltou-se para as questões higiênicas mais num sentido formativo, no intuito de formar o corpo saudável, forte, resistente e isento de moléstias, para sua utilização na guerra e no trabalho.

Vale ressaltar que esse aspecto médico/ higiênico no Brasil esteve ligados a objetivos de ordem militar e produtiva.

b) O aspecto fisiológico ou biológico: é aquele em que o ser humano, o movimento e a própria educação física, são estudadas do ponto de vista das leis biológicas. É esse enfoque que dá suporte à preparação física.

Segundo Pereira (1988, p. 29) alguns dos filósofos gregos faziam referência ao aspecto bio-fisiológico, demonstrando sua relevância. Aristóteles abordou o movimento em sua obra “O movimento dos animais e parte dos animais”, demonstrando o conhecimento da física nas atividades atléticas.

Hipócrates, considerado o “pai da medicina”, tratava dos atletas e indicava a prática do trote e da caminhada para desenvolver a resistência à fadiga e à

manutenção da saúde, além de condenar os excessos esportivos da época. (PEREIRA, 1988, p.29).

c) O aspecto motor, é o estudo específico do movimento, base para a psicomotricidade, para o desenvolvimento motor e para a aprendizagem motora. Teve entre seus estudiosos: Hébert, Walon e Piaget, esses estudos concentra os aspectos cognitivos e afetivos à motricidade.

d) O aspecto recreativo da educação física, presente em quase todas as concepções anteriores; está presente nas atividades desenvolvidas pelos povos antigos em jogos e danças e também após a Revolução Industrial para ocupar o tempo livre do trabalhador. Pereira (1988, p. 265), diz:

“O lazer e a recreação são conseqüências diretas, positivas, das lutas de classes, do confronto entre o trabalho e o capital. No bojo das lutas proletárias se insere a questão do aumento do tempo livre e melhores condições de vida”.

e) O aspecto pedagógico da educação física, está voltado para a educação. Também presente na maioria dos aspectos já estudados, desde os povos antigos.

Pereira (1988, p. 111) na definição abaixo ilustra:

“Educação Física é a parte da educação do ser humano que acontece a partir, com e para o movimento. A Educação Física é um meio de educação social que ocorre através – e para – a prática consciente, processual, metódica de atividades físicas gímnicodesportivas, que valorizam o conhecimento do corpo humano e objetivam o seu desenvolvimento”.

No Brasil a Educação Física como disciplina se fez obrigatória através da legislação desde o tempo do Brasil Império, em 1851 com a Lei nº. 630 de 17 de setembro, que incluía a ginástica no currículo das escolas primárias, mas foi adquirir um caráter pedagógico somente no período da Escola Nova, mais precisamente na década de 30, do século passado.

1.3 - Educação Física no Brasil.

Segundo Marinho ([s.d.], p. 18), no final do século XVIII, com o Brasil ainda na condição de colônia de Portugal, vamos encontrar um documento interessante que relata:

“O bacharel Luiz Carlos Moniz Barreto, em 1787 publica, em Lisboa, um Tratado de Educação Física e Moral, que naturalmente vem ter ao Brasil, atendendo à nossa condição de Colônia. Nesse trabalho verifica-se que por Educação Física subentendiam-se assuntos hoje completamente distintos da mesma, como eugenia, hereditariedade, alimentação, higiene, puericultura, concepção, gravidez e parto. Essa obra esta dividida em sete capítulos, dos quais o primeiro diz respeito aos defeitos da educação da mulher daquela época e os cinco seguintes referentes à Educação Física e moral dos meninos, dividindo-a nestes períodos: do nascimento aos 4 anos; dos 4 aos 10, dos 10 aos 12, dos 12 aos 18 e dos 18 aos 20; no último capítulo o autor sintetiza o assunto tratado nos seis anteriores.”

No Brasil Império a produção literária aumenta principalmente em função dos trabalhos sobre Educação Física para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que exigia uma tese obrigatória. Muitos alunos influenciados pelas teorias de Rousseau¹ escolhiam a Educação Física como tema de suas teses.

Muitos decretos foram criados regulamentando o ensino dos estabelecimentos de ensino, desde as escolas primárias até os colégios militares e, em sua grande maioria constavam de pareceres sobre educação do físico atrelada à educação moral e intelectual.

Quanto à Educação Física, Penna Marinho (1952, p. 41) ressalta que desde 1823, logo após a independência, já se falava sobre ela e sobre o esporte nos projetos relacionados ao ensino nacional. Mesmo assim a implementação das atividades físicas ocorreu de modo bastante desordenado nas escolas públicas, pois o país não dispunha de um sistema de ensino estruturado e havia muitas resistências em relação à prática das atividades físicas, pois era considerado como trabalho manual, desvalorizado pela sociedade da época.

Segundo Victor Andrade de Melo (1998, p. 25) os militares foram os responsáveis pela execução das aulas de educação física durante o século XIX, pois além de ministrarem as aulas nas Escolas Militares, esses militares

¹ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) filósofo, escritor, teórico político, foi uma das figuras marcantes do Iluminismo Francês, foi também um precursor do romantismo. Foi um grande teórico da educação e registrou suas idéias na novela pedagógica intitulada “Emílio”.

também atuavam no meio civil, principalmente em escolas particulares. Mas os médicos não ficaram de fora desse processo, os militares estavam ligados diretamente com a parte prática, enquanto os médicos estavam teorizando sobre a educação física, tentando dar um caráter científico à área.

Em 01 de março de 1858, através do Decreto nº. 2116, ficou estabelecido que entre as práticas escolares fossem praticadas a esgrima e a natação, para os cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar. Ainda em 1858, a esgrima, a ginástica e a natação tornaram-se obrigatórias na Escola da Marinha.

No Brasil, segundo Mello (1998, p. 61), o campo esportivo já se estrutura desde os anos de 1860, mas o impulso necessário para o seu desenvolvimento e aceitabilidade como prática cultural adequada, física e moralmente, inclusive a partir de reorientações internas e seus sentidos, se deu com a chegada ao país de preocupações mais vinculadas à saúde dos indivíduos e à “saneabilidade” das cidades. Naquele momento, pode-se também perceber uma mudança significativa nos padrões estéticos corporais brasileiros, passando a serem mais valorizados os indivíduos fortes, atléticos e “saudáveis”. E isso provavelmente pode ter contribuído ainda mais para a utilização do esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física.

Pagni (1997, p. 71), afirma que Lima Barreto foi um dos que se levantou contra o esporte e nesta luta, comentou sobre os efeitos da difusão do esporte no país; “*as pugnas, lutas e rixas, conflitos e até tentativas de suicídio que ele suscita*”. Uma outra opinião discordante quanto à difusão do esporte, no início do século passado, no Brasil, encontra-se no livro “O Esporte está deseducando a mocidade Brasileira” de Carlos Sussekind de Mendonça, 1921. Nesse livro, de acordo com Fernando de Azevedo, esse médico defendia que a prática e a difusão do esporte durante esse período haviam incentivado nossa mocidade a abandonar os estudos, o cultivo de inteligências e do espírito.

Nesses debates, o único ponto em comum entre os opositores e os entusiastas, e que permanece até os dias de hoje, é a grande capacidade de penetração e aceitação popular do esporte. Mas para os opositores era entendido como algo negativo, pois eles defendiam que o esporte tinha o poder de estimular hábitos e costumes bárbaros, acreditando que essa atividade daria vazão ao irracional. Para os entusiastas, a difusão do esporte era

concebida como sendo algo positivo, pois possibilitava auxiliar na educação de um grande número de pessoas.

É importante notar que a polêmica em torno do esporte e da educação física nesse período, é o início de uma discussão pedagógica sobre o esporte, tentando adequá-lo a uma certa idade e incluindo-o num programa de Educação Física para as crianças e jovens.

Fernando de Azevedo (apud PAGNI, 1997) foi um dos defensores da extensão da rede pública de ensino e da extensão do ensino obrigatório para toda a população. Foi também um dos pioneiros na abordagem das questões relativas à educação física e ao esporte. Para ele o esporte deveria ser introduzido numa parte da aula como complemento da ginástica. Ele acreditava ainda que, juntamente com a ginástica, o esporte seria capaz de auxiliar na canalização da energia sexual exuberante. Nesse programa, o esporte era tratado tanto como um meio de conseguir civilizar os costumes, reprimindo os instintos e as paixões expressas pelos indivíduos, quanto sua prática pressupunha autodomínio e uma atividade pelo qual se podia avaliar o grau de civilização dos indivíduos e de um povo.

Georges Herbert (1941) apontou os perigos morais do esporte mal orientado, em artigo traduzido na Revista Educação Physica, e novamente citado na Revista Educação Física da Cidade de São Paulo, nº. 01, v. 01, de 2001. Segundo ele, a competição levaria ao excesso e à fadiga, com prejuízo do valor utilitarista do esporte. Ele afirmava:

“No esporte exclusivo, o individualismo é exaltado pela idéia de chegar em primeiro lugar ou de ser o mais forte. Tanto mais se afirmam e se expressam os sentimentos egoístas, quanto maior o exagero do esforço. Se o sucesso corôa os esforços, o amor próprio super excitado tende a gerar vaidade” (HÉBERT, 1941, p. 31).

É possível perceber a oposição entre atividade física e esporte, principalmente esporte de alto rendimento. Para Hébert (1941), enquanto se considera o esporte apenas como meio para definir os melhores, o valor utilitarista da saúde moral e física acaba se perdendo. Para que o esporte tivesse um valor educacional era preciso atribuir-lhe valores como cooperação e altruísmo.

Ainda na Revista Educação Física da Cidade de São Paulo, nº. 01, v. 01, de 2001, o artigo de Octávio Resende, destaca o valor moral do Esporte bem orientado:

“Para o adestramento physico, tomado como meio de melhor servir à sociedade, devemos, pois, dar preferência aos jogos que desenvolvam o espírito de cooperação, de mutuo auxilio, bem caracterizado no vocábulo ‘associaton’ como que é conhecido, na Inglaterra, o football.” (RESENDE, 1932, p. 15)

Com isso, passou-se a se pensar o esporte como uma possibilidade educacional. A partir daí, deu-se início a critica ao esporte como elemento legitimador da educação física escolar e sua predominância como conteúdo da mesma, bem como apontava o significado utilitarista, alienante, mercadológico que o esporte tinha nessa concepção. Nessa linha de pensamento temos autores como: Betti, Castellani Filho e outros.

2 - INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE EM SOROCABA.

2.1 - Os primeiros tempos.

No início do século XX expandiu-se a prática dos esportes em Sorocaba. Nos anos de 1902 e 1903, vários clubes foram formados na cidade com o objetivo de ampliar as práticas esportivas. Associando aos esportistas a idéia de saúde, bem estar e beleza, essas práticas eram difundidas como modelos para homens e mulheres modernos (SEVCENKO, 1998: 568-577).



O EFUSY Foot-ball Club em 17 de outubro de 1903 na Chácara Carvalho. Em pé da direita para esquerda José Pedroso, José Gaspar Martins, Laudino Pacheco, Abelardo de Lara, Adolpho Richiterman, Calixto de Paula Souza, Oscar Furquim Werneck, Nephtaly Hirsch e Benedito Augusto. Sentados: Joaquim Marcolino Monteiro, Emygdio Santana, Oscar Santos Fonseca, Adolpho Harder e Frederico Katzer. (Acervo do Projeto História do Esporte de Sorocaba).

Segundo o professor Otto Wey Netto, em seu livro “As Histórias do Futebol Paulista”, o primeiro time da cidade de Sorocaba foi o E.F.U.S.Y. Foot-ball Club. Fundado em 15/05/1903 por engenheiros que vieram dirigir a Estrada de Ferro União Sorocabana, esteve em atividades até meados de 1905.

Antes do E.F.U.S.Y. Foot-ball Club, a região já contava com dois clubes: um deles integrado por técnicos ingleses e elementos da colônia italiana apelidados de “cascudos” pelo jogo violento que apresentavam, no distrito de Votorantim, nasceu o Sport Club Savoia, em 1º de Janeiro de 1900, juntamente com o Votorantim Athletic Club, uma equipe com elementos mais jovens e talentosos.

O Sport Club Sorocabano que conquistou uma posição de grande destaque no futebol sorocabano, foi fundado em 07/09/1903. Teve seu próprio campo e, por muitos anos, uma sede no centro de Sorocaba, na Rua São Bento.

No ano de 1905 surgiram duas grandes equipes no Bairro da Santa Rosália: O Sport Clube Fortaleza e o Sport Club Floresta. As duas agremiações acabaram se fundindo em 21/02/1906, prevalecendo o nome de Fortaleza. Teve seu próprio estádio, o primeiro a ser iluminado em nossa cidade, depois de sua encampação pela Cia. Nacional de Estamparia, do Grupo Pereira da Silva.

Os primeiros times sorocabanos eram formados por homens de “reputação” na cidade, e a imprensa local registrava as partidas nos jornais, como mostra a seguir o Jornal O 15 de Novembro de 22/10/1903, nº. 1077:

“NOTICIÁRIO

FOOT-BALL – Com regular concorrência, realizou-se hontem na Chácara Carvalho o match de foot-ball entre o EFUSY CLUB e o ATHLETICO SOROCABANO.

O jogo esteve muito animado, conseguindo o team do ATHLETICO fazer 2 goals á 0.

Serviu de Juiz o Sr. John Snape.

Ao Club Athletico foi oferecido um bello bouquet de flôres naturaes.”

Essas partidas despertavam grande interesse na sociedade, tanto que o *Almanach de Sorocaba* de 1904 em sua *Chronologia Sorocabana – 1903*, traz vários jogos realizados entre os clubes da cidade. No dia 22 de janeiro de

1903: “Realisa-se na Chácara Carvalho um match de foot-ball promovido pelo Club Athletico Sorocabano”. Outras partidas constam na *Chronologia Sorocabana* como as relatadas a seguir:

“ um novo match de foot-ball promovido pelo Club Athletico Sorocabano (no dia 1º de fevereiro); um match de foot-ball entre os Clubs Athletico Sorocabano e Votorantim Athletic (no dia 1º de setembro); match entre Efusy e Club Athletico Sorocabano (em 17 de outubro); no Votorantim há um match entre os clubs Votorantim Athletic e Efusy (15 de novembro) e um match de foot-ball entre os clubs Athletico Sorocabano e Votorantim (em 8 de dezembro de 1903, p. 60-67)”.

Segundo ainda o *Almanach de Sorocaba de 1904*, corridas de bicicletas foram promovidas pelo *Club Progresso*, a partir da formação desse clube em outubro de 1903. O fato é considerado como o início do ciclismo em Sorocaba.

Festa sportiva

O «Sport Club Sorocabano» deve realizar amanhã uma grande festa sportiva, no Velodromo, cujo producto será revertido em beneficio do «Asylo de São Vicente de Paulo» desta cidade.

Essa festa constará mais ou menos, do seguinte: jogos de peso a distancia, saltos de altura, corridas com pernas de pau, corrida rasa em sacco e «Teams Race».

Serão jogados um grande e imponente *match* de *foot-ball*, pelos *teams* do Club, e um não menos imponente *match* de *basketball*, entre dois *teams* de meninas.

Vae ser, pois, uma festa deliciosa e agradavel, tanto mais quando lembrarmos o seu fim:—a caridade.

No jornal Cruzeiro do Sul de 21 de dezembro de 1907, nº.524, a notícia de destaque era de uma grande festa esportiva no velódromo, com finalidades de arrecadar fundos para o Asilo de São Vicente de Paulo. A festa realizada pelo Sport Club Sorocabano, era um evento de caridade, tipo bastante comum na época e constantemente registrado pelo jornal. Nessa matéria, há uma atividade esportiva em especial, que é a realização de um “match de basketball, entre dois teams de meninas”, o que indica a prática do esporte há aproximadamente 100 anos.

O Esporte Club São Bento, teve sua origem do Sorocaba Athletic Club, fundado em 16/09/1913. A sua estrutura inicial não teve o êxito necessário e o clube estava fadado a desaparecer. Nessa altura, um grupo de esportistas resolveu dar continuidade ao Sorocaba Athletic, reformulando totalmente sua organização, inclusive mudando o seu de nome. Era seu presidente, o Sr. Irmo Coghi que defendeu a transformação do clube, inspirado numa equipe existente na Capital, com o nome de São Bento. O grupo liderado pelo Sr. Irmo, resolveu batizar a agremiação reorganizada com o nome de Esporte Clube São Bento adotando em seu uniforme as novas cores escolhidas: vermelho e branco. A partir de 18 de outubro de 1914 nascia o Esporte Clube São Bento, que vem até os nossos dias, tendo porém o azul e o branco como cores de identificação.

Pedestrianismo, segundo depoimento prestado pelo Sr. Otto Wey ao Projeto História do Esporte em Sorocaba², era uma corrida de rua, e exatamente por se exercitarem na rua os pedestrianos tiveram problemas com a comunidade e passaram a sofrer uma limitação policial, foi nessa época que o dono de uma fábrica de guarda-chuvas, um espanhol que se chamava Demétrios Torrecilhas, que era praticante de arremesso de peso na Espanha, intercedeu junto à família Rodrigues Claro, que era proprietária de um terreno, conseguindo a permissão para que se fizesse uma pequena pista de treinamento.

Com o passar do tempo foi feito também um pequeno cocho para o salto em altura e salto com vara, e mais tarde para salto em extensão, em um outro

² O acesso ao projeto foi permitido pelo Professor Fernando Negrão Duarte, Coordenador do Laboratório de Comunicação da UNISO.

canto da propriedade foi uma área para arremesso de peso destinada principalmente ao Demétrius Torrecilhas. Com isso os primeiros atletas em Sorocaba foram os pedestrianos, depois vieram os saltadores e arremessadores de peso. Um dos destaques dessa época era o saltador de altura Valdemar Ferreira Teles, que atingia em seus saltos 1m80cm. Outro bom saltador de altura e de salto em distância dessa época era Alfredo Nagib.

Era nessa pista que os pedestrianos, saltadores e arremessadores treinavam, mas havia no meio da pista um pedaço que poderia ser aproveitado, e foi nesse pedaço que foram instaladas duas tabelas, e era praticado o bola ao cesto, esporte ainda não denominado de basket. O bola ao cesto de uma forma um pouco mais organizada, surgiu em um terreno na rua Dr. Braguinha, que se tornou sede do CLube Atlético Juventus. A quadra era feita de saibro, e em 1931 foi formada uma equipe de bola ao cesto formada pelos pedestrianos, considerada a primeira equipe de basquete de Sorocaba.



1ª Equipe de Bola ao cesto de Sorocaba, o Clube Atlético Juventus, o senhor de terno é Demétrius Torrecilhas, técnico da equipe. (Acervo do Projeto História do Esporte de Sorocaba).

Em 1932 foi fundado o Clube Atlético Bandeirantes, pelo senhor José Marciano da Silva (pai do futuro jogador de basquete Edward Marciano da Silva, mais conhecido como Fru-Fru). Ele conseguiu um terreno na Rua Francisco Scarpa, que pertencia ao empresário Alcides Soares e o cedeu para que fosse construída uma outra quadra de saibro.

Em 1936 foram realizados os 1º Jogos Abertos na cidade de Monte Alto e em 1937 foi realizado os 2º Jogos Abertos em Uberlândia Minas Gerais, esses jogos foram organizados por Baby Baroni, que era técnico do time de basquete de Sorocaba. Em 1938 os jogos estavam programados para serem realizados na cidade de Piracicaba que acabou desistindo. Como Sorocaba era suplente acabou sediando os jogos.

A cidade sede dos Jogos Abertos poderia introduzir um esporte mas para isso era necessário que houvesse pelo menos cinco cidades que praticassem e disputassem os jogos nessa modalidade esportiva. Sorocaba tentou introduzir o basquete feminino, mas não conseguiu, pois não havia cinco cidades para disputar. Então a modalidade introduzida nos Jogos Abertos de Sorocaba foi o pedestrianismo.



Equipe de basquetebol que participou dos 2º Jogos Abertos do Interior em 1937. Hugo Pacheco, Edésio Del Santoro, Hugo Tabuada, Lorival Andrade, Tirso Campos Camargo Aires, Rui Camargo Aires, Joaquim Barros Oliveira (Quinzinho), Gildo Bellato, Valdemar de Freitas Rosa. (Acervo Projeto História do Esporte de Sorocaba).

O grande problema para a realização dos Jogos Abertos de Sorocaba, era a necessidade de uma quadra melhor para a disputa dos jogos, o Clube Atlético Bandeirantes chamou para si essa tarefa e iniciou a construção da quadra, houve uma grande mobilização da sociedade, a prefeitura ajudou e foi construída a quadra com vestiários adequados.



COSTA JUNIOR, Newton Corrêa da. Sorocaba/ Votorantim: “capitais do basquete feminino do Brasil”. Itu –São Paulo: Ottoni Editora, 2007.

A cidade de Sorocaba foi vice-campeã na contagem geral desses jogos e também já havia sido vice-campeã nos jogos abertos do ano anterior em Uberlândia. Baby Baroni também organizou os Jogos Abertos de Sorocaba.

Segundo Otto Wey a quadra do clube Atlético Bandeirantes foi o ponto de partida para os grandes eventos esportivos e também das grandes realizações do Esporte Sorocabano.

Em 1947 foi fundado o SESI de Sorocaba, e já no ano seguinte foram realizados os Jogos Operários. O Delegado do SESI era Armando Pannunzio, que mais tarde veio a ser prefeito da cidade. Em abril de 1950, Otto Wey

assumiu o cargo de assistente de esportes, realizando já em maio desse ano os Jogos Operários, Otto trabalhou no SESI até 1984, cumprindo trinta e quatro anos de serviços no SESI, colaborando na coordenação da construção dos Centros Esportivos do SESI de Sorocaba, Votorantim e, mais tarde, no Centro Esportivo da cidade de Itu.

Em 1949 Sorocaba ganhou o direito de sediar os 15º Jogos Abertos do Interior em 1950, mas para isso teria a obrigação de apresentar um ginásio de esportes completo, com capacidade mínima para 2.500 pessoas. A comunidade se mobilizou, o Padre André Pieroni³ foi incansável batalhador junto às lideranças, angariando qualquer espécie de ajuda, em 1950 o Ginásio Municipal ficou pronto com apenas uma semana de atraso.



COSTA JUNIOR, Newton Corrêa da. Sorocaba/ Votorantim: “capitais do basquete feminino do Brasil”. Itu –São Paulo: Ottoni Editora, 2007.

³ Padre André Pieroni Sobrinho, grande incentivador do esporte local, foi uns dos grandes responsáveis pelo início do ensino superior em Sorocaba, peça importante para vinda da Faculdade de Medicina e da instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. Teve grande participação na construção do Ginásio Municipal de Esportes “Dr. Gualberto Moreira”.

Percy Pacheco em seu depoimento ao Projeto História do Esporte de Sorocaba, afirma que em sua primeira participação em Jogos Abertos foi em Ribeirão Preto em 1952, e que na saída da Delegação, houve uma grande festa de despedida na Estação Ferroviária, com a presença do então prefeito Emerenciano de Prestes de Barros.

A equipe de basquetebol de Sorocaba era uma das favoritas ao título, mas no confronto entre Sorocaba e Ribeirão Preto, cidade sede, houve um grande tumulto e a equipe de Sorocaba teve que fugir do Ginásio Cava do Bosque e ir embora de caminhão. Os membros da Delegação se reuniram e decidiram que Sorocaba deveria se retirar dos jogos em todas modalidades. Apesar disso e para grande surpresa foram recebidos com uma grande festa em Sorocaba, na volta da delegação.



Festa de recepção na Estação Rodoviária, na chegada de delegação que havia retornado dos Jogos Abertos do Interior em Ribeirão Preto em 1952. (Acervo Projeto História do Esporte de Sorocaba).

2.2 – O esporte e a educação física escolar.

A Educação Física Escolar em Sorocaba teve seu início após a criação do Grupo Escolar Antonio Padilha, em 28 de março de 1896. Foi constatado através da imprensa local a confirmação da prática de educação física com o nome de “gymnastica escholar”, como demonstra o jornal “O 15 de Novembro” de 24/01/1897, em um ofício que o Diretor do Grupo Escolar Antonio Padilha, Amaro Egydio de Oliveira dirige ao Dr. Antonio Dino Bueno, Secretário do Interior, solicitando materiais para equipar o grupo aqui existente aos outros grupos já instalados, entre os itens solicitados, há o pedido de “300 carabinas para exercícios militares”.

Ainda em 1897, o jornal “O 15 de Novembro” de 12/12/1897, publica matéria sobre os exames aos quais os alunos do grupo escolar são submetidos para conseguir aprovação no ano letivo, no item 2 consta: “Gymnastica escholar ensinada pelo cidadão Inspector Litterario José Manuel de França Junior.”

No livro de Registro da Correspondência, cujo termo de abertura foi feito em 03 de outubro de 1904, pelo Diretor Julio Pinto Marcondes Pestana, há o registro de uma correspondência de nº. 102 enviada ao Sr. Secretário da Interior, que diz:

“Tendo em vista realizar no dia 15 de Novembro p. futuro, um torneio de gymnastica com os alunos deste estabelecimento de ensino, e sendo, para esse fim, necessários bastonetes e alteres, peço a V. Ex^a. se digne determinar as providencias necessárias afim de ser feita a remessa, para este Grupo escolar, dos objetos constantes da inclusa relação. (2 de outubro de 1905).”

No mesmo livro de Registro da Correspondência, o registro de nº. 106 enviada ao Sr. Secretário da Interior, assim registrava;

“Comunico a V. Ex^a. que afim de não passar despercebida, nesta casa de ensino, a gloriosa data da proclamação da Republica – realizar-se-á, nesse dia, uma passeata cívica executando os

alumnos, exercícios militares e as alumnas, exercícios de gymnastica, fazendo-se mais nesse dia a inauguração de um rico estandarte que pertencerá a este Grupo Escolar. (Sorocaba, 13 de Novembro de 1905).”

As cerimônias cívicas comemorativas e de inauguração dos edifícios escolares, para Marta Carvalho (2003, p. 23), constituíam-se no:

“...emblema da instauração de uma nova ordem, o sinal da diferença que se pretendia instituir entre um passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso. Como signo da instauração da nova ordem, a escola devia fazer ver. Daí a importância das cerimônias inaugurais dos edifícios escolares. O rito inaugural repunha o gesto instaurador”.

Em 1910, o poder público estadual iniciou a construção do novo prédio para o Grupo Escolar Antonio Padilha, inaugurado em 1913 com discursos, bandas, passeatas, fogos de artifícios e muitos elogios. Esse entusiasmo também foi compartilhado pela imprensa que fez ampla divulgação do fato. No trecho abaixo de publicação do Jornal Cruzeiro do Sul de 22/10/1913, nº. 2.228, é possível constatar esse entusiasmo e também a preocupação com espaço para as atividades físicas:

“Tinha o prédio dezesseis salas, “todas numeradas com as mesmas dimensões e oferecendo toda a commodidade, todo o conforto possível”. No centro existia uma área cimentada, nos lados, dois gabinetes, um para reuniões dos professores e outro para as crianças que, durante o “recreio preferiam por motivos justos ficar no prédio”; nos fundos existiam dois “enormes e belíssimos pavilhões para o recreio em tempo de chuvas”; ao lado do prédio ficava o “enormissimo parque para o recreio dos alumnos”. Como o prédio estava em fase de acabamento, de um lado estavam “sendo edificadas varias avenidas com duzentas arvores, do outro estava sendo construído o campo para os exercícios athleticos e jogos de daw-tennis, basket-boll, foot-boll, tamborins, cricket, etc.”

Em 1938 Otto Wey iniciou a prática do basquete no Ginásio Estadual de Sorocaba, antigo Ginásio de Sorocaba, atualmente E.E. “Dr. Julio Prestes de Albuquerque” o Estadão. O prédio escolar já possuía quadra de saibro, assim como o Grupo Escolar Antonio Padilha também já possuía.

Grêmio Estudantil Varnhagem existia no Colégio do Estado, atual E. E. “Dr. Júlio Prestes de Albuquerque, e através de colaboradores era possível

realizar atividades de treinamento de diversas modalidades participar de jogos e campeonatos fora do ambiente escolar. O Ginásio Estadual oferecia o que seria equivalente hoje a 1ª à 5ª série e o Curso Normal para formação de professores. O Grêmio Varnhagem, entidade de representação estudantil congregava os alunos do ginásio e os alunos do curso normal que já haviam passado pelo ginásio para formar equipes e deste modo montou-se uma grande equipe de basquete, que acabou sendo tri-campeã do interior. Na época existiam dois campeonatos: um interior que participavam equipes de Sorocaba, Ribeirão Preto, Guaratinguetá, Taubaté, entre outros, e havia uma campeonato da capital, que participavam equipes do: Espéria, Corinthians, Tietê, Floresta e outros clubes da capital.

Sorocaba, através do Grêmio Estudantil Varnhagem foi tri-campeão do interior. O campeão do interior enfrentava o campeão da capital, quase sempre o campeão da capital derrotava o campeão do interior e como no caso do Grêmio Varnhagem nas três vezes que foi campeão do interior foi derrotado pelo campeão da capital que foi o Clube Espéria.



Equipe de basquetebol feminino que participou dos 1º Jogos Intercolegiais em Santos no ano de 1941. Isabel, Olerinda, Maria Aparecida, Lucia Moreno, Carmem Taranto, Amelinha Castanheiro, Elza. (Acervo Projeto História do Esporte de Sorocaba).

Em 1941 Sorocaba participou dos Jogos Intercolegiais de Santos, mas Otto confirmou que treinava a equipe feminina de voleibol era uma professora voluntária: “Quem treinava essa turma era dona Guiomar Novaes, professora de trabalhos manuais, não tinham professores de Educação Física”.

Otto Wey no seu depoimento ao Projeto História do Esporte de Sorocaba lembrou ainda que Sorocaba levou a esses jogos uma equipe de basquete feminino e uma equipe de basquete masculino; afirmou que a equipe de basquete feminino era composta por jogadores inexperientes, com algumas exceções como a jogadora Amelinha Castanheiro. Já a equipe de basquete masculino era uma boa equipe, acabou se sagrando campeã e contava com os seguintes jogadores; Olavo Betti, Otto Wey, Marino Guimarães, Laurindo, Guilla Taranto.

Concomitante às atividades esportivas, o acervo de fotos do Centro de Memória da E.T.E. “Fernando Prestes”, registra que as aulas de Educação Física, eram ministradas por um professor formado em Educação Física pela USP. Esse professor, Luis Almeida Marins foi 1º Professor de Educação Física de Sorocaba.

As aulas aconteciam antes das aulas teóricas no prédio da Rua das Flores, atual Monsenhor João Soares, para todos os alunos inclusive para as alunas.





Acervo Centro de Memória da E.T.E. "Fernando Prestes"



Acervo do Centro de Memória da E.T.E. "Fernando Prestes"

As fotos têm uma grande importância, pois demonstram a prática da Educação Física pelas alunas da escola já no ano de 1942, as duas fotos a seguir não estão tão nítidas, mas foram colocadas para situar no tempo e as anotações à máquina foram feitas pelo próprio professor Luis Almeida Marins.



Acervo do Centro de Memória da E.T.E. "Fernando Prestes"

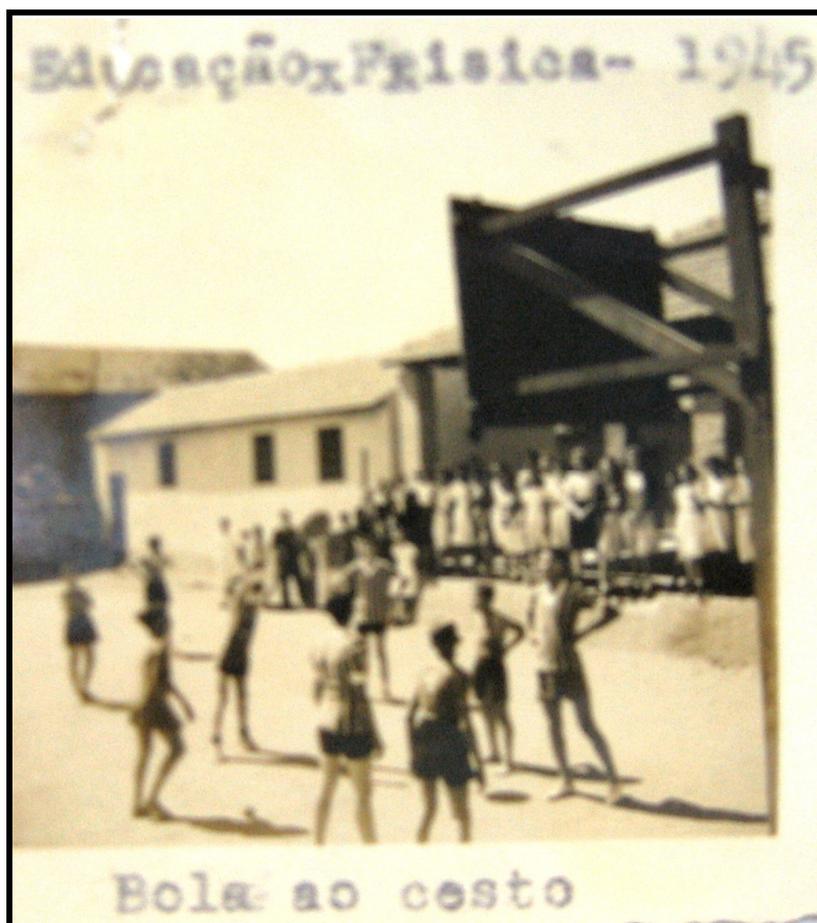


Acervo Centro de Memória da E.T.E. "Fernando Prestes"

A foto à seguir, que é de novembro de 1942. É interessante para observar as vestimentas das alunas daquela época; a foto abaixo parece ser o uniforme das aulas práticas de Educação Física, conforme o disposto no Centro de Memória é da mesma data da foto anterior.



Acervo do Centro de Memória da E.T.E. "Fernando Prestes"



Acervo Centro de Memória da E.T.E. "Fernando Prestes"

A foto acima se bem analisada, demonstra a execução de um lance-livre, com os jogadores guardando as posições como determinavam as regras, demonstrando com isso o conhecimento, no mínimo básico, para a prática do basquete.

O professor Otto Wey, pode dar com precisão o início da realização de competições estudantis em Sorocaba. A primeira competição inter-escolar em Sorocaba foi a Olimpíada Estudantil. Ele relatou:

"Em 14 de novembro de 1948 eu era vice-diretor do Getulio Vargas, eu comecei lá como professor de didática e entrei no Getulio Vargas em 1945, e logo depois em 1948, começo de 1948, eu fui para vice-diretor. Nas escolas de Sorocaba existiam boas equipes, principalmente de basquete, que já estavam começando, então havia algumas competições de atletismo, de natação, de basquete, de voleibol. Existia no "Estadão", era Ginásio do Estado, doutor Júlio Prestes. Existia lá um professor chamado Hélio Ítalo Serafino, o Hélio Serafino, era um entusiasta pelo esporte. Sabendo que eu também gostava disso, que eu nasci numa quadra de esportes na rua Dr. Braguinha, lá era o Clube Atlético do Juventus...Então ele falou: vamos fazer uma olimpíada estudantil e nós "bolamos" uma Olimpíada Estudantil. Fizemos algumas com o nome de Olimpíada,

depois nós soubemos, que não podia colocar o nome de Olimpíada, era um nome privativo dos Jogos Olímpicos, então nos mudamos para Campeonato Estudantil e depois foram outros nomes... eu tenho aqui algumas datas: em 1948, 11 de novembro de 1948 foi a primeira Olimpíada Estudantil. Na somatória dos pontos das diversas modalidades quem ganhou foi o Colégio Estadual". (Acervo do Projeto História do Esporte de Sorocaba).

Em 1954, o Sr. José Carlos de Almeida foi designado para exercer as funções de Delegado Regional de Educação Física de Sorocaba, na Delegacia Regional de Educação Física que era subordinada ao Departamento de Educação Física do Estado e exerceu esse cargo durante 30 anos ininterruptos, quando se aposentou.

Foi ele quem trouxe a modalidade de futebol de salão para Sorocaba. Ele fez o seguinte relato:

"...eu aprendi futebol de salão em 1949 na ACM, eles tinham trazido, não sei se foi dos Estados Unidos, de onde foi, por pouco tempo e quando eu saí de lá eu gostei bastante, viu, eu trouxe pra cá, foi jogado a primeira vez no Estadão em 1951, o futebol de salão.

É, 1951. É isso ao também é histórico. Eu falei vamos jogar futebol de salão. Futebol de salão, o que é isso? No começo eu fiz eles jogarem descalços. Era sete de cada lado, agora, se não me engano é cinco, naquela época era sete, qualquer coisa era falta, depois que eles aprenderam mais ou menos, depois puseram tênis, daí jogaram assim. Eles ficaram gostando, daí pegou o negócio". (entrevista em 07/10/2006).

Foi o professor José Carlos, Delegado Regional de Educação Física e Esportes, que implantou em Sorocaba o Campeonato Colegial de Esportes, que foi realizado pela primeira vez em 1954. Essa competição dura até o dia de hoje com o nome de Olimpíada Colegial, é uma competição oficial do governo estadual.

Apesar do grande número de grupos escolares instalados na cidade, ainda não havia profissionais de educação física trabalhando nessas unidades de ensino. Em depoimento, o professor Newton Corrêa da Costa, conhecido como Campineiro, ao professor Edson Segamarchi dos Santos (2006), sobre sua participação nos I Jogos dos Grupos Escolares, ele afirma a falta dos profissionais de educação física e a presença de colaboradores, ele relatou o seguinte:

"Na Diretoria Municipal de Esportes, na participação escolar, nós idealizamos os Jogos dos Grupos Escolares em Sorocaba em 1958,

então foi realizado durante 10 anos até 1968, quando me tiraram o Ginásio de Esportes, era praticamente as escolas estaduais as participantes e *não dispunham de professores especializados para a prática de Educação Física nessas séries,*(grifo meu) e acho que hoje já existem professores especializados com essas séries. Mas os jogos escolares eram realizados entre os alunos da 1ª a 4ª séries, e para terem essas atividades eu achava imprescindível que os alunos fossem regimentados por professores que os orientassem, a terem as atividades antecipadamente, pois seria desumano, que os alunos comparecerem às atividades sem serem orientados, algo preparado para as competições. Nós tínhamos no Ginásio de Esportes uma quantidade imensa de jogadores, de atletas, de jovens e meninas, que praticavam o basquetebol, e tinham condições de serem orientados, de serem encaminhados, para as diversas unidades escolares da cidade. E os professores de Educação Física das escolas, das outras séries superiores, muitos deles por nós recebidos também beneficentemente para colaborarem com alunos dessas séries. E outro capítulo...é que no 7º BP (Batalhão de Polícia Militar) nós tínhamos dos chefes dessa unidade militar uma colaboração imensa, que com o oferecimento dos próprios policiais com capacidade e também estarem sendo cedidos para trabalharem nesses Grupos Escolares. Então era “uma coisa”, uma união fantástica de parte a parte: da criançada, de adolescentes, de soldados, de jogadores, que sem ônus nenhum para a prefeitura, se uniram no trabalho e preparo dessa criançada, então era um acontecimento fantástico. Tinham até esportistas que vinham do Rio de Janeiro para assistir a realização dessa competição. Sorocaba era movimentada de maneira fantástica, nos Jogos Escolares. Nós tínhamos no centro da cidade um desfile de abertura com carros alegóricos, desfile de rainha, baliza e tudo. Sem falsa modéstia, era o acontecimento cultural e esportivo “principal” da cidade no centro da cidade. Os jogos e disputas de atletismo eram realizados no antigo Scarpa⁴, na Avenida Afonso Vergueiro. Para completar tudo isso, nós tínhamos a festa de encerramento no Ginásio de Esportes, com a coroação da “rainha dos Jogos”, as princesas também. Na festa de encerramento, havia bailados, então era um acontecimento que pautava por “encantamento”, por alegria, por confraternização, então mexia muito com a criançada e os incentivava no esporte e na confraternização.”

Os jogos escolares sensibilizavam a população e sua abertura se fazia nos desfiles com participação dos estudantes, carros alegóricos e cerimônias oficiais no Ginásio de Esportes. O público comparecia as ruas e prestigiava os desfiles. Havia aparato e as escolas se esforçavam para apresentar um estética que agradasse a todos, exaltasse os temas e destacassem o trabalho, como ilustrados pelas fotos do Desfile de Abertura e da Cerimônia de Abertura dos Jogos dos Grupos Escolares:

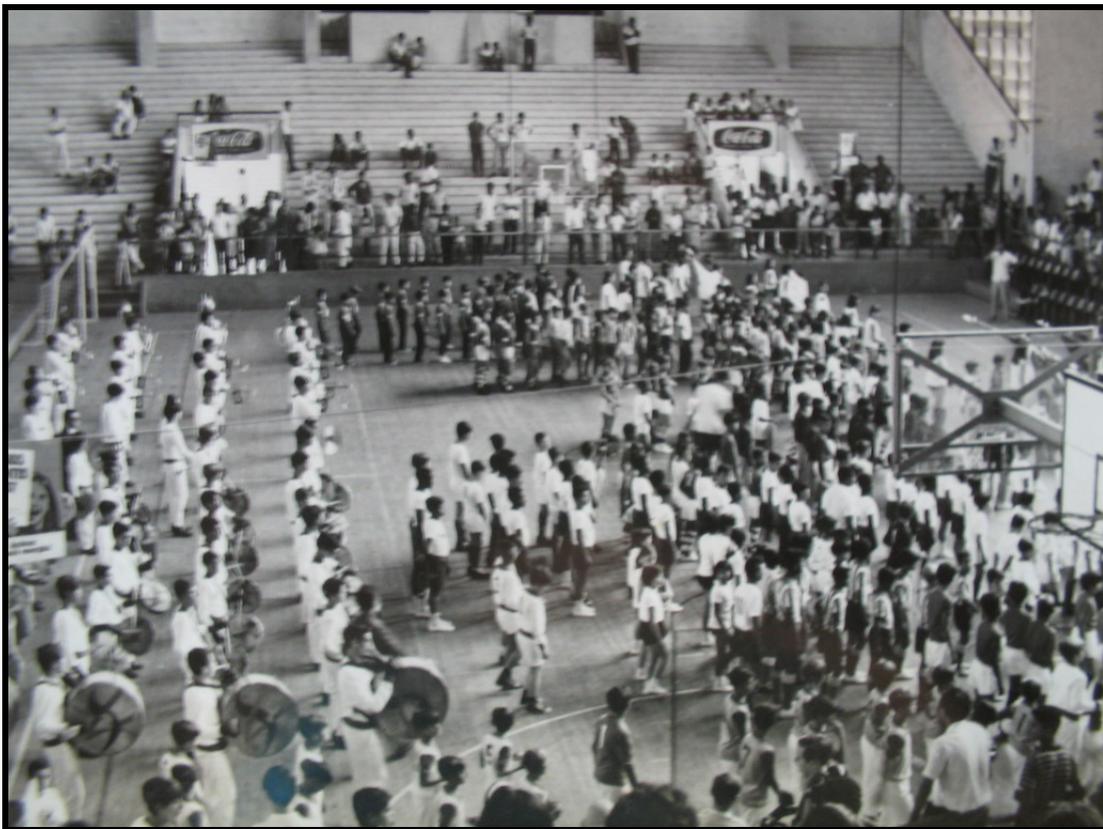
⁴ A A.A. Scarpa funcionou até o início da década de 1980, e ao longo de sua existência sediou inúmeras competições de natação, futebol e atletismo.



Acervo Projeto História do Esporte de Sorocaba.



Acervo Projeto História do Esporte de Sorocaba.



Festa Abertura dos Jogos dos Grupos Escolares em Sorocaba em 1958 (Acervo Projeto História do Esporte de Sorocaba).

Segundo depoimento do professor Newton Corrêa da Costa, ao professor Edson Segamarchi dos Santos (2006), os Jogos dos Grupos Escolares eram um grande acontecimento na cidade; o desfile de abertura era realizado nas ruas do centro da cidade, com grande participação da população. Ele afirma que vinham para Sorocaba até esportistas do Rio de Janeiro para acompanhar os jogos.

Ainda segundo o professor Campineiro, a festa de abertura era um grande evento com participação dos jogadores, fanfarra, eleição da rainha e princesa dos jogos e coroação das eleitas.



Acervo E.E. Antonio Padilha.

A foto acima mostra o desfile comemorativo do Dia da Independência, em 1958, pode-se verificar a grande presença do público e também o palanque das autoridades.



Acervo E.E. Antonio Padilha.

A foto acima demonstra uma atividade física na quadra da Escola Antonio Padilha, aparentemente uma apresentação, pois é grande a presença do público. É importante destacar a vestimenta utilizada pelas alunas e há dificuldade de definir o esporte que está sendo praticado por essas alunas, não se podendo afirmar com precisão se é um jogo de basquetebol.

Durante os anos 50 e 60 há expansão da rede pública, conseqüentemente a expansão da educação física. Uma parcela da população brasileira começava a ter acesso a escola, o quê segundo Guiraldelli Junior (1988) justificava em uma educação física voltada para o aluno das classes populares. O discurso pedagógico do desenvolvimento da saúde e formação de caráter do bom cidadão passou a objetivar as propostas escolares.

Atualmente, os principais conteúdos ministrados nas aulas são os quatro esportes coletivos tradicionais (handebol, basquetebol, voleibol e futebol), sendo o futebol o esporte mais utilizado. Esta é acima de tudo uma situação de acomodação, principalmente para o professor, porque o esporte tem suas

regras e precisam ser seguidas, gerando assim uma acusação difundida a respeito do professor de educação física: aquele que apenas “dá bola”.

O esporte é um conteúdo de fácil absorção por parte dos alunos, talvez pelo fato de possuir regras prontas, e como no caso do futebol, as regras serem de total conhecimento dos alunos. Isso gera uma facilitação para o professor de educação física que praticamente apenas supervisiona a atividade esportiva.

O esporte nas aulas de Educação Física perdurou bastante também por outros fatores: acomodações dos professores (esse comodismo pode estar relacionado à baixa remuneração); falta de estrutura das escolas, muitas delas nem possuem um local adequado para as aulas de Educação Física; falta de material didático e esportivo, já que a maioria dos diretores acreditam que material de educação física se resume apenas bolas dos esportes mais difundidos e, sobretudo, o reconhecimento por parte da comunidade e da própria escola que as competições possuem maior repercussão e interesse. Além desses fatores, pode-se incluir a falta de coragem para ousar ou de vontade para desacomodar.

Em relação à estrutura e materiais, pode-se afirmar que são fatores determinantes na escolha das atividades desenvolvidas pela escola, ressaltando que em muitos momentos é preciso muita criatividade por parte do educador. O planejamento anual, momento onde deveriam ser definidas as atividades a serem desenvolvidas nas aulas de educação física, está resumido na maioria das vezes em momentos de reprodução do planejamento do ano letivo anterior, levando em consideração as sugestões oficiais para a formulação deste planejamento a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

É possível constatar na maioria das escolas que o planejamento na prática não se concretiza e que na grande maioria das vezes, por falta de estrutura e de materiais e também por falta de reflexão do profissional de educação física, os meninos acabam jogando futebol e as meninas jogando voleibol, ou dançando em algum lugar onde o sol não as atinja.

Ainda é preciso observar que a duração das aulas de educação física é de 50 minutos e há uma orientação no sentido de não colocar duas aulas seguidas dessa disciplina. Com isso o professor fica com o tempo de aula um pouco

limitado, pois ele tem que ir até a classe realizar a “chamada” dos alunos, ir até o local da aula de educação física, fazer o alongamento (quando é realizado), cumprir o conteúdo programado e ainda reservar um tempo para que os alunos possam lavar o suor do rosto, tomar água, se recompor para poder assistir a próxima aula. Antigamente esse procedimento no final da aula de educação física era chamado de volta a calma.

Outro fato é que na grande maioria das escolas, os alunos não participam da escolha dos conteúdos, pois a maior parte dos professores alega que estes conteúdos são pensados durante a elaboração do planejamento. Mas é importante enfatizar que o planejamento deve ser elaborado durante todo o processo de ensino/ aprendizagem, inclusive no decorrer do ano letivo, durante o convívio com os alunos.

Uma prática bastante difundida nas escolas particulares de Sorocaba, é a substituição das aulas de educação física por uma atividade física denominada “afinidade”, que consiste na divisão dos alunos de uma determinada série em turmas para praticar esporte com o qual tenha mais afinidade, geralmente são oferecidas modalidades como basquete, vôlei e principalmente futebol de salão.

A esportivização das aulas de educação física em Sorocaba tem ainda uma característica interessante: enquanto que em cidades como Campinas e Piracicaba, o esporte competição é desenvolvido em clubes, podendo ser patrocinadas pelas grandes escolas particulares, aqui em Sorocaba o esporte competição é desenvolvido nas grandes escolas particulares, não possuindo nenhum clube na cidade que desenvolva o esporte competição, aproximando ainda mais o esporte competição das aulas de educação física, pois coloca o praticante e o esporte em maior evidência.

Constata-se assim uma visão redutora do esporte nas aulas de Educação Física, por parte dos professores, pois o esporte pode proporcionar muito mais que disso, como por exemplo: o desenvolvimento de habilidades motoras, a aptidão física, o desenvolvimento sócio-cultural e sobretudo auxiliar na formação do cidadão ativo, características educativas além do ganhar ou perder.

Deve-se frisar que o esporte da escola é um meio e não um fim em si mesmo, mas constitui um paralelo com a vida em sociedade. Esta afirmação é

bastante real, pois durante a prática do esporte surgem diversas situações que cotidianamente são vivenciadas pelos indivíduos, como confrontos, brigas, injustiças, mas principalmente ação.

Existe ainda o pensamento que o esporte transmite princípios para uma vida saudável longe dos vícios. Nessa afirmação verifica-se o quanto nossos educadores são influenciados, pois o governo transmite através da mídia que a criança que pratica esporte fica longe das “coisas ruins” e todos acabam acreditando que esse esporte assistencialista é o papel principal da escola e conseqüentemente da educação física.

Uma Educação Física voltada para o desenvolvimento do esporte, reforça a ideologia dominante na nossa sociedade que privilegia a descoberta de talentos esportivos em detrimento de uma atividade reflexiva capaz de ajudar na formação de homens felizes e plenamente realizados. Para isso é necessário uma transformação didático-pedagógica do esporte conforme sugere Kunz (1994).

2.3 – A formação dos profissionais de Educação Física.

As primeiras escolas destinadas à formação de pessoal especializado para ministrar aulas de Educação Física eram ligadas às instituições militares. O objetivo era preparar pessoal docente para atuar com os princípios de disciplina e rigor, no cumprimento de tarefas motoras como “instrutores”.

Os cursos implantados eram organizados e ministrados por pessoal formado nas instituições militares. A formação dos profissionais estava voltada para à valorização do aspecto utilitário e guerreiro do ser humano, seguindo uma tendência militarista.

“...onde se destaca o adestramento físico como maneira de preparar o aluno ao cumprimento dos seus deveres para a defesa da nação em função dos perigos internos que se vislumbram devido à ordem política, econômica em desestruturação, com o surgimento de um pensamento nacional e do perigo externo, onde se configurava um conflito mundial”. (FREIRE, 1992, p. 62)

Segundo Marinho (1980, p. 171), a primeira escola de Graduação, para formação de profissionais em Educação Física no Brasil em nível superior, foi a Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, em 1909, o curso tinha como objetivo a formação de profissionais para orientar a preparação física das tropas.

Em 1922, outra importante referência foi a criação do “Centro Militar de Educação Física” no Rio de Janeiro. As instituições de ensino da época contratavam os militares formados neste centro para serem professores instrutores nas escolas.

Em 1930, o Ministério da Guerra promoveu uma reestruturação no Centro Militar de Educação Física, ligando-o, didática e diretamente, ao Estado-Maior do Exército, e, administrativamente, ao próprio Ministério da Guerra. Nesta mesma data, também foi transferido o Centro Militar para a Fortaleza de São João, na Urca. Em 1931, esse Centro passou a ser um estabelecimento independente, dentro do Exército. Dois anos depois, o Centro Militar foi substituído pela Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), criada, inicialmente, para formar instrutores, monitores, mestre d'armas, monitores de esgrima e médicos especializados, sendo aos civis, também permitido, tomarem parte dos cursos.

A primeira escola civil passou a funcionar em 1934, criada pelo Governo do Estado de São Paulo, junto ao Departamento de Educação Física da Universidade de São Paulo, mas com o corpo docente em sua maior parte composto por militares. Esta iniciativa incentivava à desmilitarização da profissão, oferecendo o curso de graduação numa universidade pública dando a oportunidade de pessoas civis tornarem-se profissionais em Educação Física.

Durante muito tempo os militares tinham os mesmos direitos que os profissionais civis formados em Educação Física, como mostra o trecho da entrevista com o professor Ataliba Ferraz:

“Veja bem, quando eu comecei, quando eu era aluno, ainda tinha, ainda predominava aquele estilo militar, e porque na verdade a própria legislação da atribuição de aula determinava, não tinha professores de educação física, e era priorizado o cara que era sargento do exército, sabe oficial do exército eles davam aula, então eles vinham fazer aquilo que eles faziam no quartel. Se você fosse

um sargento do exército, tinha pleno direito, se inscrevia para a atribuição de aula como professor, se tivesse mais pontos você pegava, entende, tanto que lá no Achilles, antes do Nilton Petroni ir pra lá, quem deu aula era um sargento do tiro de guerra, o sargento Neier. É, eles iam como se fossem professores, tinha validade a formação militar deles, pra dar aulas de educação física, então ficava aquela história de chamava a criança pra quadra e era esquerda vover, direita vover, e ainda marchava”. (entrevista em 13/10/2006).

A formação de professores de Educação Física foi regulamentada inicialmente, pela Resolução 69/69 do Conselho Federal de Educação – CFE, que definia um currículo mínimo privilegiando a esportivização, mas não contemplava o conteúdo pedagógico de teor científico. A definição de um currículo mínimo para a formação de profissionais em Educação Física teve a preocupação maior dedicada á formação do “técnico esportivo”, oferecendo o título de licenciado em Educação Física e Técnico de Desportos.

O currículo mínimo era composto de seis “matérias básicas”, todas da área biológica e seis “matérias profissionais” (ginástica, natação, e esportes), além das “matérias pedagógicas”, tudo previsto no Parecer 672//69 do CFE.

Na entrevista com o professor Ataliba Ferraz, ele faz o seguinte relato sobre a formação do profissional de Educação Física:

“...naquela época o curso de Educação Física tinha duração de três anos e a diferença da educação física naquela época para agora, é que a formação do profissional, a grade curricular do curso era voltada para seu lado educativo, o professor educador, o professor era formado para trabalhar com alunos e hoje é diferente, hoje a educação física tem um nível assim mais científico em termos de preparação física, de condicionamento físico, naquela época nós não tínhamos, nós trabalhávamos em termos de partes pedagógicas e uma parte de atividades esportivas, com processo educativo, jogos, exercícios de embasar, fazer aquela base dos esportes, hoje não, hoje você pega o professor de educação física ele já está mais cientificamente, vamos colocar entre aspas o cientificamente, mais qualificado, eu tenho uma filha aqui que é professora de educação física, ela é de uma geração mais ou menos próxima da sua, eu e ela nos somos professores de educação física completamente diferente uma coisa da outra” (entrevista em 13/10/2006).

A Faculdade de Educação Física de Sorocaba começou a funcionar em 1971 e foi reconhecida pelo Decreto nº. 73.452 de 14 de janeiro de 1974, tendo como mantenedora a Associação Sorocabana de Ensino e Cultura (ASEC), de

caráter privado, sob a presidência do casal: Sr. Paulo Franco Marcondes, Coronel da Polícia Militar do Estado de São Paulo e sua esposa Sra. Laila Miguel Sacker Marcondes. Iniciou seu funcionamento, em instalações provisórias, com o Curso de Graduação em Educação Física e Técnico de Esportes.

A pesquisa da professora Miriam Aparecida Leme (2000), sobre o assunto, atesta que sem ter uma sede própria e nem material esportivo, as aulas práticas eram ministradas nas dependências do Serviço Social da Indústria em Sorocaba (SESI), do Colégio Salesiano São José e outros lugares, como os Centros Esportivos da Prefeitura e Clube de Campo do Automóvel Clube de Sorocaba. Estas instituições emprestavam ou alugavam seus espaços para Faculdade e cediam os materiais necessários para as atividades pedagógicas práticas: bolas, colchões, arcos e outros equipamentos.

Com essas dificuldades apresentava uma grande evasão dos alunos, gerando problemas financeiros, pois a renda obtida com as mensalidades não era suficiente para pagar os salários dos professores, os encargos trabalhistas e aluguel dos espaços adequados para as aulas práticas. No ano de 1978 a situação se agravou, ao ponto de ser cogitada o encerramento das atividades da Faculdade.

Diante desse quadro pouco promissor o Prof^o. Otto Wey Netto, advogado e também formado em Educação Física na USP e, como já relatado, um incentivador do esporte na cidade, era professor da Faculdade, ministrando as aulas da disciplina Organização da Educação Física e Desportos. Como também fazia parte da Diretoria da ACM de Sorocaba, levou ao Sr. Romeu Pires Osório, Secretário Geral da ACM de Sorocaba, a preocupação com a situação da faculdade. Já havia tentado a transferência da faculdade para uma das Entidades Assistenciais da cidade e não obtivera sucesso. Entre os dois, Prof^o Otto Wey Netto e o Sr. Romeu Pires Osório, surgiu a idéia de levar a faculdade para a ACM.

Em setembro de 1978, finalizaram as negociações com a ASEC, assumindo a Faculdade de Educação Física de Sorocaba, que passou a chamar-se Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Moços de Sorocaba – FEFISO/ ACM.

No início da década de 80, começam a surgir críticas em relação a necessidade de desvincular os objetivos da Educação Física dos objetivos do sistema esportivo, favorecendo assim os estudos sobre a prática de atividade física como componente educacional em todos os níveis de ensino.

Na Resolução 03/87 do CFE, os mínimos curriculares propõem uma nova divisão para a graduação em Educação Física, preparando os profissionais para a área da Educação e dos Esportes, sendo respectivamente os Licenciados e os Bacharéis.

Segundo Leme (2000), o Projeto Curricular da FEFISO/ ACM foi aprovado em 07 de agosto de 1990. Em fevereiro do mesmo ano, passou a funcionar o curso de Licenciatura Plena em Educação Física com uma nova grade curricular. A carga horária passava para 3009 horas/ aulas, distribuídas em oito semestres letivos, ou seja, quatro anos, divididos em três departamentos: Educação, Gímnico Desportivo e de Ciências Médicas.

Um grande avanço se deu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, a LDB, que garantiu a profissionalização adequada para o ensino, firmando a obrigatoriedade da licenciatura plena de nível superior para cada disciplina do currículo escolar como formação exigida para o exercício do magistério. Outro avanço significativo se deu com a promulgação da lei 9696/98, que regulamentou a profissão e criou os Conselhos Federal e Regional de Educação Física.

3 - DIÁLOGO COM A REALIDADE.

De acordo com os objetivos da pesquisa, resgatar parte do passado do esporte e da educação física em Sorocaba se tornou indispensável. Meu envolvimento pessoal nas duas áreas me colocou na obrigação de constatar a trajetória dessas áreas nos depoimentos e entrevistas com as pessoas que considere, por seu conhecimento e experiência profissional, destaques na trajetória físico – desportiva da cidade.

Indiretamente, como pode ser percebida ao longo do texto, na busca de depoimentos em acervos institucionais e no Projeto História do Esporte de Sorocaba, como é o caso das considerações do professor Otto Wey Neto.

A pesquisa do modo direto foi construída a partir das entrevistas realizadas com três profissionais da área. A escolha não foi aleatória. São muitas as pessoas que poderiam colocar-se sobre o assunto, a opção se fez pela abrangência na prática profissional:

a) no caso, mais específico do professor 01 que ampliou seu trabalho como professor de educação física, lecionando nos vários segmentos de escolarização, das séries iniciais ao ensino superior, também desenvolveu cargos administrativos, como Delegado de Esportes e outras funções de confiança, por decisão do poder público.

b) pela ação docente por mais de trinta anos em escola pública e de formação básica (hoje entendida como das séries iniciais ao ensino médio) e à formação de turmas de treinamento, principalmente na modalidade basquetebol. Nesse aspecto a contribuição do professor 02 foi muito importante.

c) A participação da professora 03 se ajusta ao perfil de quem continua em atividade, em constante atualização e também por ter passado pelos vários momentos da educação física abordados pela pesquisa teórica.

Vale ressaltar que as especificidades de cada um, aconteceram concomitantemente às iniciativas de projetos, programas, que os três participaram, às vezes, até conjuntamente.

Como na condição de aluno, atleta e professor, minha vida cruzou com as deles e por isso foi possível, na condução deste trabalho, estabelecer um diálogo de vivências e reflexões sobre a educação física e o esporte.

Minayo (2000) afirma que a entrevista tem por finalidade recolher informações através da fala dos atores sociais. Porém, é importante também ser lembrado o silêncio. Nesse caso, o entrevistador deve estar atento para seu significado. O silêncio pode ser necessário para que o entrevistado ordene seus pensamentos e idéias. Mas pode ocorrer também em um momento muito claro para o pesquisador, por exemplo, quando se toca em assuntos trágicos, chocantes ou ameaçadores para o indivíduo entrevistado. Além do silêncio o pesquisador deve estar atento para a expressão corporal do entrevistado, bem como para a tonalidade de voz e a ênfase em algumas palavras ou expressões durante sua fala.

No caso dos professores entrevistados, as lembranças afetivas de prazer, realização profissional ou mágoa puderam ser registradas, não só com a mudança de postura, movimentação gestual, que foram traduzidas em expressões nem sempre convencionais, como na transcrição integral das entrevistas que permite perceber essas características.

Na pesquisa qualitativa, são inúmeros os métodos de coleta de dados. Entre estes, citam-se como as mais conhecidas as seguintes: a observação participante, a história de vida, a história oral e as entrevistas, as quais captam a subjetividade dos participantes, favorecem a intervenção dos agentes em sua realidade ou criam condições de transformar os contextos estudados. Pelo fato de a natureza do objeto do estudo exigir interação entre pesquisador e pesquisado para contextualizar as experiências, vivências, sentidos, utiliza-se a entrevista como uma técnica especial para a coleta de informações diretas dos sujeitos investigados. Essa interação entre pesquisador e pesquisado ficou evidente durante as entrevistas e em determinados momentos era quase possível visualizar o ocorrido, pois algumas das recordações dos entrevistados possuíam ligações com a minha experiência como aluno, atleta, professor e técnico, como ilustra o trecho da entrevista com professor 2:

“Você passou por uma fase, eu cito você como exemplo, você se lembra do trabalho que nós fazíamos lá, que a Bernadete passava pra você, a parte de coordenação motora, é isso aí que quando a gente fala em termos de educação física, nos comentamos que havia uma série de dificuldades, que você quando passou também, não sei nem se você sabe disso, a sua mãe levava, ela ia na escola conversava e ela levava alguma coisa pra você fazer, para você acelerar, ai um dia eu falei pra ela: olha, já fazia uma ano, um ano e pouco, você tava acho que na quarta série por aí, é verdade, é verdade, e era mais direto. Ai, eu falei pra ela: deixa o “Giba” continua fazendo as aulas que ele está fazendo, mas ache um jeito, para o Gilberto, pra vê se ele se interessa em treinar basquete, você começou a treinar basquete não era bem porque você ia querer jogar basquete, era para desenvolver a coordenação motora, você queimo etapas, esse é o grande lance de quando a gente conversa por aí, se comenta. Então, a ida sua para o treino de basquete, não era pra você jogar ainda, era um complemento da parte de coordenação motora, que você já entrava com o negócio mais refinado, e o pagamento nosso, a grande surpresa nossa, foi que acelerou, e você passou a jogar, e aí no ano seguinte você já fazia parte do treinamento, já não mais como carona, que é o que fizeram no começo, como um cara que já fazia parte, que era disputadíssimo para fazer parte do grupo 25, 30, então no ano seguinte você já era o cara que tinha mérito, quando você saiu da 8ª série, na 8ª série você foi o escolhido melhor jogador da fase regional, em Itu, ta lembrado disso ou não?”. (Entrevista em 13/10/2006).

É importante também nessa linha de investigação ficar atento às etapas desenvolvidas na realização da técnica de entrevista. Segundo Meihy (2005), são elas:

1º) Contato inicial: quando são revelados os objetivos da pesquisa, ressaltados os direitos do entrevistados, e como já foi abordado pedir uma autorização por escrito para usar a entrevista.

2º) Aplicação do método: para criar um referencial fácil e confortável para qualquer discussão, fornecendo uma progressão lógica e plausível por meio dos temas em foco.

3º) Registro de dados: para registrar os dados, existem duas grandes maneiras: a gravação direta e a anotação durante a entrevista. A gravação da entrevista constitui um registro completo. Portanto, o que foi dito verbalmente pode ser considerado.

Uma limitação em relação à entrevista gravada é a sua transcrição para o papel. Esta operação é bem mais dispendiosa do que geralmente se planeja, consome muitas horas. Uma forma de minimizar essa dificuldade é o registro feito por meio de notas durante a entrevista. Mesmo assim, isto certamente

deixará de cobrir muita das coisas ditas e vai solicitar a atenção e o esforço do entrevistador, além do tempo necessário para escrever.

4º) Encerramento: é especialmente importante porque o que ocorre durante essa última etapa tende a determinar a impressão do entrevistado sobre a entrevista como um todo. É preciso estar certo de que foi dada a ele total oportunidade de se expressar. Após a finalização da técnica da entrevista vem a análise de todo o material coletado.

5º) Transcrição: é a passagem da entrevista do meio eletrônico para o papel, um dos momentos mais demorados e difíceis, há aqueles que defendem a transcrição integral das fitas como primeira etapa da escrita, segundo Thompson:

“A transcrição integral deve, pois, incluir tudo o que está gravado, com a possível exceção de digressões para verificar se o gravador está funcionando, para tomar uma xícara de chá, ou para bater papo sobre como está o tempo, sobre doenças, ou coisas assim. Todas as perguntas devem constar dela. O gaguejar em procura de uma palavra pode ser eliminado, mas outro tipo de hesitações e de “muletas”, como “você sabe” ou “veja bem” devem ser incluídos. A gramática e a ordem das palavras devem ser deixadas como foram faladas. Se não se conseguir compreender uma palavra ou uma frase, deve deixar-se um espaço na transcrição para indicar isso. Todas essas são orientações bastante fáceis de compreender. Mas a verdadeira arte do transcritor está no uso da pontuação e numa ou outra grafia fonética que transmita a natureza da fala (Thompson, 1992. p. 293)”.

3.1 – Análise das entrevistas.

As entrevistas realizadas com: professor 1, professor 2 e professor 3 foram transcritas, colocadas em anexo e as respostas foram categorizadas pela maior frequência com que alguns temas foram referidos. Para organizar as informações, elaborei um quadro temático e freqüencial com os indicadores surgidos na fala dos entrevistados.

As unidades de codificação foram identificadas pela freqüência com que os entrevistados relataram vivências e considerações sobre o assunto. As unidades de codificação citadas com maior freqüência (esportes, educação física, jogos estudantis), revelam o universo simbólico comum, no qual o

profissional de Educação Física é apontado como o professor que enfatiza o esporte nas aulas de Educação Física visando competições estudantis, como demonstra a professor 3:

“Competição! Acontecia e muito, porque você sabe, você era atleta na época de escola e você se lembra como a gente ia para as quadras e os professores tinham uma vontade muito grande que seu time fosse o campeão. E aí, hoje depois desse tempo todo trabalhando e ainda na ativa tanto no esporte quanto não no esporte, eu trabalho bastante com yoga, eu acho que é muito difícil, por exemplo, que você forme uma equipe que você coloque pra jogar e você não tem pelo menos a idéia de que ela vai ta chegando lá na final, é muito bonito, muito romântico, você usar aquela frase de que “o importante é competir” e que infelizmente, ganhar é só um que ganha, mas eu tenho assim por mim de que é muito difícil tanto para o atleta quanto para o técnico que coloca uma equipe pra competir, faz lá o investimento, nem que seja um investimento grande de dinheiro, mas um investimento psicológico de vontade, de tudo isso...e isso é um pouco devido a essa Educação Física competitiva”. (Entrevista em 19/12/2006).

Quadro temático e freqüencial.

Principais unidades de codificação surgidas durante as entrevistas.

Unidades de Codificação	Professor 1	Professor 2	Professor 3
Esporte	3	19	9
Educação Física	9	12	14
Jogos Estudantis	15	15	10
Educação/ Formação	5	1	2
Valorização Profissional	4	2	-
Organização das atividades	6	2	1
At. correlatas*	1	2	1
Ed. Física/ Ditadura Militar	-	1	1

*Refere-se as atividades como: academia, instalação da ACM, experiência com ginástica olímpica, festivais, participação em tribunais de justiça desportiva.

Vale ressaltar a divergência de opinião sobre a valorização do profissional de educação física entre os professores professor 1 e professor 2, como demonstra os trechos a seguir, o professor 1 se referiu assim a profissão:

“Daí pegou o negócio de Educação Física, antigamente não valorizavam muito o professor de Educação Física, não existia academia, não existia nada disso que você vê hoje, os alunos por exemplo eram loucos pra trazer atestados médicos pra não freqüentar a aula ou se fingiam de machucados, preferiam ficar sentados do que fazer, eles achavam chato esse negócio de aula”. (Entrevista em 07/10/2006).

Enquanto o professor 2 fez a seguinte declaração:

“Não sei se você sabia dessa, caiu assim no meu colo, estava desolado, a ponto de abandonar, de não começar a trabalhar de verdade, e ela me levou lá, bateu em casa me chamou, eu fui na casa dela, atrás das listas das classes, naquele tempo formava turmas, cada duas classes, fazia uma turma e me dava até tremedeira, comecei olhar, olhar, olhar que já sabia fazer no Estado, trinta e nove aulas, assim “batidinho”, em questão de trinta dias eu tava de carro zero na mão. (risos) (...) e esse foi o emprego que garantiu minha vida até hoje”. (Entrevista em 13/10/2006).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Reportando-me à introdução, a preocupação deste trabalho é a de verificar que com a institucionalização da educação física em Sorocaba, se deu também sua esportivização.

Recorrendo às idéias trabalhadas no texto é possível atestar que no Brasil, as primeiras manifestações de uma Educação Física sistematizada são do século XIX, quando por influência dos médicos higienistas e dos militares, as atividades corporais são introduzidas nas escolas e nos quartéis com a denominação de “Ginástica”.

Em Sorocaba isso foi acompanhado pelas matérias nos jornais como em 12/12/1897, nº. 483, o jornal “O 15 de Novembro”, publica matéria sobre os exames aos quais os alunos do grupo escolar são submetidos para conseguir aprovação no ano letivo. No item 2 consta: Gymnastica escholar ensinada pelo cidadão Inspector Litterario José Manuel de França Junior.

No livro de Registro da Correspondência, cujo termo de abertura foi feito em 03 de outubro de 1904, pelo Diretor Julio Pinto Marcondes Pestana, há o registro de uma correspondência de nº. 102 enviada ao Sr. Secretário da Interior, que diz:

“Tendo em vista realizar no dia 15 de Novembro p. futuro, um torneio de gymnastica com os alunos deste estabelecimento de ensino, e sendo, para esse fim, necessários bastonetes e alteres, peço a V. Ex^a. se digne determinar as providencias necessárias afim de ser feita a remessa, para este Grupo escolar, dos objetos constantes da inclusa relação.” (2 de outubro de 1905).

No mesmo livro de Registro da Correspondência, há o registro de uma outra correspondência de nº. 106 enviada ao Sr. Secretário da Interior, que diz:

“Comunico a V. Ex^a. que afim de não passar despercebida, nesta casa de ensino, a gloriosa data da proclamação da Republica – realizar-se-á, nesse dia, uma passeata cívica executando os alumnos, exercícios militares e as alumnas, exercícios de gymnastica, fazendo-se mais nesse dia a inauguração de um rico

estandarte que pertencerá a este Grupo Escolar". (Sorocaba, 13 de Novembro de 1905).

No final dos anos 50, segundo a historiografia da educação física, é que começa a ser ainda mais incisiva a inclusão de jogos e desportos em suas aulas, mas como já visto no decorrer do trabalho, Sorocaba desde 1942 já possuía turma de treinamento de bola ao cesto, sobre a supervisão do professor Luis Marins.

A primeira competição inter-escolar em Sorocaba foi a Olimpíada Estudantil, segundo relato do professor Otto Wey Netto, ao professor Edson Segamarchi (2006):

"Em 14 de novembro de 1948 eu era vice-diretor do Getulio Vargas, eu comecei lá como professor de didática e entrei no Getulio Vargas em 1945, e logo depois em 1948, começo de 1948, eu fui para vice-diretor. Nas escolas de Sorocaba existiam boas equipes, principalmente de basquete, que já estavam começando, então havia algumas competições de atletismo, de natação, de basquete, de voleibol. Existia no "Estadão", era Ginásio do Estado, doutor Júlio Prestes. Existia lá um professor chamado Hélio Ítalo Serafino, o Hélio Serafino, era um entusiasta pelo esporte. Sabendo que eu também gostava disso, que eu nasci numa quadra de esportes na rua Dr. Braguinha, lá era o Clube Atlético do Juventus...Então ele falou: vamos fazer uma olimpíada estudantil e nós "bolamos" uma Olimpíada Estudantil. Fizemos algumas com o nome de Olimpíada, depois nós soubemos, que não podia colocar o nome de Olimpíada, era um nome privativo dos Jogos Olímpicos, então nos mudamos para Campeonato Estudantil e depois foram outros nomes... eu tenho aqui algumas datas: *em 1948, 11 de novembro de 1948 foi a primeira Olimpíada Estudantil*. Na somatória dos pontos das diversas modalidades quem ganhou foi o Colégio Estadual".

Segundo o professor 1, foi ele através do DREFE (Departamento Regional de Educação Física e Esportes) que implantou em Sorocaba o Campeonato Colegial de Esportes, que foi realizado pela primeira vez em 1954, essa competição dura até o dia de hoje com o nome de Olimpíada Colegial, é uma competição oficial do governo estadual.

Também por influência do Professor 1 teve em 1954 a fundação da Associação Cristã de Moços, na sua entrevista ele relata demonstra magoa com as críticas que recebeu na época:

“Primeira no interior do Brasil, e recebia esse senhor de São Paulo, que vinha representando o Diretor da ACM de São Paulo, foi nos orientando, orientando, orientando e fundou o “Triângulo Vermelho”, era o início da associação cristã de moços, chamava-se “Triângulo Vermelho”, e 1954 fundou-se a Associação Cristã de Moços de Sorocaba, a primeira no interior do Brasil e ficou independente de São Paulo e daí logo depois, São Paulo ajudou e eles compraram um prédio dos ingleses ali na Rua da Penha, onde hoje tem ela. Naquela época tinha uma quadrinha no fundo e joguinho de ping-pong, porque era uma casa velha, antiga, pra atrair associados e eu fui muito criticado, eu fui muito violentado pelos padres daqui de Sorocaba na época, porque eles achavam que tinha cunho evangélico, coisas de cristão na Associação Cristã de Moços, então quase que diariamente saia artigos contra mim, escrito pelo Flu, lembra do Flu? O padre Lúcio”. (Anexo 01, entrevista em 07/10/2006).

Em 1958 tivemos os 1º Jogos dos Grupos Escolares em Sorocaba, organizado pelo Professor Newton Corrêa da Costa, conhecido como Campineiro.

Todos esses jogos de natureza estudantis demonstram em Sorocaba uma tendência muito grande para a esportivização da Educação Física: a cidade possuía vários clubes de futebol, já havia sediado duas competições dos Jogos Abertos do Interior, possuía ótimas equipes representativas principalmente no basquete masculino e feminino e principalmente havia por parte dos professores José Carlos de Almeida, Newton Corrêa da Costa e Otto Wey Netto grande empenho nas realizações dessas atividades. Como eram pessoas muito conhecidas no meio esportivo sorocabano conseguiam regimentar um grande número de colaboradores o que contribuía para viabilizar os jogos, com isso o esporte tornou-se cada vez mais forte dentro das escolas.

Sorocaba na época da ditadura militar (1968-1984) teve uma diminuição das competições, com o fim dos Jogos dos Grupos Escolares de Sorocaba, como demonstra o depoimento do professor Newton Corrêa:

“Na Diretoria Municipal de Esportes, na participação escolar, nós idealizamos os Jogos dos Grupos Escolares em Sorocaba em 1958, então foi realizado durante 10 anos até 1968, quando me tiraram o Ginásio de Esportes...”.

Apesar dessa redução ainda era grande o número de competições estudantis em Sorocaba como verificado no depoimento do professor 2, feito durante nossa entrevista em 07 de outubro de 2006:

“...o Estadão, por exemplo, ganhava tudo, , o Estadão tinha lá o Julio Amaral, era um dos professores modelo da época, era “o professor” , só que era quem estava mais voltado para as metas dos métodos militares. Ele era professor de Educação Física, mais ele tinha assim essa linha, que ele aprendeu assim, o Estadão, era escola “top-de-linha” na cidade, então lá ele tinha a facilidade da fatura de material humano, e ele era um cara assim dedicado, que tinha equipes de basquete, vôlei, ele a Ligia que era esposa do peixe, que era professor de educação física, então eles montavam equipes e ganhavam tudo, até 75, que em 73 pedimos para o diretor da escola 2 anos de prazo, 75 nós já conseguimos chegar sabe, próximos da coisa, que tinha que dar um tempo para se aprender. E de 76 até 77, a partir daí, nós fizemos uma seqüência de 7 anos, pré-mirim, mirim, infantil, juvenil se formava, quando sobrava aí o pessoas corria pra escola particular, colegial, pré-mirim, mirim e infantil, nós passamos com esse times 7 anos sem perder uma partida, jogando em Sorocaba e região.

Sobre as competições, o professor 3 durante sua entrevista em 19 de dezembro de 2006, no Bloco D, na Cidade Universitária da UNISO, assim se expressou:

“Competição! Acontecia e muito, porque você sabe, você era atleta na época de escola e você se lembra como a gente ia para as quadras e os professores tinham uma vontade muito grande que seu time fosse o campeão. E aí, hoje depois desse tempo todo trabalhando e ainda na ativa tanto no esporte quanto não no esporte, eu trabalho bastante com yoga, eu acho que é muito difícil, por exemplo, que você forme uma equipe que você coloque pra jogar e você não tem pelo menos a idéia de que ela vai ta chegando lá na final, é muito bonito, muito romântico, você usar aquela frase de que “o importante é competir” e que infelizmente, ganhar é só um que ganha, mas eu tenho assim por mim de que é muito difícil tanto para o atleta quanto para o técnico que coloca uma equipe pra competir, faz lá o investimento, nem que seja um investimento grande de dinheiro, mas um investimento psicológico de vontade, de tudo isso...e isso é um pouco devido a essa Educação Física competitiva. Eu por exemplo, por mim, prefiro festival, você faz um festival de vôlei, você leva 200, 300 crianças pra participar, você premia todos com a mesma premiação e eu acho que isso é muito mais importante do que você fazer um campeonato com 15 equipes, onde só um é campeão e só um, ou dois, vão receber troféu, medalha. Mas também por outro lado, a gente não pode deixar sem a competição”(Anexo 03).

Em 1970 a Educação Física passou por um grande processo de expansão em termos nacionais com a implantação da obrigatoriedade da Educação Física Escolar para todos os níveis de ensino e o desenvolvimento dos programas governamentais estimulando a atividade física tais como: “Esportes para Todos”, “Ruas de Lazer”. Foi também a partir desse período que se deu a

explosão de cursos de graduação em Educação Física, incluindo a Faculdade de Educação Física de Sorocaba que começou a funcionar em 1971.

Por conta desses fatores no meu entender, pela minha própria experiência, como pelo contato com inúmeros outros profissionais, na condição de professor ou como diretor de escola, há indícios para acreditar que a Educação Física Escolar em Sorocaba teve uma esportivização precoce e que perdurou como momentos de maior ou menor intensidade até o fim da década de 80.

A metodologia utilizada na realização deste capítulo baseou-se na observação de vários profissionais com os quais tive contato enquanto professor de educação física e mais tarde com os professores que eu acompanhei como diretor de escola, procurando registrar as metodologias de ensino no intuito de buscar subsídios para a construção de um panorama sobre cenário da Educação Física escolar em Sorocaba.

A narrativa caracteriza em grande parte o desenrolar deste texto, caminhada historiográfica já anunciada, que delineou em parte, aspectos da educação física e do esporte em Sorocaba, no contexto de suas representações e simbologias, apresenta um tempo a partir de uma realidade recortada da sua época, a que foram alinhavadas histórias pessoais e coletivas, que podem ser entendidas como pontes de conexão e não como pontos de chegada ou de partida.

Foram acompanhadas aulas de educação física da 5ª série ao 3º colegial em escolas particulares, mas principalmente em escolas públicas. Foi evidenciada uma certa postura conservadora, priorizando nas aulas o desenvolvimento físico e a iniciação esportiva, havendo predominância da última.

A hegemonia esportiva encontrada na Educação Física escolar foi desenvolvida por um longo processo gradativo a partir de sua incorporação no contexto escolar, como vimos, no fim da década de quarenta e início da década de cinquenta no século passado e, especificamente em Sorocaba tem como marcos: a primeira Olimpíada Estudantil em 1948, os 15º Jogos Abertos do Interior em 1950, realizados na cidade de Sorocaba e a construção do Ginásio Municipal de Esportes “Dr. Gualberto Moreira”.

Há muito tempo que o esporte e a educação física são confundidos, mas segundo Kunz (1994) é preciso relatar que o esporte por si só não é considerado educativo, a menos que seja “pedagogicamente transformado”.

A vivência no esporte pode ser responsável por diversas características que o aluno carregará pelo resto de sua vida, em relação a sua cultura de movimento e também em relação ao seu próprio corpo. Assim como em uma aula de Matemática (ou qualquer outra disciplina), que dependendo da forma como o conteúdo for trabalhado o aluno terá uma empatia com a disciplina ou a detestará; na Educação Física, o professor ao desenvolver uma atividade esportiva de forma hierarquizada, de modo que os mais talentosos fiquem em evidência e os outros alunos fiquem com uma função inferior, pode estar colaborando para tornar esse aluno passivo e adaptado à inferioridade.

O que Kunz (1994) caracteriza como uma irresponsabilidade pedagógica do professor que proporciona vivências esportivas de sucesso para uns poucos e de fracasso para muitos e que resultará futuramente na sua inclusão no mercado de trabalho como mão-de-obra barata e explorada.

Entende-se que o uso do esporte como cópia irrefletida do esporte de rendimento, relaciona-se com as condições sociais do professor, da escola e da sociedade, isto quer dizer que num contexto em não se objetive mudanças, o esporte fornece condições de acomodação dos professores e alienação dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almanach de Sorocaba de 1904. Chronologia Sorocabana. Sorocaba, SP: Typographia 15 de Novembro, 1904.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BETTI, Mauro. **A Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º graus, no período 1930-1986: uma abordagem sociológica.** USP/ São Paulo: 1988.

BRASIL CFE, **Resolução 69/69**, que fixa os mínimos de conteúdo e duração do Curso de Educação Física, de 06 de novembro de 1969.

BRASIL Conselho Federal de Educação **Resolução 672/69**, de 04 de setembro de 1969.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** São Paulo. Editora do Brasil, 1996.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República e outros ensaios.** Bragança Paulista: EDUSF, 2003. (Estudos CDAPH. Série historiografia).

COSTA JUNIOR, Newton Corrêa da. Sorocaba/ Votorantim: “capitais do basquete feminino do Brasil”, Itu. São Paulo: Ottoni Editora, 2007.

_____. **Decreto-lei n. 9696/98 de 01 de Setembro de 1998.** Dispõe sobre a regulamentação da profissão de educação física e cria os respectivos conselho federal e conselhos regionais de educação física. In: Regulamentação da profissão.

FERREIRA NETO, Amarílio. (Org.). **Pesquisa Histórica na Educação Física**. Vitória: Editora do CEFD/UFES, 1997, v. 1, p. 59-82

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1991.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: editora Unijuí, 1994.

LEME, Miriam Aparecida Ribeiro Borba. **A formação dos profissionais em educação física: um estudo das representações sociais dos (das) estudantes da FEFISO/ ACM de Sorocaba**. Dissertação de Mestrado. UNISO. 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 16 ed. São Paulo: Loyola, 1999. (Coleção Educar).

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º Grau. Série formação do professor).

MARINHO, Inezil Penna. **História da educação física e dos desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: DEF/MES, 1952.

MARINHO, Inezil Penna. **História geral da Educação Física**. São Paulo: Companhia Brasil Editora, 1980.

MARINHO, Inezil Penna. **História da Educação Física no Brasil**. São Paulo: Companhia Brasil Editora. [s.n.].

MELO, V. A. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed., rev. ampl. São Paulo: Loyola, 2005.

MIRANDA, H. F. **Educação Física: Regulamentação da profissão**. Natal: UFRN, 2002. Dissertação, Faculdade de educação física, Centro de ciências da saúde, Universidade federal do Rio grande do Norte, 2002.

PAGNI, Pedro Ângelo. **A prescrição dos exercícios físicos e dos esportes (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral**. In: FERREIRA NETO, Amarílio. (Org.). **Pesquisa Histórica na Educação Física**. Vitória: Editora do CEFD/UFES, 1997, v. 1, p. 59-82

PEREIRA, Flávio Medeiros. **Dialética da cultura física: introdução à crítica da educação física, do esporte e da recreação**. São Paulo: Ícone, 1988.

SAVIANI, Demerval. **Filosofia da educação brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

SANTOS, Edson Segamarchi dos. **Historia dos Jogos Escolares do Município de Sorocaba em meados do século XX**. Tese de dissertação. UNISO, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à era do rádio**. São paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SOARES, Carmen Lúcia. **Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 1, p. 21-39, set. 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

WEY NETTO, Otto. **As histórias do Futebol Paulista/ Reminiscências do Futebol Sorocabano.** Sorocaba – SP. Editora Paratodos.

ENTREVISTA COM PROFESSOR 01 EM 07/10/2006.

A primeira parte nós vamos falar sobre os cargos que o senhor ocupou e sua experiência profissional.

Eu me formei em 1949 na USP, Universidade de São Paulo e mais cedo, antes de formado eu lecionava a noite na Associação Cristã de Moços em SP em 1949. Quando eu vim para Sorocaba em 1950, logo depois eu fui nomeado no Ginásio Estadual de Nova Granada, foi a minha primeira, minha primeira cadeira. Em 1951 eu voltei para Sorocaba, e entre 1951 e 1952, como substituto eu lecionei no Dr. Julio Prestes de Albuquerque, hoje chamado de Estadão. Depois eu prestei concurso... e a minha primeira escolha, porque não tinha quase o que fazer na escolha, porque eram poucas as cadeiras e eram treze as vagas e eu passei em 13º, então o que sobrou eu tive que assumir, eu fui lecionar em Itaporã.

Itaporã é uma cidade pequena, hoje eu não sei como é que é, eu fui lecionar em Itaporã, é uma cidade perto de Marília, eu morava... (pausa, a esposa dele entrou para servir suco para ambos).

Aonde é que eu tava?

Gilberto: É... Itaporã.

E eu morava, e eu morava em um hotel em Marília. Naquela época, o professor, mesmo de Educação Física, já era considerado disciplina, mas ele ganhava igualzinho juiz, então eu morava sozinho, num apartamento e dava para pagar e sobrava dinheiro, eu ia e voltava de Marília de avião, então veja hoje como o professor em termos salariais está rebaixado.

Seja qual for o professor de faculdade, universidade, a não ser hoje talvez nas universidades de São Paulo, eles estejam com os melhores salários, mas professores do Ensino Fundamental, do Ensino Básico, etc, é dá até dó, viu, é um horror. Não aconselho homem hoje estudar pra professor, isso é carreira que voltou hoje estudar pra professor primário, hoje é carreira que voltou pra, pro feminino. Eh, até tenho amigos que se formaram junto comigo, que já estão todos aposentados, eles de vez em quando, nós temos contato por telefone, eu falo como é que tá, como é que você tá vivendo com o nosso salário, aí eles dizem: ah..., eu casei com professora, então... (risos) nos juntamos os dois salários e então tá mais ou menos dando certo, e eu falo ah... tá bom então.

Depois eu vim para Sorocaba em 1900 e acho que fim, meados de 1953. Em 54. Março de 1954, eu fui nomeado Delegado Regional de Educação Física. Porque naquela época Educação Física também era disciplina e quem tomava conta da Educação Física era o Departamento de Educação Física do Estado... Então a Delegacia de Sorocaba ficou Delegacia Regional de Educação Física, então ela funcionava como inspetores de ensino, nós fiscalizávamos, naquela época tinha Ficha Biométrica de alunos, você lembra disso, não? (Entrevistador respondeu que sim.) Pequei ficha biométrica, essas coisas, altura, peso, aquelas coisas, hoje não tem mais nada disso.

Alguns anos depois, a Educação Física saiu do Departamento de Educação Física e voltou para a Secretaria de Educação, então não havia o porque de haver ela. Então o governo criou a Secretaria de...eu não lembro muito datas e as coisas, porque é muita coisa que aconteceu, eles criaram a Secretaria de Esportes e criaram uma coordenadora e uma coordenadoria que ficou de Educação Física e Esportes, então a Delegacia, invés de ficar Delegacia de Educação Física, ficou Delegacia de Educação Física e Esportes, era o antigo DEFE que falava DEFE, no interior era DREFE, Delegacia Regional de Educação Física e Esporte.

E nós tínhamos 5 inspetorias, 4 ou 5 inspetorias, as que lembro era Itapeva, Inspeção de Itapeva, Inspeção de Avaré, Inspeção de Avaré, Inspeção de Tatuí, Tiete e Itapetininga, eram 5 inspetorias que nós tomávamos conta, e naquela época nós fazíamos ainda Campeonato Colegial, ainda tinha jogos, os Jogos Abertos, Troféu Bandeirantes que hoje não tem mais e muita coisa nós fazíamos, fazíamos na cidade, moço...organizávamos e ajudávamos nos jogos, nos jogos infantis, nos jogos escolares, durante 20 anos eu tomei conta dos Desfiles da Semana da Pátria, depois quando foi o Secretário, o Marins, aí eu me retirei e ele ficou tomando conta dos desfiles, fiquei durante 20 anos seguidos (o entrevistador falou 20 anos), é, o pessoal via essas coisas nas ruas, o desfile, mas ninguém imagina o trabalho que dá, porque a gente precisa pensar até onde acaba o desfile, onde as escolas ficam, onde vão, o maior problema nosso sempre era o escoamento porque nós escoávamos lá embaixo na 15 de Novembro, mas a criançada voltava prá ver o desfile (risos), era um problema sério isso daí, viu e depois foi crescendo muito, muita escola não tinha nem “mudança” de ficarem perto do fórum, do Largo São Bento, etc,

então nós optamos por fazer uma representação, de um número de mais ou menos uns 150 a 200 alunos por escola, porque não tinha mais condições de colocar todas as escolas prá desfilar.

Você veja, naquela época em 1951, 52 só existia o Estadão, agora tem o Padilha, tem o Bierrenbach, o Arquimínio, tem escolas que eu nem conheço.

O entrevistador colocou que agora existem 83 escolas estaduais em Sorocaba. 83 aqui em Sorocaba? Você veja, que só tinha o Estadão aqui, e eu era professor, fiquei professor do Estadão, fiquei professor do Getulio Vargas e lecionei em todas as escolas de Sorocaba, porque naquela época, na verdade, não tinha professor de Educação Física, era raro.

Pergunta do entrevistador: “O senhor já era formado?”

Já, fazia um tempo, eu me formei em 49, só que não tinha professor de Educação Física, eu acho que era o único na cidade. Depois que foi pra lá, foi o Alonso, foi o Peixe, e outros que eu não me recordo, o Marcelo que era da..., do negócio da pecuária, não do leite, como é do Colaso, lembra? Lembra do Colaso, que foi diretor daí? (O entrevistador não recordou, mas respondeu que se lembrava do Seu Alonso e o Peixe, que conhecia ambos).

Daí eles foram estudar e se formaram bem depois de mim, bem depois de 1949. Daí pegou o negócio de Educação Física, antigamente não valorizavam muito o professor de Educação Física, não existia academia, não existia nada disso que você vê hoje, os alunos por exemplo eram loucos pra trazer atestados médicos pra não freqüentar a aula ou se fingiam de machucados, preferiam ficar sentados do que fazer, eles achavam chato esse negócio de aula.

E principalmente quando era cedo então eles ficavam “putas” da vida. (risos). O entrevistador perguntou se a aula era no contra-turno.

Não, não, não era não, dava tempo de fazer em separado a criançada, segundo o horário nosso, as outras aulas, as aulas teóricas eram em outro horário, eu mesmo começava a aula bem cedo, começava entre seis e meia e sete horas, era uma média de 1 hora, 50 minutos de aulas, dez de descanso, já pegava outra turma, era uma média, o professor na época não podia, parece, que dar 6, 8 aulas por dia, eu já não podia dar tantas aulas, porque tinha outros afazeres e depois quando fui nomeado também Delegado Regional de Esportes, então pouco depois eu, não deixou nem mais ir em lugar nenhum,

inclusive da escola municipal, da qual eu era professor efetivo, eu fiquei afastado junto ao estado com prejuízo do vencimento, durante cerca de 10 anos e quando eu me aposentei em 1954, de Delegado Regional, eu fui nomeado mais quatro vezes pra Delegado Regional, depois de 1954 quando eu me aposentei, mas essas quatro vezes em que eu fui, em que eu fui nomeado, era pouco tempo, porque o cargo ficou mais político, então às vezes eu ficava um ano, às vezes ficava dois anos, às vezes ficava alguns meses, porque mudava o prefeito, mudava o deputado, aquelas coisas de política. Então se for contar como Delegado Regional, devo ter ficado uns 35 anos, 30 ininterruptos, passei governo desde o tempo de Garcez, até o ultimo que foi o Montoro, na época do Montoro, que eu me aposentei e enquanto eu tive em Sorocaba, os outros trabalhos paralelos que eu fazia foi: a fundação do primeiro Parque Infantil de Sorocaba, o Antonio Carlos de Barros, que foi fundado também em 1954, a Associação Cristã de Moços também foi fundada em 1954, do qual sou fundador e eu era sócio numero 1, eu nunca entendi, eu só descobri essas coisas, aqui entre nós, mesmo que esteja gravado não tem importância, é que, quando eu fazia reunião entre 53 e 54 na minha casa, na praça Frei Baraúna 60, isso é histórico, era eu, o Paulo Breda, e aquele vereador que está bem doente agora, ... bom, era vereador, mas na época ele não era vereador, mas eu já lembro o nome, e nós fazíamos reunião lá, eu que convidei esses dois para fazer reunião em casa, por negócio da ACM, logo depois o Lotuf que era o diretor mandou uma pessoa pra nos acompanhar, uma pessoa da ACM, pra nos acompanhar, e nunca tinha tido esse movimento de associação cristã de moços no interior do Brasil, se desse certo como deu era a primeira no Brasil.

O entrevistador indagou: “A ACM de Sorocaba foi à primeira do Brasil?”

Primeira no interior do Brasil, e recebia esse senhor de São Paulo, que vinha representando o Diretor da ACM de São Paulo, foi nos orientando, orientando, orientando e fundou o “Triângulo Vermelho”, era o início da associação cristã de moços, chamava-se “Triângulo Vermelho”, e 1954 fundou-se a Associação Cristã de Moços de Sorocaba, a primeira no interior do Brasil e ficou independente de São Paulo e daí logo depois, São Paulo ajudou e eles compraram um prédio dos ingleses ali na Rua da Penha, onde hoje tem ela.

Naquela época tinha uma quadrinha no fundo e joguinho de ping-pong, porque era uma casa velha, antiga, pra atrair associados e eu fui muito criticado, eu fui muito violentado pelos padres daqui de Sorocaba na época, porque eles achavam que tinha cunho evangélico, coisas de cristão na Associação Cristã de Moços, então quase que diariamente saia artigos contra mim, escrito pelo Flu, lembra do Flu? O padre Lúcio.

Entrevistador: “Já ouvi falar”.

Ele escrevia na Folha de Sorocaba, Folha Popular na época, contra mim, ele chegou a mandar um ofício para o governador, um ofício para o Major Padilha, já ouviu falar também, Major Sylvio de Guimarães Padilha, que era meu diretor na época em São Paulo e para outras pessoas para me tirem do cargo daqui. O major Padilha pediu, porque o governador pediu, ele me chamou lá em São Paulo, mas ele gostava da ACM, ele falou, estou chamando você porque o governador pediu, porque recebeu isso aqui. Aí ele falou: o que está fazendo não está incomodando o seu serviço na Delegacia, não se preocupe com isso. Aí eu voltei satisfeito né. (Risos)

Você veja, hoje uma ACM de Sorocaba, tem outras agora no interior, hoje a ACM de Sorocaba, em número de associados, tem dezenas de milhares de associados, ajuda até os padres às vezes, em campanha... em campanha financeira. Você veja: o primeiro Parque de 54, Antonio Carlos de Barros, já na Nogueira Padilha, hoje tem cerca de 90, através do Antonio Carlos de Barros, da instituição dele, que começou as creches, as escolas maternas de Sorocaba, você veja, emprego pra acho que quase mil professoras, porque uma média de parque infantil, tem umas 9 ou 10 professoras, porque tem o turno da manhã e o turno da tarde. Então ... fora a administração, fora cargo de diretor, cerca de 90 cargos de diretores, tem trabalho grande. Foi bom, foi bom, o que eu fiz, e esse negócio de parque infantil, eu comecei a chamar a atenção do prefeito, em rodapé de jornal em Sorocaba, necessita de parque infantil, necessita de tal... e o jornal ofereceu espaço e saia todo o dia. E um dia ele me chamou e perguntou: o que é esse negócio que sai no jornal? Aí eu expliquei e ele me ajudou e fundou.

Eu fui uns dos primeiros professores de Educação Física, desse parque infantil, mas fiquei pouco tempo, porque eu acho que fui o único professor do mundo a ser professor de educação de parque infantil, porque é uma função da mulher

(risos). Eu não conheço nenhum homem que foi professor de parque infantil.

(risos)

Entrevistador: Não tem professor de Educação Física em parque infantil.

É... naquela época eu fiquei pouco tempo, mas poderia ter.

Entrevistador: Seria essencial ter nessa idade.

Ah... seria bom. (Pausa para o lanche).

Isto aqui é quando a Delegacia fez bodas de ouro (mostrando um folheto de comemoração, com o qual ele me agradeceu), coincidentemente tudo foi em 1954, a ACM, a ACM fez 50 anos 2004, o primeiro parque infantil fundado em 1954, então em 2004, em 2004 eles também fizeram jubileu de ouro da Delegacia, então o delegado que estava lá, ele fez esse, esse livreto aqui, um homenageando, etc, pode ficar prá você, aí tem alguma historinha.

Entrevistador: E as competições do Colegial Estudantil, elas começaram em 54 também?

É, naquela época tinha campeonato colegial, tinha... isso era nosso, tinha campeonato entre todas as escolas, todas as modalidades. Mas chegou um tempo, que a Delegacia, ressentia-se, como até hoje ressentente, que não tem um local, nós não temos um lugar apropriado, um local que nós gostávamos que fosse nosso, eu lutei muito para que fosse nosso, foi lá onde funciona o CSU, o Centro Social Urbano, lá no Pinheiros, mas nós não conseguimos, aquele lugar ficou sempre abandonado. Uma outra coisa que também foi desvirtuado foi o CIC, jamais era pra ser um campo de futebol, era para ser um campo de futebol, mas era para ter pista de atletismo, era prá ser tudo lá, não era pra ser só campo de futebol, mas por questões políticas, no fim ficou um campo de futebol, o projeto não era esse, eu lutei bastante para que não fosse assim, mais, mais não adiantava não, nós também lidávamos muito com os jogos universitários, com jogos escolares, jogos universitários, depois campeonato infantil, campeonato colegial e tomávamos contam também dos jogos regionais, jogos, participávamos sempre do campeonato dos jogos Abertos do Interior, etc, mas nós íamos porque éramos escalados, eu fazia parte do Tribunal de Justiça Desportiva, todas essas coisas, então nós sempre íamos.

Aqui você vai encontrar, é um livro que fizeram, tem parte da minha vida no livro, eu não achei o livro para dar prá você, aqui tem bastante coisa, quando eu lecionava na ACM, este aqui é o Júlio Mazzei (mostrando foto do livro), já

ouviu falar no Júlio Mazzei? O Júlio Mazzei era acessor do Pelé, era preparador físico do Pelé, esse aqui é um professor que formou comigo, Cassiano, na foto é o José Carlos, o Cassiano e o Júlio Mazzei, eu vou dar isso pra você. E tem aqui um pouquinho da história do que, do que a gente fez dos jogos universitários.

Os jogos universitários também nós dávamos muito apoio, mas acontece que a faculdade de medicina e a faculdade de engenharia era um problema prá nós, viu, falavam muito nome feio, jogavam lata na quadra, brigavam demais, então nós resolvemos não apoiar, se vocês quisessem fazer jogos universitários, façam entre vocês, porque nós não tomamos mais parte, eu não quero mais fazer isso, me parece que os jogos universitários morreu, não fazem mais, se fazem é só entre a medicina e alguma outra faculdade.

Entrevistador, afirmou: Não tem mais os jogos.

Eu achei sem querer isso aqui (mostrando uma apostila), mas aqui tem bastante história, pra você é bom.

Entrevistador: É ótimo.

Eu era jornaleiro, eu vendia jornal na rua, eu vendia a Gazeta, fui engraxate também.

Entrevistador: Os jogos universitários, eles acabaram quando?

Ah... já faz alguns anos eu me aposentei em 84.

Entrevistador: Já não tinha mais?

Não, ainda quando eu era professor da faculdade também, da administração da UNISO, eu me aposentei lá acho que em 1990, foi o único lugar que eu me arrependi de aposentar, foi na faculdade, era uma rapaziada boa, a rapaziada da administração, eles nunca deram problema lá. Os únicos que davam problemas era a engenharia, medicina, a medicina então nem se fala, não tem condição.

A criançada, jogos infantis, era uma delícia, campeonato escolar com as crianças era espetacular, campeonato colegial também muito bom, tudo, tudo, tudo. Mas lidar com marmanjo, sem condições. Às vezes precisava jogar com o ginásio fechado, depois nós não tínhamos local, tudo que nós fazíamos, era na base do suor, tinha que emprestar o SESI, tinha que emprestar o ginásio de esportes, tinha que emprestar quadras nas escolas, nós não tínhamos nada, o Estado fazia pros outros, mas não fazia pra nós.

Nós devíamos aqui em Sorocaba, e em qualquer outra cidade aonde tivesse delegacia, ter um ginásio, aqueles mini-ginásios padrão, e a delegacia estar dentro do ginásio, você já imaginou quanta coisa dá para fazer, a gente precisa aqui na cidade, não seria uma coisa que tivesse tudo lá dentro, música, como que se diz... fanfarra.

Agora tem até escola de Educação Física, tudo, mas prá nós não bom, viver à custa de empréstimos, era muito difícil à gente fazer coisas boas.

Entrevistador: O campeonato colegial, quando foi o primeiro campeonato estudantil? O senhor lembra?

A data eu não lembro, mas nós fazíamos o estudantil. O nome mudou pra jogos escolares, e a prefeitura que faz agora, naquela época se chamava jogos estudantis, quem nós ajudava muito, era o João Guariglia, lembra do Joãozinho Guariglia? Não da família da Rua da Penha.

Entrevistador: Então... João Guariglia, hoje eu conheço.

Mas é o pai dele, é o pai dele, nós falamos Joãozinho, mas João Guariglia é o pai dele, aquele nos ajudava bastante. Eu também fui presidente da Comissão Central de Esportes, nos últimos anos.

Então por causa dessas coisas, por nós não termos estrutura, nós ficamos nos matando, fiz uma reunião, bem atrás, bem antes de 84. Fiz uma reunião, com meus funcionários e com os inspetores, eu falei: doravante vamos nos ater somente ao calendário da coordenadoria, e nós não temos meios de fazer o que nós queremos, sei também que você inventa um monte de coisas lá, eu também, mas eu não vou inventar mais nada, nós vamos só acompanhar o calendário, o calendário esportivo da coordenadoria e não sair disso.

Então diminuiu bastante, bastante as nossas atividades e eu não sei se você observa, que hoje em dia aqui em Sorocaba, acho que você nem sabe disso, eu não tenho expressão nenhuma.

Desde que o estado foi dividido, em 12 regiões, existem em todas essas regiões, delegacias, então nós temos nas regiões: delegacia do trabalho, delegacia da de cultura, delegacia do turismo, delegacia de administração, tudo isso algumas são inexpressivas, nem aparece, a cultura a gente nem ouve falar. O turismo então é uma vergonha, o turismo sempre trabalhou comigo, eu que dava uma sala, deixava eles trabalharem lá, mas inexpressivo, inexpressivo, uma vergonha, nunca teve nada, até hoje. E essas delegacias

devem ter há muitos anos, mas nunca fizeram “merda” nenhuma, é uma vergonha, a única que ainda faz alguma coisa, é na secretária de esportes, porque ainda tinha o meu trabalho da coordenadoria, eles tem, não o plano de trabalho durante o ano todo, o cabeçalho que nós falamos, ele mandava o cabeçalho para todas as delegacias.

Entrevistador: O cronograma.

É era, então ficou tudo supervisionado pela coordenadoria, pra nós foi bom, é que nós ficamos bem mais sossegados, fazendo o programa deles e ainda estava bom. E pra nós também foi bom, diminuiu bastante o serviço, já não tínhamos aquele negócio de inspeção em escola, nada, ficou bem mais tranqüilo, mas quando chegavam os campeonatos era muito trabalho, porque tinha que levar os alunos viajar, não gostava muito dessas viagens, viagens de ônibus ou de trem, essas coisas eu tinha muito receio, que acontecesse alguma coisa, era muita criança, era muita responsabilidade, ficava com muito medo, principalmente quando era de ônibus, então morria de medo.

Entrevistador: Quem ganhava aqui ia para outras fases?

É ia, as regiões, outra regiões, depois sub-regiões, era bastante jogo, era bastante jogo.

Entrevistado: O senhor acompanhava o ônibus?

Acompanhava, quando eu não podia, ia funcionário junto, mas eu não gostava nada disso. E até hoje eu sou meio contra, eles fazem muitas fases, muitas fases, a criançada gosta, pra eles viajar pra aqui, pra lá, pra acolá, para eles é uma delícia, mas para o adulto dá muito medo, viu. Eu lembro quando fiz aqui uma escolinha de futebol, ia a criançada, a criançada ia viajar, eu alugava ônibus, tudo, eu ia junto mas ia com medo, viu. Chegou um tempo que eu falava: vamos fazer jogos pessoal, mas convida pra vim jogar aqui.(risos)

Entrevistador: Eu viajei bastante com eles, naquela época, eu nunca lembro de ter ido alguém da coordenadoria, nunca foi.

Mas no que? No ônibus?

Entrevistador: É.

Mas porque você viajava, que ramo que era?

Entrevistador: Não é recente, eu fui atleta do Ataliba, né. Mas eu não lembro de ninguém ter viajado da coordenadoria.

Eh..., acho que eu já tinha aposentado, eu me aposentei em 84, às vezes que eu voltei, falei pra você, eu fiquei um ano, dois anos, seis meses, em 82 não sei como é que ficou. E às vezes o delegado são meio "sussegado", os funcionários mudam, mas talvez se não fosse ele, iria um professor junto com vocês, não ia?

Entrevistador: Ia.

Ah, então, não é só aquela cidade que vai, ou só a escola que vai, vai outras, porque é a região inteira, então se ele tem cinco inspetorias, é a região inteira, não dá pra ir em todos os jogos.

Entrevistador: E nessa parte que você fazia inspeção nas escolas, o que era? A inspeção, nós íamos orientar os professores como ele deveria agir com os alunos, e ...

Entrevistador: Por quê? Naquela época não tinha um professor próprio de Educação Física? Da área de Educação Física?

Naquela época, inclusive nós poderíamos dar autorização, a título precário pra professor que não estava formado, tinha determinada tendência a esporte, etc, mas tinha gabarito, já era formado e nós dávamos autorização a título precário a esses profissionais, porque tinha muita falta de professor, quase não tinha professor.

Entrevistador: Então era como um...

Eu era o único professor de Educação Física, depois que surgiu os Atalibas, surgiu os Amaral, surgiu o Bene, surgiu o Peixe, antes era só eu aqui em Sorocaba na época.

Entrevistador: Como funcionava esse professor? Ele era professor da disciplina Educação Física, ele era nomeado então.

Não, não, não, o Amaral por exemplo, quando eu fui fazer concurso em 49...50...Quando eu fui fazer concurso em 50, eu fiquei em Nova Granada e não era a minha cadeira.

Quando eu fui fazer concurso em 51, eu fiquei com uma dor de ouvido violenta, eu tava muito bem preparado, então aquele tempo se eu não me engano, a estrada da Raposo Tavares era de terra, eu pequei um táxi, de táxi fui para São Paulo, mas o cara era lerdo, eu falava corra! Corra! E eu deitado no carro, tava com meu irmão e eu tava com dor de ouvido, e ele chegou atrasado no, no.... e não deixaram eu entrar na sala. Eu dali fui falar com o Governador, o Darci, os

acessores foram falar com ele, mas ele não podia fazer nada, porque já tinha começado o exame. Bom eu não consegui.

Vim embora pra Sorocaba, o professor que gostava de mim lá da Faculdade de Educação Física, esperou eu falando que eu tinha gabarito, porque logo que tivesse outro concurso, que eu fizesse. E realmente, dois anos depois, teve um outro concurso, eu passei, em 13º e eu escolhi Itaporã. Aí começou a minha vida, a minha vida profissional.

A Delegacia também distribuía muita bola pra escolas, nós recebíamos muito material esportivo, dava muita medalha, quem queria medalha eu dava, eu nunca disse não pra ninguém, viu, eu dava medalha pro pessoal, os alunos por exemplo, os meus alunos quando eu comecei a lecionar, os meus alunos que não tinha aptidão para o esporte, o pessoal que tinha um estrutura diferente, que era meio gordinho, que não gostava de correr e nada, eu punha como capitão, pra eles escolherem, porque o pessoal quase não escolhiam eles. (risos)

O ruim é que eles não sabiam escolher, então eles escolhiam primeiro o bonzão e depois o bonzão que ficava escolhendo os outros, eu queria que eles ganhassem prêmio também, entendeu. Mas eu inventava um monte de coisas pra eles ganharem prêmio, quem encestava duas vezes ganha, quem encestava uma vez ganha e inventava mil e uma pra eles ganharem medalhas. E aí eles gostavam. Dei até boxe, luvas de boxe eu comprei, mas sabe, lutar com uma luva de boxe 8 onças não machucava ninguém .

Esses dias até, eu encontrei o Ataíde, você conhece o Ataíde? Eu encontrei o Ataíde num bar aí, e ele falou: - E aí, José Carlos como vai? Lembra quando você era meu professor e me deu uma luva de boxe e eu briguei com o Bifano. Eu dei um soco nele e saiu sangue. Daí eu falei: - Aquela luva não machucava, eu não lembrava disso, mas e agora vocês estão de mal. Ele responde que agora são amigos e foi tudo brincadeira. Eu não lembro disso daí. Mas todos lembram do boxe, gostavam, é coisa nova, né. Eu ensinava primeiro, eu era da equipe de boxe lá da escola, é isso.

Quando eu era delegado lá em São Paulo, eu fui designado com um professor de ... de Taubaté, Paulo, Paulo Bartolomeu da Silva, nós dois fizemos o primeiro código de justiça desportiva do estado. Hoje ainda, até hoje tem no

Superior Tribunal de Justiça Desportiva lá na Coordenadoria, que funciona nos Jogos Aberto, funciona nos Jogos Regionais.

Esses tribunais são tribunais regionais. Então fomos nós que fundamos também, eu e o Bartolomeu, Bartolomeu da Silva, Paulo Bartolomeu da Silva. Foi uma coisa boa que a gente fez.

Entrevistador: O Cruzeiroão, como foi que surgiu o Cruzeiroão, o futebol de salão em Sorocaba?

Como surgiu o que?

Entrevistador: O Cruzeiroão.

O futebol de salão, o futebol de salão, a primeira vez que foi jogado, é que eu tinha esquecido de falar isso, eu aprendi futebol de salão em 1949 na ACM, eles tinham trazido, não sei se foi dos Estados Unidos, de onde foi, por pouco tempo e quando eu saí de lá eu gostei bastante, viu, eu trouxe pra cá, foi jogado a primeira vez no Estadão em 1951, o futebol de salão.

Entrevistador: O primeiro jogo de salão em 1951?

É, 1951. É isso ao também é histórico. Eu falei vamos jogar futebol de salão. Futebol de salão, o que é isso? No começo eu fiz eles jogarem descalços. Era sete de cada lado, agora, se não me engano é cinco, naquela época era sete, qualquer coisa era falta, depois que eles aprenderam mais ou menos, depois puseram tênis, daí jogaram assim. Eles ficaram gostando, daí pegou o negócio. Foi muito bom, mas muita gente já sabe disso, que conversou comigo, eu não estou me gabando não, são certas coisas que aconteceu na minha vida e que você está querendo saber, que você vai ler, depois que você ler, está escrito aí, esse livro é de 1974.

74, de lá para cá, também teve muitas coisas, eu tenho muito diplomas, tinha muitas medalhas, muitos troféus, mas o pessoal aqui não é chegado a isso, então eu dei quase tudo, as minhas medalhas, todos os meus troféus.

Entrevistador: O Edson mostrou o trabalho do senhor de relatório, espetacular. Aquele relatório que o senhor encadernou.

Aquele relatório não sei como sobrou aqui, aquele relatório é dessa época.

Entrevistador: Eu vi, é detalhado, muito bom.

É judiação terem perdido lá na, lá na biblioteca da escola. Tinha bastante fotografia de criançada que hoje é promotor público, outro é médico, é um negócio pra se guardar.

Entrevistador: Eu vi aquele que o senhor deu para o Edson, espetacular.

Aquele lá era mais simples, aquele lá é cópia, tudo papel de seda, era bem organizadinho né, bem arrumadinho né?

Entrevistador: Muito bom, muito bom mesmo.

É, uma pena viu, isso aqui é a coordenadoria (mostrando um livreto), você veja, a Coordenadoria de Esportes, tem: a divisão de esportes, tem a divisão de recreação, eles tomam conta do Conjunto Centro Esportivo “Banco Barioni” de São Paulo, o conjunto Constância Guimarães e tem doze divisões gerais de esportes e recreações. Já tinha mudado o nome outra vez aqui. Tá vindo aí ... Centro Regional de Esportes e Recreação, já tinha mudado outra vez o nome, e isso aqui é de 1982.

E nós queríamos filiar mais 53 delegacias regionais de esportes e recreação, mas não deu certo esse ... esse, essa lei aqui (mostrou uma apostila), a divisão de Esportes queria, o pessoal da engenharia tem ainda; o pessoal da educação técnica tem, o setor de esportes tem, supervisão de atletas tem, o pessoal do planejamento tem, setor de planejamento tem, setor de pesquisa e avaliação não sei se ainda tem, setor de estatística tem.

Você veja, antigamente para você fazer cursos, fui convidado em 1949, pra fazer curso na ACM, você tinha que ir, se não me engano, pra... não sei se é Paraguai ou Uruguai, para fazer curso de secretário da ACM, hoje tem essa escola aqui em Sorocaba, você ia fazer no exterior o curso, mas quando você voltava, tinha que se dedicar só a ACM, eu não quis ficar dois anos fora do país, eu não aceitei. Mas quando veio essa escola pra cá, eles também não me avisaram que veio, aconteceu um negocio meio gozado na ACM, quando nós fundamos a ACM, logo depois tinha uma diretoria, e vinha do Triangulo Vermelho, logo depois lembro quando foi criada, a Associação Cristã de Moços, tinha uma diretoria e logo depois veio o Romeu, não sei se você já ouviu falar, que era secretário geral que tomava conta da ACM, chamava-se o cargo de secretário Geral, não é diretor que chamava, era secretário geral.(...)⁵

Entrevistador: O cargo de Delegado Regional de Esportes era uma coisa boa para o pessoal do esporte.

⁵ Considerando que o trecho da entrevista cita pessoas nominalmente e a entrevista tece considerações sobre elas, por isso em respeito a ética, o autor omite esse trecho na transcrição.

Era, o pessoal falava. Será que o pessoal achava que era um cargo tão importante? Eu num achava não, a gente só sofria, eles mandavam tanta coisa pra gente, a gente que fazia fortalecer, pra aparecer a Delegacia. E enfim cada um pensa de um jeito, eles não vê os tombos né, só vê a hora de beber.

Entrevistador: Um duvida, nessa época tinha bastante legislação sobre a Educação Física. Daí essa inspeção que o senhor fazia nas escolas era pra ensinar os professores, como trabalhar isso?

Não, não tinha nada de ensinar coisa de técnica, coisa de legislação e nem coisa de ... como é que se diz? Para cada campeonato, você vê hoje, tem um livro de não é de técnicas, é de arbitragem, as inspeções que nós fazia era para conversar, pra levar os materiais esportivos de presente pra escola, via as fichas biométricas, conversava com os professores, qual era as necessidades deles, como é que o Diretor tava tratando eles, se eles precisavam de alguma coisa que a gente pudesse ajudar, era uma inspeção mais de cordialidade, mas era inspetoria, nós viajávamos nessas regiões: Itapeva, Itapetininga, etc. Antigamente eu era sozinho, eu fazia tudo, depois que começou vir funcionários e muitos vieram comissionados lá da Delegacia, acharam um orgãozinho pras se encostar lá na Delegacia, então tive vários funcionários comissionados. Eu lembro em 1900 e, acho que o prefeito era o Carlos, não o Flávio Chaves e o Fleury era o governador, em 1992, é até 1992, não até 1994 que era o Fleury, que eu lembro desse, pois desde 1994, quando o dinheiro passou para o real, nós não temos, nós nunca mais tivemos aumento de salário, faz doze anos que eu não tenho aumento de salário. (...)⁶

⁶ Vide nota página anterior.

ENTREVISTA COM PROFESSOR 2 EM 13/10/2006.

Entrevistador: Pode começar Binha. Vai começar na sua formação profissional e depois na sua experiência profissional.

É eu fiz a faculdade na Companhia de Ensino de Bauru, estado de São Paulo, e naquela época uma curiosidade, existia apenas cinco faculdades de educação física no estado de São Paulo, e aquela uma, era uma era uma faculdade particular, mas de um nível assim equivalente à universidade de São Paulo, tivemos lá professores de ponta e um inclusive é até hoje é sensação, é autor de livros, Nuno Cobra Ribeiro, e eu acredito que em nível de qualidade é uma escola muito boa, equivalente a USP, naquela época o curso de Educação Física tinha duração de três anos e a diferença da educação física naquela época para agora, é que a formação do profissional, a grade curricular do curso era voltada para seu lado educativo, o professor educador, o professor era formado para trabalhar com alunos e hoje é diferente, hoje a educação física tem um nível assim mais científico em termos de preparação física, de condicionamento físico, naquela época nós não tínhamos, nós trabalhávamos em termos de partes pedagógicas e uma parte de atividades esportivas, com processo educativo, jogos, exercícios de embasar, fazer aquela base dos esportes, hoje não, hoje você pega o professor de educação física ele já está mais cientificamente, vamos colocar entre aspas o cientificamente, mais qualificado, eu tenho uma filha aqui que é professora de educação física, ela é de uma geração mais ou menos próxima da sua, eu e ela nos somos professores de educação física completamente diferente uma coisa da outra.

Entrevistador: Em que o senhor se formou?

Então eu fui pra lá em 1970 e voltei no final de 72, aí já no meu ultimo ano da faculdade, já com aquele espírito aventureiro, que tudo mundo que não tem muito "money" tem que fazer, no terceiro ano já vinha de Bauru pra Sorocaba, fazia uma pontezinha, para dá aula que era o que eu gostava de fazer, em uma escolinha de Salto de Pirapora, de abril de 72 até o final e continuei na rede estadual desde essa época, eu continuei, eu me formei, eu continuei em salto de Pirapora e em 73 eu fui premiado, trouxeram na porta de casa o emprego no Achilles de Almeida, que é onde eu consegui mostrar um pouquinho mais de qualidade de trabalho e fazer um certo currículo, e desde

73 eu fui para o Achilles e tivemos a oportunidade de ter combatido no bom sentido, pela direção da escola, que tinha outra visão, aquela educação física de antigamente, que era formada, era feita por sargentos e militares, que vinham do método francês, esquema padrão, esse negócio de doido, era a educação física da época, nós não podemos criticar mas era da época, e nós viemos com uma cabeça diferente, uma visão já mais de educador, mais de buscar objetivos por outras formas que não fosse aquele negócio: 1, 2, 3, 4 – 1, 2, 3, 4, que era do militar. E o diretor no começo, ele fez muita oposição, cobrou muito, mas também deu espaço para que dessa discussão, desse confronto de idéias para que nós provássemos o que nós estávamos falando, e tal, e o que a gente estava tentando mostrar, que isso acontecesse e aconteceu, é a escola que era conhecida por métodos de militares acabou sendo na década de 70 e década 80, reconhecida como uma escola “top” de linha, em termos de educação física, e fomos modelo inclusive, estou vendo que você tem material da UNISO na mão, e o Colégio Dom Aguirre, a fundação do Colégio Dom Aguirre, quando reuniram lá o conselho da fundação para criar Colégio Dom Aguirre, o modelo de educação física que foi colocado lá, foi cobrado, foi buscado, trocado idéias do que nós fazíamos no Achilles do Almeida, Colégio Dom Aguirre através do grupo, não era eu somente, eu, Bernadete, Gisele, então foi criado em cima disso aí, o trabalho de educação física, em cima do era feito no Achilles, o Objetivo também na época, as escolas particulares no geral.

Entrevistador: Quando o senhor fala do Achilles, o senhor fala nós, era o senhor e quem?

O Achilles enfrentou duas fases distintas, que é a fase antiga dele que é do prédio velho perto do Ginásio de Esportes, que ali não tinha espaço, tinha um professor de educação física, alias um casal, que se viravam ali para tentar fazer alguma coisa, quando passou para o prédio novo foi aí que eu entrei, em 73, nós já tínhamos quadra e tínhamos espaço e tivemos o aumento do número de aulas, a oportunidade de contratação de professores novos, daí então a minha entrada, entrada da Bernadete e a mudança de mentalidade.

Entrevistador: Esse casal fazia aula no estilo militar?

Esse casal, e aí a curiosidade, esse casal que trabalhava lá, na época quem trabalhava lá foi à esposa dele, mas ele trabalhou junto com ela, meus Deus!

Eu sou professor de Educação Física porque eu devo a eles, eu quando fazia o curso de segundo grau, eu fiz curso de magistério no segundo grau e eles eram meus professores, o Nilton Petroni e a Alzira Petroni, era o casal, então os três anos do curso de Magistério, tinha aulas duas vezes por semana, duas vezes por semana os dois falavam: olha você tem que fazer Educação Física, seu negócio é esse, você nasceu para isso, a minha cabeça na época era de fazer direito, outra coisa, é eles que ficaram três anos batendo, tanto é que acabei me interessando, me informando a respeito, fui fazer.

O destino não escreve histórias não, depois de formado, eu só tinha Salto de Pirapora, e tava assim meio desolado com a profissão, tinha nove aulas, enquanto estava estudando era tudo novidade, mas para um cara que largou tudo o que tinha aqui, serviço no comércio, eu faturava realmente bem para época, largar tudo, ficar um pouquinho na costa da gordinha viúva segurando três anos, e voltar depois com nove aulas e não tinha chance, então eu tava meio assim, entre voltar para o comércio ou me mandar para São Paulo que eu nunca gostei, para fazer o trabalho de técnico esportivo, é que eu não queria São Paulo e nesse meio tempo, nessa fase crítica de optar por uma coisa ou outra, aconteceu uma coisa curiosa que só o destino para poder explicar, esse, o marido dela o Nilton Petroni, que o Professor Milton, que era o diretor, contava com ele para o básico, fundamental e tudo, ele acertou o horário dele no Getúlio Vargas, acertou o horário dele no Padilha, acertou o horário na FEFISO, acertou o horário no SENAI que ele trabalhava, e não tinha para o Achilles, para o ginásial, e pediu para que a esposa dele informasse para o diretor que ele não ia poder, no momento que ela estava passando essa informação para ele, ele disse para ela assim: - Puxa vida eu contava tanto com seu marido aqui, agora que a escola vai crescer ele não via poder, eu tenho esses três rapazinhos que se inscreveram aqui.

Se eu me chamasse José, uma coisa assim, iria passar despercebido, ele pegou a lista e leu nome, quando ele leu Ataliba, na hora caiu a ficha dela, e ela disse que me conhecia, que era bom, que nos ajudávamos muito o casal, quando eles eram professores no Anchieta, montar as equipes, e aí foi automático, Seu Milton falou: - Não dê aula, vá atrás dele, vê se ele tem horário. Eu tinha o dia inteiro, me levou trinta e nove aulas assim de bandeja, em casa, e esse foi o emprego que garantiu minha vida até hoje.

Não sei se você sabia dessa, caiu assim no meu colo, estava desolado, a ponto de abandonar, de não começar a trabalhar de verdade, e ela me levou lá, bateu em casa me chamou, eu fui na casa dela, atrás das listas das classes, naquele tempo formava turmas, cada duas classes, fazia uma turma e me dava até tremedeira, comecei olhar, olhar, olhar que já sabia fazer no Estado, trinta e nove aulas, assim “batidinho”, em questão de trinta dias eu tava de carro zero na mão. (risos) É uma história, rapaz. Esse é Achilles de Almeida, o começo é por aí.

Entrevistador: E daí logo que você entrou já tinha aquele negócio de fazer equipes de competição?

Não, e aí foi a grande luta foi aí, tinha aquela mentalidade, que quem substituía o Nilton Petroni era o José Carlos de Almeida, que era Delegado de Ensino, deu aula de Educação Física na época, e não é crítica, ele já tava no final de carreira, tinha outras coisas e caiu naquele lugar comum que muitos ainda até hoje fazem, de fazer do trabalho de professor principalmente, um bico, então você dá prioridade para todas as coisas e vai descansar lá onde você é professor que ganha pouco, então ele condensava todas as turmas em dois dias, e aí jogava uma bolinha de futebol de salão e tinha torneio de futebol de salão dois dias por semana valendo caixinha de coca-cola na cantina e nós chegamos lá para trabalhar, com cabeça diferente, com projeto diferente, que nós já fazíamos coisas na faculdade, liberados pelo Nuno Cobra, coisas assim de Bruno Carbonare, não sei se você chegou a ver, Bruno Carbonare era um cara que fazia jornal no cinema, notícias da semana, todo semestre Bruno Carbonare estava em Bauru filmando os encerramentos do semestre da faculdade, que todas as áreas do curso tinham que montar um trabalho, como se fosse assim, conclusão de curso, como que chamam agora?

Entrevistador: Trabalho de conclusão de curso?

Trabalho de conclusão de curso, só que lá em Bauru a cada semestre isso daí, era um festival, um negócio maravilhoso, era filmado e era passado no cinema, um negócio lindo.

No Achilles de Almeida nós fizemos isso, não sei se você chegou a ver, se lembra? Os festivais de ginástica que tinha no Achilles de Almeida.

Entrevistador: Não lembro.

Então, eu tenho até algumas fotos aí desse negócio, nós trouxemos para o Achilles de Almeida..., a mentalidade não foi só, muita gente enxergou só o basquete e o vôlei, mas nós tivemos muita coisa interessante, tivemos ginástica olímpica no Achilles de Almeida, inclusive ginástica olímpica, nós fazíamos, por exemplo ginástica rítmica desportiva, GRD que chamava, então nós montávamos com os alunos trabalhos práticos, eles criavam e nós ajudávamos a montar, chegou a época que veio a Copa do Mundo da Alemanha, a televisão começou a entrar e transmitir para todo mundo, então a televisão da Alemanha mostrava assim um trabalho de imagens desacelerando o ritmo, um negócio engraçado, pegava lá os melhores lances acelerava, fazia uma musiquinha, e quando eu pegava de verdade pra criação os alunos que é importante nos já tínhamos essa turminha treinando as equipes de basquete, então muitos alunos que participou dessas equipes o Nilton Pirata que tinha um probleminha no olho. O Nilton participou das equipes, jogava nas equipes da escola e passou a estudar a noite porque trabalhava, ele ia lá e não era aquela história que o pessoal imaginava de chegar lá e fazer, vai da a regrinha de futebol, era aula de verdade mesmo. Nós pegamos um tema que funcionou durante 10 ou 12 anos, a importância da educação física na escola moderna, essa era a minha meta da coisa. Então tudo o que estava dentro da parte esportiva, da parte recreativa do pessoal do noturno era feito em cima desses título dessa visão da coisa, e fase teórica que se chamava, era dada dentro da sala de aula e não tinha como você deslocar todo mundo. Então o que fazia, uma aula durante a semana à noite e abria aos sábados mais um espaço para quem trabalhasse, completava mais um dia. Que educação física conseguimos colocar também lá esse é um trabalho nosso, que educação física deixou de ser uma prática educativa, era uma disciplina como qualquer outra, é nota, você aprovava ou não aprovava.

Entrevistador: A partir de quando?

A partir de, você sabe, 73 nos conversamos e apresentamos para o diretor de escola, teve conselho de escola, foi discutido e aprovado, a rede municipal de ensino, não sei se ainda funciona, mais até alguns anos atrás, saiu do Achilles para a rede municipal inteira, funcionava como disciplina e não como prática educativa, que chamava na época, então tava contando da importância da educação física, esse aluno, esse Nilton ele tava estudando a noite e nós

depois das aulas conversando e mostrando para eles a importância, nós podíamos simplesmente fechar um trabalhinho qualquer, mais nós voltamos no segundo semestre como nota de bimestre, um trabalho de criatividade deles, pra que eles voltassem

Assim é fácil fazer um torneio de futebol de salão e todo mundo jogava, e vôlei todas as meninas jogavam, nós não fizemos isso aí, fizemos um festival de ginástica, nós já fazíamos isso daí com a criançada. E colocamos o noturno também, então eles tinham que montar cada classe era livre um trabalho por classe, dois, três. Formariam grupos, montariam trabalhos de ginástica, nós ajudávamos a montar, corrigíamos as coisas,. E no aniversário do Achilles, comemorado no dia 25 de outubro, era apresentado isso daí.

Olha, foi a maior surpresa, uma das melhores coisas da vida, simplesmente nos colocávamos no festival de ginástica, que a gente chamava, eram 12 ou 13 números, 12 ou 13 trabalhos eram escolhidos. E nesse ano, primeiro ano que nós fizemos com curso noturno, dos 13, 9 eram do noturno, que era o pessoalzinho tipo: “ai vocês não ligam pra eles, não querem nada com nada”, e dos 9 um era essa turma do Nilton, que veio do basquete que eu falei. Então em cima daquele negócio da Alemanha ele pegou como se tivesse um basquetinho que nem aquele do futebol da copa do mundo, ai falavam que não ia dar certo, é muito trabalhoso. Eu falei: Olhe daquele jeito vai ser difícil porque ali o cara ta com a maquina na mão ele acelera o ritmo, mais talvez rápido assim não seja possível, podia pensa em fazer ao contrário, o que você acha, fazer em câmera lenta e tal. O que o senhor quer fazer? Olha vamos tentar fazer com alguns fundamentos, dois, três fundamentos, dá pra fazer, se conseguir ótimo. Nós começamos a pesquisar, trabalhar, trabalhar e a gente ajudando. Na verdade saiu um jogo de basquete, saiu todo o trabalho de fundamento, é o drible, o passe, o passe picado, passe com a mão, passe com o ombro, todo tipo de passe, montamos inclusive, uma, simulamos um joguinho, tinha arbitragem e tudo, e isso aí feito com o ritmo de música, me lembro até hoje, jogava, acho, que 12 minutos, e a musica que eles utilizavam, era um fundo musical que eles faziam no ritmo, era aquele do filme, 2001 uma odisséia no espaço, alguma coisa assim, era uma coisa maravilhosa. Então, nos começamos a bolar dos primeiros fundamentos, foi montando, montando, montando, até que eu comecei a perceber que todos queriam jogar, ai eu fui

cutucando, sabe espremendo mais um pouquinho, aí nós conseguimos montar um jogo.

Então, a dupla de arbitragem, com a saída de bola, que levantava e saía pra quadra, tinha um ataque, que era tudo combinado, uma defesa organizada, fazia a movimentação de ataque, fazia o chute p cesta, tinha o contra ataque por baixo da cesta, dava o giro no contra ataque, terminava aí o negócio, mais até chegar lá demorava 12 minutos os fundamentos, ataque-defesa, tudo isso daí, um negócio espetacular, nos fizemos quando o Nilton Petroni, esse que foi professor daqui, ele era professor de basquete na FEFISO, quando ele soube, ele incluiu no calendário da FEFISO, todos os anos enquanto eu estive lá.

No dia 25 de outubro, parava as aulas na FEFISO e eles iam lá assisti o festival, e esse basquete que o Nilton fez, ele levou o pessoal da FEFISO outras vezes, no mesmo ano, e como tinha alunos da região, Mairinque, São Roque, e esse negócio foi para todo lugar, que eram alunos daqui, que pegavam e levavam pra mostrar lá. Então era uma coisa muito bonita, e é essas coisas q a gente guarda lá no fundinho sabe.

Entrevistador: Mas e o pessoal na época, por exemplo, agora você falou que tinha outras coisas que eram trabalhadas, mas o restante do pessoal, eles trabalhavam só esporte ou trabalhava só militar, ou mesclado?

Veja bem, quando eu comecei, quando eu era aluno, ainda tinha, ainda predominava aquele estilo militar, e porque na verdade a própria legislação da atribuição de aula determinava, não tinha professores de educação física, e era priorizado o cara que era sargento do exército, sabe oficial do exército eles davam aula, então eles vinham fazer aquilo que eles faziam no quartel.

Entrevistador: Na atribuição iam os oficiais é isso?

Se você fosse um sargento do exército, tinha pleno direito, se inscrevia para a atribuição de aula como professor, se tivesse mais pontos você pegava, entende, tanto que lá no Achilles, antes do Nilton Petroni ir pra lá, quem deu aula era um sargento do tiro de guerra, o sargento Neier.

Entrevistador: Como?

Neier, ele era sargento aqui da 14^o, e dava aula.

Entrevistador: Ah, eles eram oficiais e iam à atribuição como se fossem professores?

É, eles iam como se fossem professores, tinha validade a formação militar deles, pra dar aulas de educação física, então ficava aquela história de (22:08) chamava a criançada pra quadra e era esquerda volver, direita volver, e ainda marchava.

Entrevistador: E isso foi até 73, que daí você entrou? Em Sorocaba continuou com esse tipo de aula por muito tempo ou não?

É, não vamos atribuir pra nós isso, que seria muita pretensão, nós mexemos com a estrutura, se tem um mérito na coisa, no nosso trabalho, fomos divisor de água, então esse grupo que trabalhou eu, a Bernadete, a Gisele, depois veio o Ronaldo, a Bel, daí esse pessoal mudou, o divisor de água. A partir daí quando nós começamos a fazer um trabalho diferente, começou a aparecer o nosso trabalho, o nosso propósito, não era só fazer para o aluno, e sim para o aluno e para a escola, nos garantimos isso para o diretor, que se ele desse uma retaguarda a escola dele ia ser conhecida em Sorocaba como nunca foi, e isso aconteceu, até hoje se fala no Achilles, dá uma olhadinha no orkut, no assunto depoimentos, lá você vai achar muita coisa, ainda se fala, até hoje, apesar de tudo, parece que já caiu um pouquinho, não sei qual é a razão, mais ainda hoje, se fala no Achilles se lembra mesmo como contradição, como escola campeã, mais escola de resultado, era consequência do trabalho que era feito.

Você passou por uma fase, eu cito você como exemplo, você se lembra do trabalho que nós fazíamos lá, que a Bernadete passava pra você, a parte de coordenação motora, é isso aí que quando a gente fala em termos de educação física, nos comentamos que havia uma série de dificuldades, que você quando passou também, não sei nem se você sabe disso, a sua mãe levava, ela ia na escola conversava e ela levava alguma coisa pra você fazer, para você acelerar, ai um dia eu falei pra ela: olha, já fazia uma ano, um ano e pouco, você tava acho que na quarta série por aí, é verdade, é verdade, e era mais direto. Ai, eu falei pra ela: deixa o "Giba" continua fazendo as aulas que ele está fazendo, mas ache um jeito, para o Gilberto, pra vê se ele se interessa em treinar basquete, você começou a treinar basquete não era bem porque você ia querer jogar basquete, era para desenvolver a coordenação motora, você queimo etapas, esse é o grande lance de quando a gente conversa por aí, se comenta.

Então, a ida sua para o treino de basquete, não era pra você jogar ainda, era um complemento da parte de coordenação motora, que você já entrava com o negócio mais refinado, e o pagamento nosso, a grande surpresa nossa, foi que acelerou, e você passou a jogar, e aí no ano seguinte você já fazia parte do treinamento, já não mais como carona, que é o que fizeram no começo, como um cara que já fazia parte, que era disputadíssimo para fazer parte do grupo 25, 30, então no ano seguinte você já era o cara que tinha mérito, quando você saiu da 8ª série, na 8ª série você foi o escolhido melhor jogador da fase regional, em Itu, ta lembrado disso ou não?

Entrevistador: Lembro.

Então, isso pra nós é o que vale, pra muita gente achava que nós fazíamos especialização precoce, mas nós fazíamos tudo pra dar uma aula de melhor qualidade, esse foi o divisor de água, então nós colocamos todo aquele pessoal mais antigo com a barba de molho, ou o camarada aposentou e tirou o time de campo ou ele entrou no esquema e começou a fazer por que se não ele ficava fora.

Entrevistador: Se adequou?

É tinha que se adequar, por que se não, não tinha como, o Estadão, por exemplo, ganhava tudo, se não ganhava tudo, o Estadão tinha lá o Julio Amaral, era um dos professores modelo da época, era “o professor” , só que era quem estava mais voltado para as metas dos métodos militares.

Entrevistador: Ele era da educação física?

Era, ele era, mais ele tinha assim essa linha, que ele aprendeu assim, o Estadão, era escola “top-de-linha” na cidade, então lá ele tinha a facilidade da fartura de material humano, e ele era um cara assim dedicado, que tinha equipes de basquete, vôlei, ele a Ligia que era esposa do peixe, que era professor de educação física, então eles montavam equipes e ganhavam tudo, até 75, que em 73 pedimos para o diretor da escola 2 anos de prazo, 75 nós já conseguimos chegar sabe, próximos da coisa, que tinha que dar um tempo para se aprender. E de 76 até 77, a partir daí, nós fizemos uma seqüência de 7 anos, pré-mirim, mirim, infantil, juvenil se formava, quando sobrava aí o pessoas corria pra escola particular, colegial, pré-mirim, mirim e infantil, nós passamos com esse times 7 anos sem perder uma partida, jogando em Sorocaba e região.

Logo depois do Geraldo, e essa turminha Edilene, Valdete, Rosângela, a Sandrinha irmã da Rosângela, e esse timinho que você vê nessa foto aqui, esse timinho aí era embrião da Minercal.

Entrevistador: É eu lembro disso!

Esse time, esse grupo aí chegou a um ponto que não tinha mais graça jogar o escolar, nós fazíamos uma final de escolar que tinha equipes boas, nós fazíamos a final escolar, e quando ganhava apertado, era 60 pontos de diferença. Então, estava perdendo o objetivo, foi quando nós cobramos Luizinho Marins, que era o Secretário da Educação da época, então nós pressionamos, dizendo: olha chegou num ponto que nós não temos mais onde levar essas meninas, a cidade não oferece nada, a cidade não tem nada, aí o Luizinho falou apresente um projeto, que se você apresentar a secretaria da educação cobre pra você, que nós temos time para jogar o estadual. Mandou fazer o projeto mais não esqueça de colocar que não é todos alunos da escola municipal, abre um espaço de 25% pra alunos da rede estadual, pra que eles possam fazer parte da disputa das vagas pra poder jogar. É nós pagamos a taxa de inscrição e condução. E fomos e jogamos, e foi muito bom, que essa turminha aí, chegou uma hora que nós passamos a jogar pela cidade e aí, pegou no embalo, a reuniãozinha lá e tal e, nós entramos e jogamos o estadual, dessa turminha aí, desse time, dessa safra, desse finzinho de safra, deu a Ana Lucia, Ana Mota, só alegria, dessa turminha, nós trouxemos ela de São Paulo, eu levei ela pra uma vaga no Achilles, arranjei um lugarzinho pra ela morar lá, e ela ficou treinando com a gente, é uma historinha gostosa (risos). Não sei se eu estou fugindo um pouquinho do assunto aí.

Entrevistador: Não, não perfeito. O meu interesse é, o que eu queria saber é que nessa época da ditadura, eles usaram muito o esporte como fator de alienação, que na legislação, determinava que a educação física devia ser mais esportiva. Isso foi feito pelos professores aqui de Sorocaba ou não?

Assim, oficialmente não, o que tinha é que, o governo do regime militar, ele tinha, talvez se eu falar pra você que era uma lei talvez eu minta, mas era uma orientação ao menos, de que, se voltasse mais a atenção para a criança, tanto é que no aspecto criminal, por exemplo, se chegasse lá uma mulher alegando que fulano era pai, até que prove o contrário, a orientação que o juiz tinha era praticamente disso, adota, dá o nome do pai pra ela, e depois o cara vai prova

depois se não era. A idéia deles era nenhuma criança sem família, nenhuma criança sem pai, nenhuma criança sem escola, era uma orientação que não chegava a ser lei, se era lei eu desconheço, era uma orientação.

Entrevistador: A partir de um certo tempo, mais precisamente a partir da 5ª série a educação física deveria ser um caráter mais esportivo. E aqui em Sorocaba foi assim?

Em cima disso aí, que veio a abertura, que você tinha na escola o poder de formar, formas as chamadas turmas especiais de treinamento, que essa era a grande briga nossa aqui em Sorocaba, era o nome. Então para você poder colocar essas aulas, você tinha que colocar com esse título, a lei que pedia, turma especial de treinamento, mais na verdade não era o trabalho de treinamento que você fazia, era um trabalho, uma aula, de melhor qualidade, o que o Bramante, o Dado, o Guilmar, a Guilmar era um dos primeiros doutores de educação física no Brasil, e é daqui de Sorocaba, o diretor da educação física da USP. Então eles tinham que não tinham vivido isso ainda, o que acontecia no exterior, eles não tinham de conhecimento aqui no Brasil, que a realidade era diferente. Então lá as escola norte-americanas, européias, faziam trabalho para buscar talento, realmente o americano, era na escola pra busca talento mesmo.

Mais aqui não, aqui nós fazíamos o trabalho, usando essa turma especial de treinamento, o objetivo nosso era dar qualidade para os alunos, ninguém cobrava os alunos que tinham que ser campeão, nós cobrávamos deles, que tinham que ser melhor amanhã do que ele e hoje, essa era nossa proposta, e esse pessoal dessa época são meus amigos até hoje, até hoje discordamos disso, Bramante, Dado, eles achavam que isso era especialização precoce, porque, por exemplo, qual é a diferença do que nós fazíamos e do que era especialização precoce, o que eles chamavam de especialização precoce é o seguinte, é eu pega lá o Giba pra treina basquete por um mês, então o Giba vai fazer 50 bandejas pra acerta 49, 100 arremessos pra acerta 90, quer dizer, cobrar o performance, e nós não cobrávamos isso, nós fazíamos quantas vezes fosse preciso até você aprender, é diferente, nós usávamos o meio educativo, bolinhas de borracha. Então o trabalho de coordenação motora, era intenso, então aprendia fazer bandeja é diferente do que muito faziam na época de colocar arcos, bastãozinho, que o cara pulava o bastãozinho, mais

não aprendia nada, então nós fazíamos o trabalho em conjunto, trabalho de coordenação motora, de refinamento das coordenação, manipulação de bola, de sincronização, o que é sincronizar, coordenação de movimento é uma coisa, sincronizar é você somar movimentos coordenados. Então tinha a sincronização de movimentos, então daí a rapaziada da época, podiam não ser craques mais jogavam basquete, jogavam vôlei, eles jogavam futebol de salão, eles faziam atletismo.

O Carlos é um exemplo de mudança ele era o goleiro, daqueles famosos times, ele estava no colegial já, goleiro de futebol de salão, de futebol de campo, e com o trabalho nosso virou jogador de basquete lá do Achilles, jogador de basquete de Sorocaba, fez também atletismo, olha como o negocio não era bitolado, o atletismo, que era do colegial, cobrava que além da modalidade coletiva, se jogar um esporte coletivo você tinha que se inscrever na modalidade individual, atletismo e natação, e pra levar o coletivo, o esporte coletivo, nós tivemos que montar turmas de atletismo, montar o revezamento e como nós nunca entramos só por entrar, entrava pra fazer alguma coisa, olha entrar está ótimo, mas nós temos que tentar ganhar alguma coisa com o atletismo também, e com esse Carlão, poxa esse Carlão pra época era um gênio, o cara fora dos parâmetros. Então eu troquei idéia com ele, ele é grandalhão, trabalhamos o que? Os 100 metros, revezamento 4 x 100, e o Carlão nós trabalhamos com ele pra ele fazer salto em altura, e veja só o atrevimento aonde vai. Um professor que eu tive que chamava Nuno Cobra Ribeiro, falava você não faz o que você não quer, se você quiser está feito.vai demorar mais sai.

Então peguei esse Carlão, na quadra de cimento, nós fazíamos as passadas, ele fazia saltos no colchão, e fazia o educativo para o salto em altura e para salto triplo, loucura, imagine salto triplo numa quadra de cimento, nós fazíamos isso daí, nós conseguimos levar o Carlão pra conhecer o que era uma pista, a faculdade de educação física, funcionava no Salesiano, então nós viemos aqui fazer um curso de atletismo, aí eu trouxe o Carlão, e tinha uma mini-pista de uns 40 metros e uma caixa de salto, pra ele saber o que era a pista, as 30 passadas de onde ele saia até a tabua que ele ia bater o pé e a caixa de salto, e esse rapaz foi disputar o regional em Itu e saltou quase 14 metros, ele foi o 1º lugar, e no salto triplo ganhou da “japonesada” que tinha aqui de Ibiúna, que

disputava atletismo, aqui da região sudoeste. O Carlão foi 2º no salto em altura e 1º no salto triplo, foi muito bom, a nível de escola, além do basquete, jogava vôlei, continuou jogando o futebol dele, que alias até hoje deve jogar, e foi fazer atletismo, aí você vê que aquele mito de especialização precoce era um engano, ou falta de interesse, por que ele foi convidado a ir até o Achilles, assistir uma semana ou 15 dias de trabalho nosso, ns hora que ele quisesse, podia vir, nós convidamos o Bramante, o Dado, pra chegar a hora que quisesse lá e tirar a conclusão que realmente era especialização precoce. (risos)

Entrevistador: E o treinamento, era atribuído também ou não?

Eles apresentavam um projeto, todo começo de ano eles apresentavam um projeto com a direção da escola, a proposta, o que ele pretendia nessa faixa de idade, quais eram os objetivos, o que você ia fazer com eles, era um planejamento, fazia o projeto, como ia desenvolver o trabalho e apresentava para o diretor da escola e ele aprovava ou não. Dava uma carga horária de 3 aulas semanais.

Entrevistador: Isso daí não tinha no estado tinha?

O estado tinha também.

Entrevistador: Então isso já estava na legislação?

Estava sim. No estado eu trabalhei em Sorocaba, em duas escolas.

Entrevistador: O senhor trabalhou quando lá no Cirillo Freire?

Em 88, eu fui pro Cirillo.

Entrevistador: Já tinha essas aulas de treinamento?

Tinha, tinha, na época, uma curiosidade, na época a cabeça dos profissionais da época, então quando começou a aparecer trabalho nosso no Cirillo, no Achilles de Almeida e no Getulio, no Getulio tinha o Jair, um senhor professor o Jair, excelente professor, mas estavam meio sozinhos, então quando apareceu o Achilles, começou meio que a rivalidade, e a rivalidade pro Getulio Vargas foi um espetáculo, idealizou, ampliou o numero de treinamentos, criaram equipes dos mais variados esportes.

Então começou a dar uma loucura, por que de repente, era até engraçado chegava lá no sorteio do colegial, teve um ano que foi marcante, o Julio Amaral, que era do Estadão, já tinha jogado dois anos, nós já tínhamos começado a ganhar, eram os primeiros anos, 75 por aí, ganhar do Estadão era uma proeza, nós ganhamos do Estadão na final. Aí chegou uns dois anos pra

frente em um sorteio da tabela do colegial, sorteia uma bolinha, outra, saia Achilles de Almeida e Julio Prestes, no terceiro jogo que coincidiu com o Estadão, ele levantou e desistiu de jogar, e nunca mais jogou. (risos)

Ele não sabia mais como explicar no Estadão, por que não ganhava mais, o Estadão era elite, nata de Sorocaba, então ele ficou assim tão desesperado que ele levantou e falou não jogava mais, que estão manipulando, sabe pra fazer bater Achilles e Estadão, mais na verdade ele estava desorientado na época, mais não voltou mais, ai começou a se retirar, dar um chute na carreira também, ai começou a sair, sair e não voltou mais pra profissão.

Mais você vê, o Getulio, então essas coisas o motivaram, o Estadão foi até onde deu, o Getúlio começou a pegar e deu coisas memoráveis, e as outras escolas também, tinha o Padilha, o Padilha era escola, hoje esta mais pra clientela dos bairros, o Padilha era a elite, era centro da cidade.

Entrevistador: Quem era do Padilha?

O Padilha era o Peixe, Peixe também era da Delegacia Regional de Educação Física, e já trabalhava o volleyball.

Entrevistador: Peixe?

Marido da Lígia, professora do Estadão, Ruben Ruiz Oliva o nome dele. Era daquele negócio “peixe, peixinho”, jogador de basquete.

Entrevistador: o Peixe ta vivo ainda?

Ta vivo, é da natação, até alguns anos ele tinha escola de natação, não sei se tem mais, acho que não tem mais, eu já to com 60, ele foi meu professor.

Então botamos fogo no calcanhar de todo mundo na cidade, aí deu certo, tinha uma equipe ótima no Eufrásio Monteiro. Nessa época eu já tava também mexendo com basquete na cidade, e uma coisa puxa a outra. O pessoal falava que no Achilles é fácil pra eles, pega o time do centro da cidade, o basquete é o negócio deles, e a quantidade de material, eles achavam que nós usávamos o material do ginásio pra lá, e era o contrário, a turma do ginásio treinava com o material do Achilles. Quando fui para o Bierrenbach, comentaram numa reunião e eu ouvi: agora indo pra lá vamos ver se faz”, eu falei: olha gente volto no Nuno Cobra Ribeiro, só não faz aquilo que você não quer, você pode não fazer igual, mas que você faz, você faz. Eu até brinquei com ele “que modalidade vocês querem que eu faça de basquete?” Tudo bem, eu fui fazer o pré mirim, o pré mirim era 11, 12 anos, ou 13, uma coisa assim, tinha pegado a

turminha de 5^a, 6^a série, e nós fizemos. Mas olha que eu batalhei rapaz, eu tava lá no basquete, final de tarde, lidando com a molecadinha, e um dia eu tava lá rapaz, chegaram antes sabe? Cinco, cinco e meia da tarde, que era sempre final de tarde, lidando com as criançadinhas, garoando e tal, uma tabela, só tinha metade, da metade pra cima, sem aro, e na outra tabela tinha a tábua toda da tabela e não tinha aro também, então tinha meio quadradinho e um quadradinho inteiro. E nós treinávamos basquete lá, ao invés de jogar na cesta jogava no quadradinho, e lidando, lidando, fizemos todo o trabalho, o que podia fazer, foi bem. Então o que fez aqui, foi fazendo lá, a única diferença é que quando metia a bola na cesta, metia a bola no quadradinho pra ter um alvo. E estava lá, lidando no finalzinho de tarde, aí o outro cara que foi, um cara assim fantástico pra mim na Educação Física, Romeu Gibim! Então ele, ele deve ter sido seu professor.

Entrevistador: Foi!

Eu tava lá lidando, finalzinho de tarde, garoando, tava lá na quadra, e eu vi que tinha um cara encostado no muro, que a rua era alta, e um cara debruçado. Aí eu fiquei mais de meia hora olhando, aí o cara falou “Putá vida, mas tinha que ser você mesmo, com chuva, e jogando basquete sem cesta e sem tabela.” era o Romeu Gibi. Aí eu falei que estavam me cobrando, que fazer que no Achilles é fácil, “Só me falta você botar esse time na final”. Primeira final foi Achilles de Almeida e Júlio Bierrenbach, foi no ginásio de esportes, eu fui sentar na arquibancada, deixei a Bernadete no banco do Achilles, e a Alba Breda que era a professora do Bierrenbach , sentado na arquibancada sem tomar partido nenhum, o Achilles de Almeida ganhou, mas nós fizemos a final.

E mobilizou todo mundo, como é que você chegava na sua escola e ia falar que não dava, Eufrásio Monteiro que era estadual fazia, aí apareceu aqui no Trujillo , também é estadual, começou aparecer escola na Vila Angélica todo mundo fazendo, o pessoalzinho começou a se formar e começou a aumentar o número de escolas de Educação Física, depois que começou a aparecer Sorocaba, começou a jogar gente no mercado. Antes o pessoal entrava e o que eles iam fazer? Pra ele ser notado, ele ia jogar, e tinha que arrumar motivo pra justificar lá na escola dele que tinha que ter treinamento, aumentar o mercado dele. Esperava ganhar do Achilles, do Estadão, ganhar do Getúlio, você conquistou isso, você entrou no mercado também

Entrevistador: Ataliba, era isso mesmo que eu queria, está jóia.

Foi você que me perguntou se é importante alguns nomes... Mas olha, pessoa que realmente mereciam destaque na época, lá comigo a Bernadete, a Gisela, que não tinha nada a ver com esporte, mas tava no meio da Educação Física, tanto é que tive oportunidade de fazer curso técnico de basquete, assim que chamava na época, não quis fazer, mas queria ser técnico de esporte, eu fiz o curso técnico, era um grupo lá que tinha eu, a Bernadete, tinha a Gisela, tinha o Ronaldo, meio chucrão na época, mas entrou no esquema e virou um bom professor, tinha no Getúlio Vargas o Jair Zaneti, a Dagmar Guedes, a Mazé que já falecida. No Estadão com restrição ao lado militar, mas é justo, era um cara de destaque na época também o Julio Amaral, teve o Romeu Gibim, sem sombra de dúvidas um dos mais importantes, quem mais eu vou lembrar aqui de veteranos.

Entrevistador: a Ligia do Peixe.

Peixe! É o Ruben Ruiz Oliva e a Ligia esposa dele, exatamente.

Entrevistador: A Ligia tava no Estadão? E o Peixe?

O Peixe era do Antonio Padilha, é pra esse aí que eu devo tudo, esse aí, a criação aqui é obra dele, Nilton Petrônio e Alzira Petrônio, a Alzira tava lá na premiação do Panathon.

Entrevistador: Nilton Petrônio é aquele que mora ali perto do Salesiano?

Não, aquele é o Nilton Rodrigues, e é professor também, Nilton Petrônio já é falecido, ele foi professor da Fefiso, um dos primeiros professores da Fefiso. E pode botar nessa turminha aí, dois carinhas que são irmãos, você conheceu um deles, eu vou falar o nome do irmão dele porque você conhece o outro, o Carlão, que foram professores. Você via a distinção quando falavam do Carlão e do Giba, o Giba era o, não que você não fizesse, era o bom técnico, o orientador, o que comandava a equipe, o Carlão é muito bom com fundamentos, ele trabalha com fundamentos, então não vou dizer que seja melhor, “ah o Carlão e o Giba...”, não, realmente são bons, só que o Giba é excelente no banco, é o cara que treina, é o estrategista, é o cara que monta, mas eu acho que igual ou talvez até melhor em termos de fundamentos é o Carlão, o Carlão é muito bom, pena que nunca teve chance, foi muita pouca chance a dele. Não sei, você talvez foi mais “no peito”, ele é mais fechado, você já se jogou mais.

Entrevistador: Pois tinha que ir.

É

Entrevistador: Ataliba obrigado.

Eu espero que possa ter colaborado com você.

Entrevistador: Colaborou muito.

ENTREVISTA COM PROFESSOR 3 EM 19/12/2006.

Entrevistador: Então, eu queria...começando pela sua formação e depois sua trajetória profissional...

Bernadete: Minha formação é em Educação Física, bom eu me formei em Educação Física em 1972, na faculdade de Santo André, comecei dando aula... eu já dava aula antes disso, de fazer a faculdade de Educação Física, me formei no normal em 1968 no Estadão, e em 1969 já dei aula de Educação Física em Piedade, que naquela época tinha muitos poucos professores formados em Educação Física, e como eu gostava muito de Educação Física, então já surgiu uma oportunidade de dar aula em 1969, eu me formei em 1967 e em 1968 eu dei aula em Piedade, em 1969 eu dei aula em Porto Seguro e em 1970, no primeiro semestre de 1970, eu dei aula aqui em Sorocaba. Aí eu fui pra São Paulo comecei a fazer faculdade no segundo semestre de 1970 e terminei em 1972, e aí enquanto eu fazia faculdade eu dava aula em São Paulo em 3 escolas do Estado. Me formei, aí eu vim pra Sorocaba, e quando eu vim pra Sorocaba eu já comecei a dar aulas no Achilles de Almeida, dei aula também na Faculdade de Educação Física de Sorocaba, a FEFISO, e comecei a dar aulas na faculdade de Filosofia, eu to até hoje aqui, a Faculdade de Filosofia foi um núcleo onde nasceu a Universidade, e eu continuei trabalhando aqui.

Entrevistador: Quando você foi para o Achilles era 72?

Bernadete: 73.

Entrevistador: 73... Já tava no prédio novo?

Bernadete: Já! Foi no ano que eu fui pro prédio novo. Quando você foi meu aluno?

Entrevistador: Eu estava na oitava série em 1981.

Bernadete: 81, tire 4.

Entrevistador: 77.

Bernadete: Mais 4, você foi meu aluno na 1ª série, quando eu comecei no Achilles você foi meu aluno.

Entrevistador: Engraçado, das 3 primeiras séries eu estudei no Padilha, eu não tenho nenhuma lembrança de lá, eu lembro da professora da classe, se eu for lembra alguma coisa de Educação Física é da quarta série que eu tive aula com você, daí que eu tenho alguma lembrança, mas do Padilha, não sei se não tinha.

Bernadete: Então, daí quando você começou, quando você foi nosso aluno na quarta série, a gente já tinha aquele pessoal, aquela turma que treinava fora do horário né?

Entrevistador: È!

Bernadete: E você já fazia parte né? Era futebol que você jogava? (risos)Então, foi uma época muito interessante de trabalho. Então você me perguntou?

Entrevistador: Na época do primário eram 2 aulas semanais mistas?

Bernadete: Eram 3 aulas semanais...

Entrevistador: Quando ia pra quinta, lá que era 3 fora do período...

Bernadete: Fora do período, e aí eram separados “masculino e feminino”. Mesmo no Achilles alguns anos depois de você ser meu aluno, nós dividíamos a turma, desde o primário, no masculino e feminino. Olha em certos aspectos trabalhar com turma separada fica mais fácil o trabalho, mas eu ainda acho que é melhor quando se trabalha com a turma junta. È melhor assim, que no sentido de que Educação Física tem uma competição muito grande, então inicialmente eu não deixava as meninas jogar futebol, por exemplo, hoje eu já acho que devem jogar, já podem jogar juntos. E essa idéia, por exemplo, de trabalhar turmas mistas é interessante porque a criança já desde pequena passa a ter um respeito e um conhecimento pelo outro, não ficam só os meninos e só as meninas, como é até hoje na maioria das escolas, a maioria dos trabalhos é feito dividindo masculino e feminino, mas eu acho que essa questão de gênero se for trabalhado como tem que ser trabalhada é até mais importante nesse sentido de socialização, do respeito e do conhecimento do outro, porque se ficam, só os meninos e só as meninas acaba criando essa diferenciação de idéias deles mesmos, quer dizer, os homens são tratados de uma maneira, as mulheres tratadas de outra maneira, e isso depois de adulto pode criar uma certa dificuldade que se fosse bem trabalhada enquanto eles eram crianças talvez eles se...

Entrevistador: E agora só particular tem separação né? O Estado não tem. O município tem?

Bernadete: O Município não tem, olha eu não sei como está sendo trabalhado hoje.

Entrevistador: No Estado todas as classes eram mistas...

Bernadete: A classe é mista, a aula é mista, só que na hora das atividades são separadas, a maioria dos professores que eu converso hoje que trabalham, foram meus alunos, ou que estagiaram comigo aqui na UNISO, eles conversam comigo e dizem que eles acabam fazendo atividades com os meninos e atividades com as meninas, em algum momento até pode ser misto, mas na hora da atividade lúdica e recreativa eles acabam separando meninos e meninas. É que a gente que trabalha com Educação Física sabe como é difícil, os meninos ficam nas pontas dos pés querendo jogar bola, e as meninas não, a maioria das meninas querem pular corda, ouvir música, dançar, então é difícil de programar atividades onde você dê a mesma ênfase para os meninos e para as meninas.

Entrevistador: Eu quando trabalhei no Estado, descia todo mundo, alongava todo mundo, se fosse jogar futebol tinha um campo separado e um campo misto. O vôlei era normal não tinha tanto problema.

Bernadete: É, o vôlei normalmente é junto.

Entrevistador: Mas daí a parte da atividade física que a gente tinha que era um pouco mais diferenciada, que nem os meninos faziam uns exercícios e as meninas faziam algumas coisas mais flexíveis, mas os meninos as coisa era mais pauleira mesmo, não tinha muita conversa.

Bernadete: Por isso que eu falo, é difícil você trabalhar com a mesma intensidade com os dois juntos. É, mas vai evoluindo né, aliás, ontem eu me surpreendi e fiquei maravilhada com o prêmio da FIFA pra Marta, é a melhor do mundo em futebol, achei fantástico, quem sabe muda um pouca essa mentalidade.

Entrevistador: E ela um pouco de ajuda de abrir o campo aqui também, porque é só masculino.

Bernadete: Mas eu achei muito interessante, inclusive a fala dela, é a oportunidade que começa a surgir.

Entrevistador: Quebrou um paradigma bom ,aí.

Bernadete: Ah eu achei excelente, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, todos eles conseguiram ser o melhor do mundo... finalmente uma mulher conseguiu. Bárbaro!

Entrevistador: Foi muito bom, ela merecia...

Bernadete: Mas é isso que eu penso, o trabalho de educação física eu acho que é uma área maravilhosa, se for bem trabalhada e bem aceita, eu acho que é o caminho.

Entrevistador: Eu gosto muito, apesar dos meus problemas no joelho, mas eu pretendo depois que eu terminar o mestrado voltar pra área.

Bernadete: Eu gosto muito, tenho meus problemas, tenho problema de joelho, problema de coluna, tenho todos os problemas que a gente tem quando chega a uma determinada idade, mas não pretendo parar ainda, gosto muito do que eu faço.

Entrevistador: Eu acho que é a melhor coisa, o homem se aproxima mais do aluno. Os meus ex-alunos eles se tornam mais próximos, mais amigos, a gente conversa, a gente se abraça, se beija...

Bernadete: É, eu acho isso interessante, muito interessante, eu encontro ainda ex-alunos, que foram meus alunos, na década de 60 no Achilles de Almeida e sempre passa, conversava...e um dia a gente conhece pelas oportunidades, e eu tive oportunidade de trabalhar com os alunos, as meninas de primeira a oitava série e os rapazes de primeira a quarta, mas a gente continuava tendo contato nas quadras, então foi um contato assim muito grande, e elas falam "Puxa vida, você é uma das únicas professoras que eu me lembro ainda da época de escola", porque o que a gente fazia era muito bom.

Então voltando a sua pergunta inicial, como que eu sentia essa época de 64 até o final disso também, e em 64 eu tava na escola ainda eu tava começando o curso normal, e era mais ou menos ativista, promovia algumas palestras, participava de algumas atividades políticas, então eu nunca tive restrição da minha participação estudantil, ou da minha participação de trabalho em virtude da Ditadura, tive sim outras, que todo mundo teve, aquele restrição de participação social, política, era meio complicado, mas nada que interferisse no meu trabalho como professora de Educação Física. Eu sempre gostei muito daquilo que eu faço, sempre trabalhei muito conscientemente...então, como eu tava dizendo pra você, eu nunca tive muitos problemas, porque eu sempre tive

uma sorte muito grande de trabalhar com bons diretores ou também pela maneira de eu me colocar no trabalho, então eu nunca tive assim problemas maiores que eu não pudesse desenvolver atividade ou qualquer coisa assim, em virtude de acreditar na época da Ditadura. Claro que a escola sofreu muito, houve uns problemas muito grandes em nível de educação nacional, o que aconteceu? As escolas tiveram uma diminuição no número de matérias, enfim.

Entrevistador: Matéria como Filosofia.

Bernadete: Isso, a escola pública começou a trabalhar no sentido de fazer o aluno não pensar, vamos dizer, quando eu estudei em escola pública tinha Filosofia, Espanhol, Inglês, Francês, então muitas matérias que na época da Ditadura saíram por uma série de outros motivos. Mas na Educação Física, eu acho que assim, houve um caminho, uma evolução na Educação Física, que quando nós chegamos nessa Educação Física escolar, que a gente tem até hoje, a competição, a gente não teve muitos problemas.

Entrevistador: Na época, um pouco antes, era bem militar a Educação Física né, teve essa mudança ou continuou?

Bernadete: Ah sim teve, eu acho que essa... se a gente for parar pra pensar na história da Educação Física, na evolução, deve ter alguns dados aí que eu não exatamente qual é o período, mas a gente teve a Militar e hoje eu não sei nem muito bem como a gente define Educação Física, mas a gente vê que ela ta partindo pra uma parte de uma Educação Física mais crítica, que possa ta indicando, direcionando realmente o indivíduo pra que ele seja um adulto participante, que ele tenha hábitos higiênicos, hábitos de saúde, porque é muito difícil...e é até interessante a gente ver algumas matérias de pessoas que começaram a praticar exercícios físicos depois dos 50 anos, que agora existe esse mundo de exercícios na Educação Física pra essa faixa etária dos 50 aos 80. Mas se a gente conseguir colocar pra criança já desde a pré-escola a importância do exercício físico, ela tenha isso como um hábito, vai ser um ganho muito grande de saúde.

Entrevistador: Na época que a Legislação para educação Física ela era bastante e eles colocam puxando sempre pro esporte, e isso acontecia em Sorocaba?

Bernadete: Competição! Acontecia e muito, porque você sabe, você era atleta na época de escola e você se lembra como a gente ia para as quadras e os

professores tinham uma vontade muito grande que seu time fosse o campeão. E aí, hoje depois desse tempo todo trabalhando e ainda na ativa tanto no esporte quanto não no esporte, eu trabalho bastante com yoga, eu acho que é muito difícil, por exemplo, que você forme uma equipe que você coloque pra jogar e você não tem pelo menos a idéia de que ela vai ta chegando lá na final, é muito bonito, muito romântico, você usar aquela frase de que “o importante é competir” e que infelizmente, ganhar é só um que ganha, mas eu tenho assim por mim de que é muito difícil tanto para o atleta quanto para o técnico que coloca uma equipe pra competir, faz lá o investimento, nem que seja um investimento grande de dinheiro, mas um investimento psicológico de vontade, de tudo isso...e isso é um pouco devido a essa Educação Física competitiva. Eu por exemplo, por mim, prefiro festival, você faz um festival de vôlei, você leva 200, 300 crianças pra participar, você premia todos com a mesma premiação e eu acho que isso é muito mais importante do que você fazer um campeonato com 15 equipes, onde só um é campeão e só um, ou dois, vão receber troféu, medalha. Mas também por outro lado, a gente não pode deixar sem a competição.

Entrevistador: E o esporte, por exemplo, esse lado sempre teve essa tensão, do esporte e educação física, e o esporte na escola? Porque na escola, por exemplo, se a criança faz a educação física normal e ela integra um clube que crie uma equipe competitiva, então ela tem seu lado social, seu lado recreativo, na escola e no clube de equipe competitiva, mas agora o esporte na escola como competição, que era na época né...

Bernadete: Que é ainda.

Entrevistador: Que é também, como é que você via?

Bernadete: Então, é meio complicado de você separar as coisas, principalmente naquela época, na década de 60, na década de 80, foi muito forte o esporte na escola e como era forte o esporte na escola era um tipo de representação que também era forte! Se a gente pegar outros países por exemplo, a gente vai ver que dois atletas que saem da escola são as equipes adultas, porque não existe essa possibilidade de competição, de treino, de participação fora da escola nas equipes menores, então eu acho que tem a sua importância também, teve muito, foi muito importante.

Entrevistador: É realmente...

Bernadete: Eu acho interessante que você esteja fazendo esse trabalho, porque você vai fazer uma volta ao seu tempo de escola, você começou a competir você tava na quinta série, e foi até o último colegial competindo.

Entrevistador: Não, eu saí antes, eu fui pro Rubens de Faria.

Bernadete: Mas você não competia lá?

Entrevistador: Eu competia até o terceiro.

Bernadete: Então, é isso que eu to falando, quer dizer você mudou de escola mas continuou competindo, e até por buscar a área de educação física talvez pudesse essa paixão, essa idéia de que isso era bom e era importante, então você investiu e está trabalhando nessa área.

Entrevistador: E essa minha fase lá, ela foi muito importante pra mim, porque ela construiu muita coisa minha ali, e tem coisa que levei até hoje.

Bernadete: E que ta com você até hoje.

Entrevistador: É...mas foi bacana, foi uma fase espetacular

Bernadete: Pra mim foi e é ainda, eu já não estou mais até 94, acho que por aí, até 94 eu atuava ainda com o colegial, até 89, acho que até mais do que isso, eu não me lembro bem, eu preciso pegar as datas pra ver, até quando eu me aposentei no Achilles de Almeida que eu acho que foi em 85, não sei exatamente, eu trabalhava com crianças desde a pré-escola até o último ano da faculdade, eu sempre atuei em todos os níveis, o pessoal falava “Bernadete, mas como que você consegue?” e eu falava “eu mudo de máscara”, porque quando eu to trabalhando com as crianças de 6 anos você tem que ter uma postura, então era como uma máscara. O trabalho de primeira a quarta série é outro, o trabalho de quinta a oitava série é outro, no colegial é outro e na universidade é completamente diferente, mas isso assim me deu a possibilidade de desenvolver muitos trabalhos interessantes, agora, acho que de 96, 97, na década de 90, que eu assumi a coordenação no núcleo de esportes aqui na universidade, com a venda da UNISO que já tem 12 anos, acho que há 11 anos que eu assumi a coordenação do núcleo de esportes e aí eu me afastei do colegial, dessa educação física mais próxima da criança, e coordeno aqui toda a parte esportiva da universidade e dou aula de yoga, então eu dei uma guinada, continuo na mesma área, mas como coordenadora eu monto projetos, que eu sou dessas que viabilizo, acompanho e dou aulas de

yoga pra comunidade, pra professores, pra funcionários e pra alunos da universidade.

Entrevistador: Legal

Bernadete: E eu gosto muito do que eu estou fazendo também. Essa parte de montar projetos por exemplo, pra mim era uma coisa que eu tinha um pouco de dificuldade no início, tanto que quando eu fui fazer o mestrado que eu consegui ver mesmo, estudando um pouco mais de Filosofia, vendo mais essa parte de História da Educação e Evolução da Educação Física, é que eu consegui montar os projetos mais de acordo com o projeto de organizar os projetos, viabilizar os projetos que a gente monta.

Entrevistador: No mestrado, eu tenho muita facilidade de falar, aí então eu monto bem projetos, mas o escrever é complicado, pôr no papel que é a minha grande dificuldade.

Bernadete: Mas então eu acho que essa grande dificuldade, antes eu achava assim, que era porque, como eu sou professora de Educação Física, sempre fui muito prática, fiz muitos cursos, muita especialização, mas sempre mais na área prática do que na área escrita, então eu achava que era por isso que eu tinha dificuldade, mas hoje eu já tenho contato com o pessoal do mestrado, porque essa dificuldade pra escrever não é porque a gente desenvolve uma atividade prática, é porque é uma dificuldade mesmo, que professores de outras áreas têm as mesmas dificuldades.

Entrevistador: Tem gente que vai lá na frente e fica com medo. Eu até falar, mostrar, expor a idéia, se contar experiência eu me viro bem, mas na hora de escrever de organizar bem...

Bernadete: É eu sei, porque eu sofri bastante até eu conseguir terminar minha dissertação, mas com um trabalho que eu gosto muito e eu acho que ficou muito bom, que traduz um pouco da minha trajetória na Educação Física, traduz um pouco da trajetória da Educação Física no Brasil, e traduz muito na questão da violência, o meu tema é linguagem corporal como formas de negociação com violência na escola, então eu busco um pouco, pesquiso, essa parte de violência na escola, pesquiso muito da parte da violência segundo alguns autores, filósofos, sociólogos, aí eu coloco a minha experiência como sendo uma possibilidade de estar trabalhando com essas pessoas dentro da escola.

Entrevistador: O tema qual que era mesmo? Linguagem corporal...

Bernadete: Linguagem corporal como forma de negociação com violência na escola.

Entrevistador: Como seria pra Educação Física no que a gente tem hoje, até no Estado. Como seria a forma ideal de esporte e educação física, como se vê um formato próximo ao ideal.

Bernadete: Olha, eu vou dizer uma coisa pra você, se eu tivesse isso eu ficaria rica porque não dá pra... (risos) Eu posso dizer assim que é bastante complicado, eu acho assim que a ousadia das pessoas nessa questão de lutar, de estar participando de campeonatos com toda a dificuldade que tem e tudo isso, é louvável! Mas eu acho que uma fórmula de tá solucionando alguns problemas que existem, é muito difícil. Porque daí a gente passa por muitos problemas, muitas questões, de difícil solução, começa por exemplo, pelo professor na escola, pela postura dele, aí a gente vai partir por exemplo, pra área municipal... entre os torneios de futebol de salão você começa com fraudinha, e dentro de 3, 4 anos você tá jogando futebol... “vai chuta essa bola, você não vai fazer isso, você vai fazer aquilo, você é criança, você é um burro, você é não sei o que...” aí o pai vai e fala assim pro técnico “você não colocou o meu filho pra jogar, o meu filho é muito melhor do que esse que tá jogando” e daí é o técnico com a arbitragem “você tá roubando pro outro time!”, e a criança que vê a informação, que tá ali pra aprender, pra se recrear, o que é que ela vai levar nisso tudo? E daí você pega do fraudinha e leva até o adulto, até o máster.

Entrevistador: E vai levando todos os vícios, crescendo.

Bernadete: Todos, todos. Tanto que você, eu ainda participo de atividades na quadra esportiva, gosto de assistir jogos, então eu percebo que esta atitude é bem de fraudinha, passa pelo infantil, pelo mirim, sub 20, sub 17 e daí vai pro adulto, passa pro máster, e agora tem o máster e tem o mais máster. Em todos, em todos, em todos, dificilmente eu vejo um torneio onde não tenha esse enfrentamento, ou do técnico com a arbitragem, ou do atleta com a arbitragem, ou do técnico com o atleta, ou a torcida com alguém, então isso eu acho que assim, não dá pra você sentir ou como é que eu vou dizer? Por exemplo, tem muitas atividades aqui na UNISO, mas a tradicional mesmo é a Taça UNISO de Futsal, nós estamos já na décima terceira edição, desde o

primeiro ano, nós fizemos a primeira e estamos caminhando. A primeira que nós fizemos, nossa! Foi assim, eu fiquei abismada de ver tanta briga, tantos problemas que eu tive pra resolver, e aí assim foi, foi diminuindo, a gente foi melhorando a parte de organização, dando um pouquinho mais sério no regulamento, e esse ano, essa última Taça UNISO nós tivemos uma expulsão mais séria, em 49 equipes participando, 50 jogos realizados. Então pra mim foi assim uma vitória, e de que a gente ta caminhando, porque eu coloco como objetivo principal pra eles a socialização, o introsamento, como nós temos 33 cursos dentro da universidade, temos 4 campus, alguns alunos não sabem nem o que acontece nos outros campus, então essa é uma hora pra gente se reunir, todos os cursos, todos os campus, então eles têm uma possibilidade maior de socialização. Então eu não tive assim problemas mais sérios, nem com a torcida, nós tivemos em todas as rodas assim 250, 300 pessoas e não tivemos maiores problemas.

Entrevistador: É legal, mas acho que vai muito de quem não faz né?

Bernadete: Não é, eu acho que vai bem também de quem participa

Entrevistador: Não mas aí você penera, porque daí a pessoa, que nem a olimpíada do Salesiano, então tinham as equipes, era 800 alunos participando, a gente já falava pra eles “não quero uma discussão, uma briga, no regulamento a gente já corta e não participa da olimpíada inteira” porque quem ta de árbitro é voluntário, e geralmente as pessoas que a gente levava eram de nível, quem apitava era técnico de futebol de salão, então são pessoas muito boas, bem representativas em Sorocaba e ta colaborando, então aí eu ia, e ia uma belezinha, o Carlão era muito sério nisso, era um ou outro raros problemas que aconteciam.

Bernadete: É, então eu acho que assim, mas é as soluções para os problemas são difíceis, porque são muitos pensamentos, muitas peculiaridades, e sem contar que a criança de hoje é diferente da criança de 40 anos atrás quando eu comecei a dar aula.

Entrevistador: Bem diferente.

Bernadete: Não existe esse termo de comparação, graças a Deus, porque se eles fossem iguaizinhos muitas escolas e muitos professores ainda usam o mesmo caderninho, que fizeram aula, fizeram faculdade a 15, 20 anos atrás, e usa aquele mesmo material, eu acho que isso não é possível, a gente tem que

evoluir de acordo com o que você tem hoje, porque as crianças hoje têm clube, têm Internet, tem jogos, vídeo games da vida, todos andam de carro, que quando ia pra escola no Estadão, eu morava no Santa Rosália e ia para o Estadão a pé de manhã, voltava na hora do almoço, ia a tarde pra Educação Física e voltava de novo em casa. Hoje que jovem faz isso? Nem a minha filha, tem seu carro, e quando muito pouco tem o ônibus que leva pelo menos até a porta.

Entrevistador: Achilles de Almeida tinha tanta fama, eu morava na rua de cima do Achilles, na Tereza Lopes, eu mudei pra Praça Nova lorque, e minha mãe quis tirar eu daqui, então a gente ia de bicicleta, bati um milhão de vezes à pé, é longe.

Bernadete: É então, mas é isso o que eu ia falar, vê se agora as crianças fazem isso? Imagine! Pode ter até um ou outro que vai, mas não é a massa, não é a grande maioria, é uma minoria que ainda, que também não é só que tenha aquela preocupação de ir a pé, pelo crescimento no número de violência é complicado mesmo você deixar a criança ir sozinha até a escola.

Entrevistador: Se tiver um tênis bom, andar um espaço muito grandes.

Bernadete: Mas olha, ali outro dia no Dom Aguirre um rapaz foi trabalhar comigo, começou a trabalhar comigo, começou a trabalhar como estagiário, é aluno da faculdade de Educação Física, trabalha comigo no núcleo e ele tava saindo ali da quadra, a hora que ele foi passar por baixo ali do pontilhão da Praça da Bandeira, ele teve que correr pra não ser assaltado, porque o rapaz queria o tênis dele. Isso a três meses atrás, então essas pessoas eu acho que são bastante complicadas e que acaba fazendo com que a gente leve nas próprias escolas, busca na porta da escola e uma vida assim preocupada, quando você vê uma pessoa diferente na porta da escola, você já fica pensando “mas o que será que essa pessoa está fazendo aqui?” Ela é diferente, ela não faz parte, ela não é pai de aluno, ela não é aluno, então você já fica com aquela preocupação, antes você até podia chegar nessa pessoa e perguntar “oi tudo bem?” hoje você já pensa “o que é que ta fazendo aqui?”. Você tranca as portas, eleva as grades dos muros, você coloca cerca elétrica, você se tranca dentro de casa, aí fica difícil pra educar o seu filho, por que? Porque ela ta tão trancado dentro de casa, que quando ele chega e ele tem qualquer possibilidade aí ele quer estravazar. E também por conta de estar

muito tempo parado, tem televisão, tem vídeo game, porque a mãe não deixa mais brincar na rua, a minha filha mais velha que hoje tem 24 anos brincava na rua, as outras já não brincavam mais, porque? Porque ficou impossível de você deixar a criança sozinha na rua.

Entrevistador: É verdade, o meu é enclausurado, coitadinho.

Bernadete: Mas é isso que eu to falando, por vontade própria sua?

Entrevistador: Na rua não dá pra ir, quando sai a gente leva na escola, pega na escola.

Bernadete: É isso, é exatamente isso, tudo isso deveria ser suprido pela Educação Física, mas a Educação Física não dá conta de tudo.

Entrevistador: E ele tem computador...

Bernadete: Aí... ta vendo... (risos)

Entrevistador: Vídeo game...

Bernadete: Eu sei, porque na minha casa é assim, agora não, porque agora as meninas já estão crescidas, já estão moças, a mais velha já tem 24 anos tem uma empresa de recreação infantil, as outras duas estão em São Paulo fazendo faculdade de moda, mas não sem que eu fique aqui, por exemplo, preocupada porque elas estão em São Paulo, a preocupação continua, só que eu não posso trancar dentro de casa e falar "Não, você não vão!". Então essas pessoas todas passam também pela Educação Física, mas elas são sociais, elas são muito mais amplas, globais, do que a gente possa imaginar.

Entrevistador: Bernadete era isso, muito obrigado!

Bernadete: Imagina.